

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DARCIO RUNDVALT

PARA ALÉM DO CENÁRIO, DO PALCO OU DO PITOESCO:
a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX —
Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay

PONTA GROSSA

2016

DARCIO RUNDVALT

PARA ALÉM DO CENÁRIO, DO PALCO OU DO PITORESCO:
a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX —
Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay

Dissertação apresentada para obtenção do título de
mestre em história, área de História, Cultura e Identi-
dades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Izabel de Carva-
lho.

Co-orientador: Prof. Dr. José Augusto Pádua.

PONTA GROSSA

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

R941 Rundvalt, Darcio
Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX – Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay/ Darcio Rundvalt. Ponta Grossa, 2016.
130f.

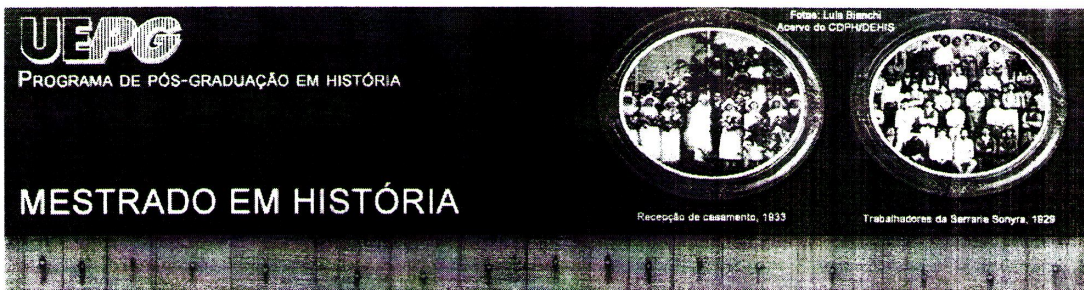
Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alessandra Izabel de Carvalho.

Coorientador: Prof. Dr. José Augusto Pádua.

1.Relatos de viagem. 2.Campos Gerais do Paraná. 3.Paisagem. I.Carvalho, Alessandra Izabel de. II. Pádua, José Augusto. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História, cultura e identidades. IV. T.

CDD: 918.162



TERMO DE APROVAÇÃO

DÁRCIO RUNDVALT

**PARA ALÉM DO PALCO, DO CENÁRIO OU DO PITORESCO: A PAISAGEM DOS CAMPOS
GÉRAIS DO PARANÁ NOS RELATOS DE VIAGEM DO SÉCULO XIX- AUGUTE SAINT HILAIRE,
THOMAS P. BIGG-WITHER E VISCONDE DE TAUNAY .**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 23 de agosto de 2016, pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO (UEPG)
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. DORA SHELLARD CORRÊA (UNIFEL)

Prof. Dr. JOSÉ AUGUSTO DE PÁDUA(UFRJ)

Ponta Grossa, 23 de agosto de 2016.

AGRADECIMENTOS

Franz Kafka certa vez escreveu em seu diário: “sou incapaz de suportar sozinho os assaltos de minha própria vida, as exigências de minha própria pessoa, a ofensiva do tempo e da idade, o vago afluxo do meu desejo de escrever, a insônia, a vizinhança da loucura — sozinho sou incapaz de suportar tudo isso.” As palavras do escritor tcheco poderiam ser minhas, mas infelizmente não são, por não consegui escrevê-las, agradeço-o por tê-las escrito.

Agradeço, antes de tudo, a Bruna: o porto seguro que me desviza da loucura e das ofensivas do tempo.

A minha mãe e meu pai.

A professora Alessandra Izabel de Carvalho e ao professor (espécie de ídolo laico-anárquico e amigo) Antonio Paulo Benatte pela orientação, por acreditarem e por me suportarem.

Ao DEHIS pela prontidão e auxílio.

Aos professores José Augusto Pádua e Dora Shellard pela leitura e críticas que ajudaram a construir a pesquisa.

Agradeço aos meus amigos, são tantos, eu os poderia chamar Legião, e, por medo de pecar pela falta, não os nomearei.

Aos amigos Trovadores: Felipe, Will, Augusto e Bortoli.

Obrigado, sem todos vocês eu seria incapaz de suportar a mim mesmo.

RESUMO

O período do fim do século XVIII e XIX é marcado pela realização das chamadas “expedições científicas”, nas quais instituições e/ou capitalistas mobilizavam grupos de cientistas e capital com o objetivo de conhecer as potencialidades e produzir imagens sobre o que consideravam ser o “resto do mundo”. A partir da vinda da corte portuguesa e da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, em 1808, Sérgio Buarque de Holanda propõe a ideia de um “novo descobrimento do Brasil”: excetuando os primeiros momentos da colonização portuguesa em terras brasílicas, o país nunca parecerá tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, aos simples viajantes, como naqueles anos. Multiplicaram-se as viagens pelo interior do Brasil e a produção e circulação de relatos de viagem sobre o território seguiram o mesmo ritmo. Desde esse período até o fim século XIX, os Campos Gerais, no segundo planalto paranaense, foram visitados por viajantes europeus e brasileiros. Os relatos deixados por eles constituem um importante conjunto documental para a historiografia paranaense. Dessa série, selecionei três para compor a pesquisa que se segue. São eles: *Viagem pela comarca de Curitiba*, de Auguste de Saint-Hilaire, sobre a viagem que o naturalista fez em 1820; *Novo caminho no Brasil Meridional*, de Thomas Plantagenet Bigg-Wither, relata a permanência do engenheiro em terras paranaenses de 1872-1874; e *Viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*, de Visconde de Taunay, que narra a viagem do então presidente da província em 1886. Nesses três relatos cada um dos viajantes destacou os Campos Gerais, dedicaram várias páginas a descrever a paisagem, buscando expor os elementos que a compunham e insistindo em sua grande beleza e possível utilidade.

Palavras-chave: Relatos de viagem; Campos Gerais do Paraná; Paisagem.

ABSTRACT

The period from the end of the XVIII century throughout the XIX is marked by the realization of the so called “scientific expeditions”, in which institutions and/or capitalists mobilized groups of scientists and capital with the objective of learning the potentialities and produce images about what they considered to be the “rest of the world”. Since the arrival of the portuguese crown and the opening of the brazilian harbors to international commerce, in 1808, Sérgio Buarque de Holanda proposes the idea of a “new discovery of Brazil”: excepting the first moments of portuguese colonization in brazilian lands, the country never seemed that appealing to the geographers, to the naturalists, to the economists, to the simple travelers, as in those years. The trips through the brazilian interior multiplied and the production and circulation of travel reports about the interior followed the same rhythm. From this period to the end of the XIX Century, the Campos Gerais, on the second Paraná plateau, were visited by european and brazilian travelers alike. The reports left by them constitute an important documental joint for Paraná’s history and geography. From this joint, I have selected three to compose the research that follows. They are: *Viagem pela comarca de Curitiba*, by Auguste de Saint-Hilaire, about the trip the naturalist made in 1820; *Novo caminho no Brasil Meridional*, by Thomas Plantagenet Bigg-Wither, describes the permanence of the engineer in Paraná’s lands through 1872-1874; and *Viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*, by Visconde de Taunay, which narrates the trip of the then president of the province in 1886. In these three stories each one of the travelers highlights the Campos Gerais, devoting many pages describing the landscape, looking to expose the elements which composed it and insisting in it’s great beauty and possible utility.

Key-Words: Travel-writings; Campos Gerais of Paraná; Landscape.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 -	<i>Preparativos de Reinhard Maack antes da expedição ao rio Tibagi, 1930.....</i>	P. 11
IMAGEM 2 -	Shen Zhou (沈周, 1427-1509). <i>O Poeta no topo da montanha</i> (杖藜遠眺).....	P. 13
IMAGEM 3 -	Caspar David Friedrich. <i>O caminhante sobre o mar de névoa</i> . c. 1818.....	P. 13
IMAGEM 4 -	Localização dos Campos Gerais do Paraná.....	P. 15
IMAGEM 5 -	Pinheiro brasileiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>) — Acampamento do grupo I, à margem da floresta de pinheiros....	P. 86
IMAGEM 6 -	Briga de mulas bravas, na fazenda fortaleza, em disputa pelo sal.....	P. 87
IMAGEM 7 -	The valleys of the Tibagy & Ivahy. Province of the Paraná, south Brazil, by T. P. Bigg-Wither.....	P. 115

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Caracterização dos viajantes. Elaborado a partir dos dados colhidos na pesquisa.....	P. 17
---	-------

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	9
Capítulo 1 — A VIAGEM, O RELATO	20
1. 1 — Saber o mundo: a viagem científica.....	22
1. 1. 1 — Um viajante exemplar: Auguste de Saint-Hilaire.....	25
1. 1. 2 — O engenheiro aventureiro: Thomas Plantagenet Bigg-Wither.....	33
1. 1. 3 — Um reformista modernizador, um conservador instável: Visconde de Taunay	36
1. 2 — A forma e conteúdo: dos olhos do Império e do Imperador	40
Capítulo 2 — PAISAGEM.....	51
2. 1 — Ver a paisagem através das lentes culturais	57
Capítulo 3 — FIGURAS	74
3.1 — ENTRADA.....	77
3.2 — ÁGUA.....	82
3.3 — PINHEIRO	86
3.4 — ROCHAS.....	92
3.5 — CORES/CONTRASTES	95
3.6 — VASTIDÃO	100
3.7 — JARDINS, POMARES E HORTAS	105
3.8 — LIMITES	112
3.9 — SOLO	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

APRESENTAÇÃO

É fim do mês de Agosto. Estou sentado em frente ao notebook, mas olho pela janela: lá fora o dia está nublado, desde o amanhecer até agora, ao entardecer, não houve sol; um frio úmido, de fim de inverno, traz consigo uma ansiedade, na verdade, talvez, apenas revele a ansiedade dos prazos, dos trabalhos, das leituras, das contas a pagar, das responsabilidades: a ansiedade das obrigações da vida adulta.

Dessa mesma janela de onde se podia ver há um ano atrás um majestoso pinheiro de uns quarenta anos, um pinheiro que me viu crescer (se os pinheiros veem... quem sabe?), não há mais muito o que se observar: o pinheiro foi cortado, um estabelecimento comercial vermelho foi construído em seu lugar. Mas o mercado foi mal planejado, ou seus donos tiveram azar (minhas maldições pela morte que causaram talvez tenham pegado), e agora está abandonado, trancando a vista. Essa vista que eu tinha antes da construção é fácil de descrever: estamos no fim do inverno, ao fundo as plantações de aveia amarelas que logo estarão secas e darão lugar a outras plantações, soja dessa vez; não há muito colorido, pois os dias são, em geral, cinzentos, e todas as terras cultivadas são do mesmo proprietário. Em um primeiro plano vê-se várias casas, nenhuma regularidade nas construções, algumas são de dois andares, outras são pequenas casinhas de alvenaria e há ainda algumas de madeira; todo tipo de cor se mistura entre as casas: há verdes, roxas, amarelas, vermelhas, rosas, marrons, brancas... enfim, um arco-íris. Quase não existem árvores, ou jardins; assim que chegou o asfalto — uma legislação municipal obrigou os moradores a construírem calçadas, passeios, isso foi um pretexto para que todo tipo de terra e barro fosse concretado — o vermelho e o preto da terra, o verde das gramas, ou o multicolorido das flores desapareceram: só resta o cinza do concreto, que começa a ficar empretecido pelas chuvas e o tempo.

Mas, se voltarmos à minha janela, e olharmos para baixo, para o solo, há um pequeno jardim, um espaço intimista e irregular que insisto em cultivar. Há ali bromélias, arvorezinhas, várias rosas e flores variadas, um xaxim, uma jabuticabeira podada para que não cresça muito, há grama (ainda que quase toda morta pelo inverno e pela sombra das construções ao lado); esse jardim não é muito rico, nem variado, mas é fresco, frequentado por alguns míseros pardais e algumas gordas pombas cinza. Pode-se até respirar com algum prazer.

A casa onde moro fica no Brasil, no Estado do Paraná, na cidade de Ponta Grossa, conhecida como “Princesa dos Campos” — nunca soube exatamente o porquê, apenas sei que tem relação com os Campos Gerais.

Quando eu era criança, me lembro de que quase não havia casas por perto, e para se chegar a algum lugar atravessavam-se longos carreiros em meio aos campos. Nessa época do ano algumas partes eram queimadas e, entre as cinzas, era possível ver alguma cobra ou passarinho azarados que morreram queimados. Em outras partes pastavam vacas e bois e, às vezes, alguma codorna ou perdiz saía voando quase de baixo dos nossos pés. Os invernos pareciam mais rigorosos, as noites eram mais escuras, e o que não faltava eram figuras místicas que povoavam o lugar: meu irmão uma vez contou que viu algumas “visagens”, assombrações; minha mãe me assustava com todo tipo de criatura sobrenatural que saía pelas noites. Até um piar de coruja era assustador.

Em menos de quinze anos todos os arredores mudaram: hoje se caminha por ruas, tem-se medo apenas de encontrar algum assaltante à noite na rua iluminada. O infernal latido dos cães e o barulho das buzinas dos automóveis por toda parte tornam a vida quase impossível. Não que eu sinta uma grande saudade daquele tempo, mas as mudanças (perceptíveis apenas quando comparadas em décadas) são chocantes: a perda do horizonte, o ar mais pesado, várias alergias e uma infinidade de postes e cabos das redes elétrica e telefônica tornaram minha vida mais intimista, cada vez mais o espaço parece ter sido reduzido e tudo se complicou. Tudo isso move a pesquisa que se segue: estar no mundo, mas não ser tomado pela grosseria do cotidiano, pelo sufocamento de uma perpetuidade que me faz prisioneiro e alheio das imagens do mundo.

Na década de 1930, o geógrafo alemão Reinhard Maack foi fotografado nos arredores de Ponta Grossa, nos Campos Gerais do Paraná.



Imagem 1: *Preparativos de Reinhard Maack antes da expedição ao rio Tibagi, 1930.* Acervo particular de Alessandro Casagrande.

Essa fotografia é bastante emblemática para os que conheceram essa paisagem (ou conhecem ainda seus fragmentos). Se fosse colorida, seria possível ver os variados tons de verde que a compõem: do verde escuro e sombrio dos pinheiros ao verde claro, quase amarelo ou até mesmo cinza, do campo; também seria possível ver o azul quase árido do céu sem nuvens, entre tantas outras cores. Se fosse possível ouvir essa paisagem, o som de um pequeno lajeado faria um fundo quase imperceptível, um calmante som de águas correndo entre pedras na depressão do terreno; ainda se ouviria o piar das gíticas (passarinhos semelhantes a pardais, os famosos tico-ticos), um pio longo e solitário de alguma pomba na copa das árvores; se ventasse (o que é muito provável), os pinheiros estariam balançando, e um som grave e profundo viria dos capões de mata. Se fosse possível sentir algum odor, seria quase impossível descrevê-lo, nosso vocabulário é pobre em palavras para esse sentido que foi relegado a um papel secundário. Os paladares da paisagem são quase inenarráveis — se eu dissesse para um leitor que esse lugar possivelmente teria gosto de barro, água fresca e mato quase poderia ser compreendido; mas se esse leitor nunca viu um pinheiro, ou comeu pinhão, a imagem (?) seria falha. E para narrar as sensações táteis, haveria um vocabulário possível? Infelizmente, acredito que não. Não é possível saber a estação, se faz frio, se faz calor, se o tempo está fresco, a camisa de manga comprida de Maack dá entender que o tempo está fresco; é provável que ventasse (sempre venta nos Campos Gerais).

Uma longa tradição ocidental privilegiou a visão sobre os outros sentidos. Na paisagem tudo converge para esse sentido, tudo se dá no olhar. Temos um extenso vocabulário para descrever o que vemos, um vocabulário reduzido, mas ainda assim

operativo, para o que ouvimos; o paladar também tem seus adjetivos; mas as sensações táteis e olfativas são difíceis de descrever. E, se nos perguntarmos, nossas memórias mais afetivas, e que mais confiamos, não são despertadas pelo olfato e/ou pelo tato? Enfim, nossa cultura primou por uma operatividade dos sentidos e da linguagem, e a nossa tradição de paisagem está totalmente ligada a isso.

Mas é necessário nos voltarmos mais uma vez à fotografia de Maack, para agora nos perguntarmos sobre os artifícios da foto. Não foi o geógrafo que fotografou a si mesmo — os tão banais *selfies* de nosso tempo —, as câmeras da época não permitiam esse recurso. Alguém distante acionou o dispositivo. Reinhard Maack posa para a foto, ainda que sua atitude seja aparentemente despretensiosa, como se fora fotografado distraído, e o fotógrafo (oculto atrás da máquina) se empenhasse em destacar o seu retorno de uma saída rápida. Essas duas atitudes, tanto do fotógrafo quanto do geógrafo, nos fazem sentir como se acessássemos diretamente, sem qualquer filtro, sem qualquer artifício, uma realidade, uma natureza. E a paisagem, tão natural quanto os artifícios nos fazem querer crer, nos parece dada a vista, a apreciação.

Ainda que pareça uma atitude de má-fé “desmascarar” o geógrafo e o fotógrafo produtores da bela imagem, concordo com Roland Barthes que afirma que foram “os pintores que inventaram a fotografia (não tecnicamente, claro, mas fenomenologicamente)”¹. Esses artifícios utilizados para nos fazer sentirmos em contato direto com uma realidade, sem o uso de filtros, sem que vejamos a partir do ponto de vista de um observador; essas astúcias que nos fazem crer que a paisagem é um dado, uma natureza, são antigas, milenares.

As duas imagens a seguir expressam a mesma astúcia artística da fotografia anterior. Ainda que de períodos e locais completamente distantes os artifícios são os mesmos. Os propósitos das três imagens são semelhantes, induzem o leitor a perceber o entorno como natural, uma espécie de fundo — impressionantes com certeza, sobretudo nas pinturas que, sob o nevoeiro, nos afastam do detalhe extremado —, para que suponhamos o que se passa na consciência dos observadores que, também observados (pelo fotógrafo ou pintor), nós observamos.

¹ BARTHES, Roland. *A preparação do romance I: da vida à obra*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 146.



Imagem 2: Shen Zhou (沈周, 1427-1509). *O Poeta no topo da montanha* (杖藜遠眺).

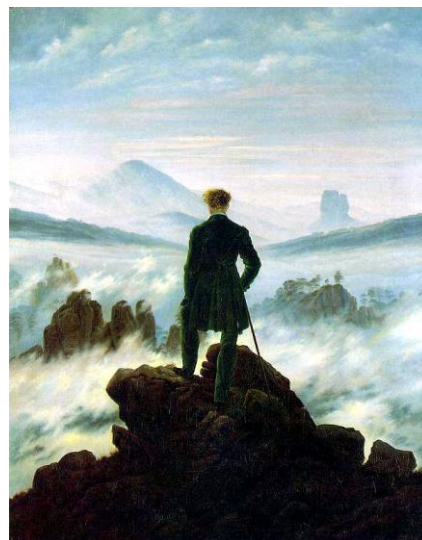


Imagem 3: Caspar David Friedrich. *O caminhante sobre o mar de névoa*. c. 1818.

A fotografia, mais do que a pintura, nos “é obrigada a dizer tudo”, ela “é plena, saturada de detalhes inevitáveis”². Assim, pela segunda barraca disposta ao fundo, posso supor que alguém fotografou Maack; posso também supor também que o geógrafo posara para a foto (despretensiosamente fotografado), pois ao deixar uma fogueira acesa em campo aparentemente seco as chamas facilmente se espalhariam, e algum companheiro que estivesse ainda dormindo seria queimado vivo. Todas as suposições sobre a foto são possíveis (e contestáveis) pelos detalhes; detalhes esses que as pinturas não conseguem transmitir, pois, por mais meticoloso que seja o olhar do pintor, escapam a narrativa e, como propõem as teorias da leitura e da recepção, o que parece (ou é) uma falta na obra é então preenchida pela imaginação e os conteúdos culturais do leitor, tornando toda obra artística uma atitude dialógica.

Voltemos mais uma vez às imagens — não quero chatear um possível leitor já no início do texto, haverá momentos cansativos mais adiante: se se pergunta a qualquer pessoa o que é esse entorno, esse fundo das três imagens, é muito provável que a resposta seja “é uma paisagem”. A palavra paisagem nos soa como a própria natureza, não como resultante de uma arte, de um artifício; a paisagem não é um artefato. Ora, é justamente isso que se pretende discutir nesse trabalho. As três imagens são metáforas da consciência paisagística: um espaço que é observado por alguém e que, pelo artifício narrativo, nos faz ver o ponto de vista do observador, e

² BARTHES, op. cit., p. 151.

não a partir do ponto de vista do observador. Três espaços e três temporalidades diferentes: a pintura de Shen Zhou (沈周) — poeta e pintor chinês do século XV da era cristã — mostra um monge taoísta que, a partir do topo de um monte observa as montanhas envoltas em um nevoeiro; dois elementos que compõe o próprio conceito chinês de paisagem: as montanhas e as águas, o *shanshui* (山水)³. O quadro de Caspar Friedrich retrata um homem, possivelmente um aristocrata, sobre uma pequena elevação próxima a cidade de Dresden, na Alemanha, no início do século XIX; ele observa o local, que não é descrito com detalhes, esse viajante representa o arquétipo do indivíduo romântico⁴. Coincidentemente tanto o monge chinês quanto o viajante alemão portam um bastão, espécie de suporte. E, por último, o geógrafo Reinhardt, no século XX, nos Campos Gerais do Paraná, que montado a cavalo observa a mata de um ponto baixo, sem qualquer interferência de nevoeiro, sob um céu possivelmente muito claro e sem nuvens.

O antropólogo francês Philippe Descola nos diz que “nenhuma paisagem é naturalmente dada, essa noção implica na existência de modelos perceptivos e um trabalho de idealização da coisa percebida de maneira que se conforme a um estereótipo”⁵. O que se almeja é entender como um ambiente, objeto (*in situ*)⁶, é mediado por um sujeito a partir de um ponto de vista e torna-se uma paisagem, a imagem do país (*in visu*), através de astúcias narrativas, e como essa conformação em uma narrativa oculta toda a problemática que envolve a apreciação de uma realidade e os interesses nisso envolvidos.

³ Sobre o conceito chinês de paisagem, Augustin Berque nos fala que: “a palavra que, no século IV no sul da China, e pela primeira vez no mundo, tomou o sentido de ‘paisagem’, era *shanshui*, ‘os montes e as águas’. Ela fora utilizada durante séculos sem conotação estética, como o sentido de ‘as águas da montanha’, essencialmente pelos engenheiros hidráulicos que se preocupavam em corrigir os estragos das torrentes. Essas águas da montanha eram também o refúgio de gênios da natureza selvagem, hostis aos humanos”. Em francês no original, tradução minha: “Le mot qui, au IV^e siècle en Chine du Sud, et pour la première fois au monde, prit le sens de ‘paysage’, était *shanshui*, ‘les monts et les eaux’. Il avait été utilisé pendant des siècles sans connotation esthétique, avec le sens de “les eaux de la montagne”, essentiellement par des ingénieurs hydrauliciens qui se préoccupaient de corriger les ravages des torrents. Ces eaux de la montagne étaient aussi le repaire de génies de la nature sauvage, hostiles aux humains”. BERQUE, Augustin. Des eaux de la montagne au paysage (La naissance du concept de paysage en Chine). s.d., p. 1. Disponível em: fondazione.univ-corse.fr/attachment/407753/. Acesso em 22/06/2015.

⁴ Cf. GASSNER, Hubertus. *O Caminhante sobre o Mar de Névoa*, s/d, s/p. Disponível em: <https://www.deutschland.de/pt/topic/cultura/artes-arquitetura/o-caminhante-sobre-o-mar-de-nevoa>. Acesso em 25/06/2015.

⁵ Em francês no original, tradução minha: “Aucun paysage n’étant naturellement donné, cette notion implique l’existence de modèles perceptifs et un travail d’idéalisations de la chose perçue de façon à ce qu’elle se conforme à un stéréotype”. DESCOLA, Philippe. Écologie symbolique. *Annuaire de l’EHESS*, Paris, 2006, p. 380.

⁶ Essas noções serão explanadas no capítulo 2.

Para que possamos compreender de que se tratam os Campos Gerais do Paraná, eles foram definidos como “uma região fitogeográfica (isto é, caracteriza pela sua vegetação natural), compreendendo os campos limpos e campos cerrados naturais situados na borda do segundo planalto paranaense”, e “constituem vegetação reliquia, isto é, remanescente de épocas mais secas do Quaternário (últimos 1,8 milhões de anos da história da Terra)”⁷. Para se ter uma ideia da sua localização, segue reproduzido um mapa elaborado pelo geólogo Mário Sérgio de Mello, a partir dos critérios fitogeográficos definidos por Reinhard Maack:

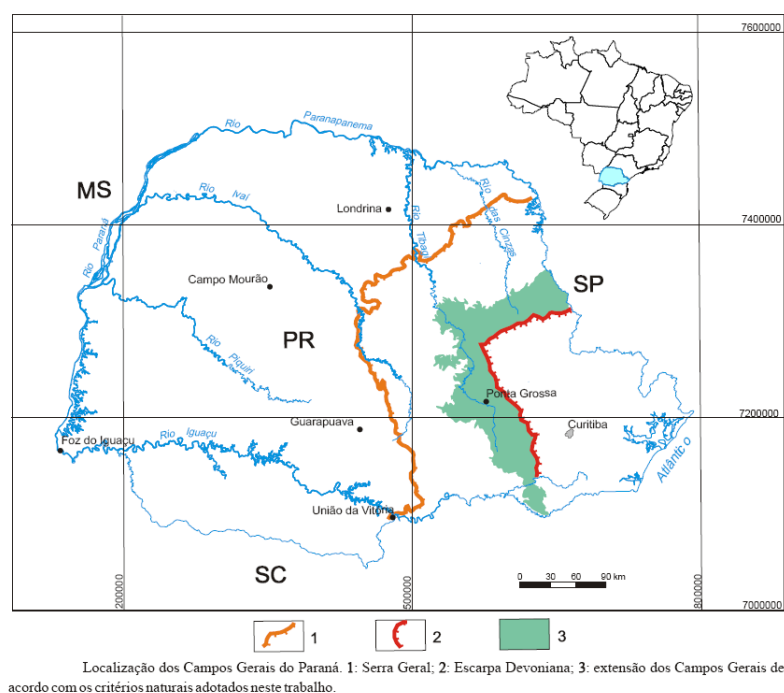


Imagem 4: Localização dos Campos Gerais do Paraná. In: MELO, Mário Sérgio de; MORO, Rosemeri Segecin; GUIMARÃES, Gilson Burigo. Os Campos Gerais do Paraná, p. 17.

A denominação dessa área de Campos Gerais parece datar do final do século XVII, quando Artur de Sá e Menezes, então governador do Rio de Janeiro, escreveu ao rei de Portugal, informando que “[...] segue-se a utilidade dos Campos Gerais, os quais são tão férteis para o gado que dizem estes homens, virão a ser outra Buenos Aires porque para a parte sul confinam com os caminhos da nova co-

⁷ MELO, Mário Sérgio de; MORO, Rosemeri Segecin; GUIMARÃES, Gilson Burigo. Os Campos Gerais do Paraná. In: _____. (ed.). *Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa: Uepg, 2007, p. 17.

lônia [possivelmente a Colônia de Sacramento, no atual Uruguai]⁸; mas é difícil ter certeza sobre a toponímia no período, e o governador menciona ainda uma possível ligação com a Bahia, no outro extremo do território — o que para o período não parece absurdo. De fato, a nomenclatura generalizante, campos no plural, define uma variedade de tipos, entre campos limpos e campos cerrados, intercalados com galeirias de matas de araucária.

Como afirmam Mário Sérgio de Mello, Rosemeri Segecin Moro e Gilson Burigo Guimarães

A região denominada Campos Gerais do Paraná não tem uma definição única e permanente, visto que esta tem sido modificada, atendendo a necessidades e conveniências de uma identificação regional dentro de um estado com marcante dinâmica territorial nas últimas décadas.

A identidade histórica e cultural da região dos Campos Gerais remonta ao século XVIII, quando, graças aos ricos pastos naturais, abundância de invernadas com boa água e relevo suave, foi rota do tropeirismo do sul do Brasil, com o deslocamento de tropas de muares e, posteriormente, gado de abate, provenientes do Rio Grande do Sul com destino aos mercados de São Paulo e Minas Gerais. Nessa época, os campos naturais da região tornaram-se muito disputados, e a coroa portuguesa começou a expedir cartas de sesmarias em favor de homens a ela fiéis e de prestígio político local. [...]

Mais recentemente, outras definições têm sido adotadas para os Campos Gerais, atendendo a objetivos e interesses diversos, resultando em delimitações também diferentes⁹.

No decorrer do século XIX, a partir da vinda da corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos às nações amigas, os Campos Gerais foram então visitados por alguns viajantes europeus e os relatos deixados por eles constituem importante conjunto documental para a historiografia paranaense. Dessa série, selecionei para compor a pesquisa dois relatos de viajantes europeus: Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pela comarca de Curitiba*, publicado em 1851, relata a viagem que o naturalista fez em 1820; e Thomas Plantagenet Bigg-Wither, *Novo caminho no Brasil Meridional*, publicado em 1878, relata a permanência do engenheiro em terras paranaenses de 1872-1874. Ainda, de uma personalidade brasileira bastante atuante durante o período monárquico, o político e militar Visconde de Taunay, utilizo seu relato *Viagem filosófica aos Campos Gerais e Sertão de Guarapuava*, publicado em 1923, relata a viagem que o então presidente da província fez em 1886. Essas três

⁸ ZULIAN, Rosângela Wosiack. “A semente de uma grande cidade”: uma leitura dos discursos construídos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa, *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol. 14, no. 2, 2009, p. 108-109.

⁹ MELO, Mário Sérgio de; MORO, Rosemeri Segecin; GUIMARÃES, Gilson Burigo. Os Campos Gerais do Paraná, op. cit., p. 18-19.

narrativas foram selecionadas devido ao destaque que cada um dos viajantes deu aos Campos Gerais. Todos os três dedicaram várias páginas a descrever a paisagem, buscando expor para o leitor os elementos que a compunham e insistindo em sua grande beleza e possível utilidade.

Para que o leitor possa ter uma ideia de quem eram as três personalidades (que serão mais bem estudadas no capítulo seguinte) segue um breve quadro descritivo:

Nome	Nacionalidade	Ocupação	Financiamento	Período	Objetivos
Auguste de Saint Hilaire	Francês	Naturalista	Duque de Luxemburgo	1820 (Janeiro-Março)	Coleta e inventário da flora
Thomas P. Bigg-Wither	Inglês	Engenheiro	Visconde de Mauá	1872-1874	Construção de estrada de ferro (Curitiba/Pr-Miranda/MS)
Visconde de Taunay	Brasileiro	Político e Militar	Não consta	1886 (Março)	Conhecer o território

Quadro 1: caracterização dos viajantes. Elaborado a partir dos dados colhidos na pesquisa.

No primeiro capítulo, cada um dos viajantes e relatos é apresentado. No decorrer desse capítulo busca-se expor as estreitas relações entre a produção de relatos de viagem e os projetos imperialistas europeus (em especial de França e Inglaterra) e nacionalistas brasileiro do século XIX. Partindo da proposição de Sérgio Buarque de Holanda de que a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808, e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas no mesmo ano, significou um novo descobrimento do Brasil, é possível afirmar que a partir desse momento houve à inclusão do país em uma extensa rede de interesses coloniais europeus que se delineavam. Os viajantes estrangeiros que percorrem o território brasileiro no decorrer do período insistiram na prodigalidade da natureza brasileira, na vastidão do território e na imensidão de seus recursos, assim como firmaram uma imagem do nativo como indolente, preguiçoso, incapaz de fazer uso correto de todas as potencialidades da nação.

A partir da independência brasileira de Portugal em 1822, começam-se a firmarem projetos nacionalistas, visando integrar as diversas partes da ex-colônia portuguesa ao Império que então se construía. Esses projetos demandavam a necessidade de conhecer o território para administrá-lo; para isso diversos políticos, engenheiros, eruditos, etc. viajaram pelo país. Essa elite nacional, profundamente

inspirada pelos viajantes do início do século, se apropriou dos discursos e formas dos viajantes estrangeiros. Os relatos de viagem de brasileiros da segunda metade do século XIX frequentam uma tópica imperial muito semelhante à europeia. Da mesma forma que os europeus, os brasileiros insistiam nas potencialidades da nação e na indolência de seus habitantes.

O conceito de paisagem é discutido teoricamente no segundo capítulo. Por frequentar um amplo vocabulário científico, esse conceito é ambíguo e polivalente. Tenta-se então torná-lo operativo em uma pesquisa em História: o que se compreende quando se fala em paisagem? O que seria uma paisagem? Como os viajantes apresentam e representam a paisagem dos Campos Gerais? São essas as questões que norteiam a discussão teórica e multidisciplinar.

No terceiro capítulo proponho um procedimento usado pelo semiólogo francês Roland Barthes no decorrer de sua guinada pós-estruturalista, a partir dos anos 1970, em que se seleciona um tema, um problema (no caso um conjunto de problemas descritos nos capítulos 1 e 2), fragmenta-se um conjunto de textos (fontes) e os reordena-se em função daquilo que se denominam *figuras*. A partir dessas figuras almeja-se tirar o discurso de sua condição de afirmação, de inatualidade. Nas palavras de Barthes: “quando um discurso é [...] lançado por sua própria força na deriva do inatual, deportado para fora de toda gregariedade, nada mais lhe resta além de ser o lugar, por exíguo que seja, de uma *afirmação*”¹⁰.

As *figuras* são o elemento fundamental para este procedimento. Uma figura é uma “alusão retórica”, “um pedaço delimitado de discurso, localizável porque intuitível”¹¹. Elas não são hierarquizadas, ou quantificadas (pode-se, na medida em que o discurso toma outras veredas, acrescentar ou retirar figuras); além disso, o objetivo de reunir, de selecionar, de elencar uma *figura* de um dado discurso é torná-la atual, é fazer com que aquele que lê ou ouve uma dada figura a reconheça, tornando presente a sua enunciação, atualizando, e assim portanto, dando um sujeito ao enunciado.

Para que tal procedimento seja aplicado, uma nova estética textual é necessária, pois se afasta do modelo científico — modelo fortemente marcado pelo méto-

¹⁰ BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes), p. XVI.

¹¹ BARTHES, Roland. *O neutro*: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977 -1978; texto estabelecido, anotado e apresentado por Thomas Clerc. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes), p. 24.

do, que nas palavras do semiólogo francês “fetichiza o objetivo como lugar e, assim, afastando os outros lugares, o método se põe a serviço de uma generalidade, de uma ‘moralidade’”¹². Essa apresentação do texto é mais livre, as citações são usadas não enquanto elemento de autoridade, mas sim como a expressão mais clara possível de uma ideia, de um problema; assim sendo, as referências são colocadas no canto esquerdo do texto, com o nome do autor e a página citada, visando desta forma maior fluência do texto principal à direita, composto dos fragmentos reunidos. Assim, uma figura pode estar dispersa em partes distantes do próprio texto, e o simples ato de descolocar esses fragmentos e reuni-los a partir de uma figura ressignifica os elementos textuais, retirando-os de sua aparente ingenuidade narrativa; dispersos no enredo, esses elementos operam pela aparente neutralidade do ato de narrar. Como são utilizados apenas os textos dos três viajantes, as referências à esquerda indicam somente o autor e a página.

A partir desse procedimento irei elencar algumas figuras que podem ser consideradas importantes da paisagem dos Campos Gerais e da percepção dos viajantes: água; pinheiro (*Araucaria angustifolia*); rochas; entrada; vastidão; solo; cores/contrastes; jardins, pomares e hortas; limites. Em função desse procedimento é possível perceber que alguns temas e preocupações são constantes, que algumas imagens se repetem, certos estereótipos se fixaram no imaginário, sobretudo quando se fala na prodigalidade na natureza, na indolência dos habitantes locais e na semelhança com as paisagens europeias (uma aproximação que visava à imigração de trabalhadores europeus).

¹² BARTHES, Roland. *Como viver junto*: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos no Collège de France, 1976-1977; texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes), p. 6.

Capítulo 1 — A VIAGEM, O RELATO

*Étonnants voyageurs ! quelle nobles histoires
Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!
Montrez-nous les écrins de vos riches mémoires,
Ces bijoux merveilleux, faits d'astres et d'éthers.*

*Nous voulons voyager sans vapeurs et sans voile !
Faites, pour égayer l'ennui de nos prisons,
Passer sur nos esprits, tendus comme une toile,
Vos souvenirs avec leurs cadres d'horizons.*

Dites, qu'avez-vous vu ?

(Baudelaire, *Le voyage*)¹³

Um novo descobrimento do Brasil. É assim, de maneira forte e contundente, que o historiador Sérgio Buarque de Holanda define a série de acontecimentos decorrentes da vinda da corte portuguesa e da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional. Afirmo o historiador que, excetuando os primeiros momentos da colonização portuguesa em terras brasílicas, “nunca o nosso país parecera tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, aos simples viajantes, como naqueles anos”¹⁴. A colônia que até então permanecera desconhecida fora do mundo português (o que se sabia sobre a fauna, a flora e a geografia brasileira não ia muito além do que fora divulgado por Laet, Piso e Marcgrave na obra *Historia Naturalis Brasiliae* de 1648, quando do governo de Maurício de Nassau¹⁵); a mesma colônia onde se restringira a permanência “suspeita” do naturalista Alexander von Humboldt em 1800, sediava a partir de 1815, no Rio de Janeiro, o centro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire marca esse episódio na primeira parte de sua série de relatos da *Viagem pelo interior do Brasil*; ressalta ele que “Quando o rei D. João VI mudou para o Rio de Janeiro a sede do seu império, o

¹³ Na tradução literal para o português os versos de Baudelaire perdem seu efeito musical, obtido através da métrica e das rimas, por isso a preferência em mantê-los no original em francês. Tradução literal: “Surpreendentes viajantes! que nobres histórias / Lemos em vossos olhos profundos como os mares! / Mostrei-nos os escritos de vossas ricas memórias, / essas joias maravilhosas, feitas de astros e éteres. / Queremos viajar sem vapor e sem vela! / Fazei, para alegrar o tédio de nossas prisões, / passar sobre nossos espíritos, estendidos como uma tela, / vossas lembranças com seus quadros de horizontes. / Dizei, que vistes?”

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. A herança colonial — sua desagregação. In: _____. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira* (Tomo II, Volume I). São Paulo: DIFEL, 1970, p. 12.

¹⁵ RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008, pp. 97-133.

Brasil abriu-se, finalmente, para os estrangeiros. Essa terra, nova ainda, prometia aos naturalistas as mais ricas messes”¹⁶.

A curiosidade estrangeira, sobrepujada por tanto tempo, podia ser enfim saciada; ou como diz Sérgio Buarque: “Nesses poucos anos foi como se o Brasil tivesse amanhecido de novo aos olhos dos forasteiros, cheio da graça milagrosa e das soberbas promessas com que se exibira aos seus mais antigos visitantes.” Daí a sua tese de um “novo descobrimento do Brasil”; descobrimento este divulgado por meio de textos e imagens dos “muitos sábios estrangeiros que, pela mesma época, virão conhecer para depois divulgá-las, as belezas e riquezas da terra”¹⁷.

Para o sociólogo Gilberto Freyre, a presença de D. João VI (príncipe com poderes de rei; figura singular, geralmente retratado como molenga e porcalhão), de sua corte e seus ministros; “a simples presença de um monarca em terra tão anti-monárquica nas suas tendências para autonomias regionais e até feudais, veio modificar a fisionomia da sociedade colonial; alterá-la nos seus traços mais característicos”¹⁸. Com isso, um conjunto de medidas sociais e, principalmente econômicas, “começaram a alterar a estrutura da colônia no sentido de maior prestígio do poder real. Mas não só do poder real [...]; também das cidades e das indústrias ou atividades urbanas”¹⁹. A partir desse momento, “o patriarcado rural que se consolidara nas casas-grandes de engenho e de fazenda [...] começou a perder a majestade dos tempos coloniais”²⁰.

Ainda, conforme Holanda, entre a classe letrada brasileira, formada nas universidades europeias do período, forjava-se “a noção cada vez mais nítida das imensas potencialidades de uma terra que o obscurantismo cobiçoso da mãe-pátria queria para sempre jungida ao seu atraso e impotência”²¹.

Tais mudanças tiveram efeitos significativos nas terras além-mar; a Independência, em 1822, certamente foi aquela com maior potencial de reordenação dos rumos nacionais — tal como havia observado de maneira perspicaz o inglês Robert

¹⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* (tomo I). Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 21.

¹⁷ HOLANDA, op. cit., p. 12.

¹⁸ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil* — 2. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 33.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ HOLANDA, op. cit., p. 10.

Southey no início do século XIX: “galho tão pesado não pode continuar unido, por muito tempo, a tronco tão gasto”²².

Para os viajantes, geógrafos, engenheiros, simples curiosos, esse momento foi, sem dúvida, de intensa descoberta: “o Brasil do início do século XIX estava sendo devassado por muitos viajantes, de várias origens, que vieram ao país motivados por diferentes razões”²³.

Multiplicavam-se as viagens pelo interior do Brasil e a produção e circulação de relatos de viagem sobre o território seguiram o mesmo ritmo — de fato a palavra interior, como marca do desconhecido e do exótico, frequenta o vocabulário de quase todos os viajantes até meados do século XX.

As permissões concedidas pela coroa portuguesa definiam uma complexa hierarquia àqueles que desejavam visitar e estudar esse novo mundo: nem todos poderiam ir a todos os lugares, e, em razão da conjuntura política, havia grande indisposição à presença de franceses em território brasileiro até 1816. Além disso, nem todos os viajantes vinham ao Brasil pelo mesmo motivo. Certamente, havia a atração pelo exótico; mas, para além da aventura, uma viagem além-mar no período era uma tarefa difícil, que exigia preparação e recursos.

1. 1 — Saber o mundo: a viagem científica

A palavra viajante frequentemente nos soa plena, parece capaz de englobar em uma única categoria toda uma miríade de indivíduos, projetos e objetivos. Apesar de sua boa aplicação, de sua capacidade de definição, é necessário construir uma tipologia diferenciada quanto à formação e aos objetivos de cada viajante. Nesse sentido, José Augusto Pádua insiste na necessidade de uma leitura mais detalhada dos relatos de viagem; uma leitura capaz de questionar a importância das diferenças de condição profissional e institucional, de financiamento e de objetivos, e do tipo de representação da paisagem local feita por cada viajante²⁴.

²² SOUTHEY apud HOLANDA, op. cit., p. 11.

²³ LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 24.

²⁴ PÁDUA, José Augusto. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. João Pacheco de Oliveira Filho propõe que é necessário refletir sobre “a validade analítica da utilização da categoria genérica de ‘viajantes’ para um universo bem diferenciado de produtores intelectuais, onde existem diferentes tipos de bens simbólicos envolvidos, cada um deles ligado a mecanismos bem distintos de produção e de circulação, bem como a instâncias variadas de legitimação e consagra-

Com efeito, a divulgação era o elemento mais importante dessas (re)descobertas; pois, se viajar nesse mundo não é novo, tão pouco há novidade em relatar.

Por apresentar novos saberes, os relatos de viagem foram responsáveis pela mudança de ideias e mitos no ocidente. Impondo imagens fortes e provocando debates, essa forma de escrita foi bastante cultivada e possuía desde muito tempo leitores cativos.

A viagem — “deslocamento que se faz para ir de um local a outro relativamente distante”²⁵ — é marca frequente de admiráveis figuras do imaginário ocidental, sejam elas reais ou fictícias: Caim, depois de matar seu irmão Abel, foi condenado a ser peregrino e errante sobre a terra; Marco Polo ostenta em seu livro as maravilhas do Oriente; Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, após um naufrágio na costa brasileira, viveu entre os indígenas antropófagos, conheceu as gigantescas cataratas do Iguaçu; entre tantas outras, essas figuras marcadas pela viagem são apenas alguns exemplos entre tantas, pois como Réal Ouellet afirma “sejam laicas ou religiosas, coletivas ou individuais, fictícias ou históricas, elas [essas figuras] constituem imagens fortes do destino”²⁶.

Para além de uma marca no imaginário, de um sinal de grandes personagens, a viagem (entre valorizações e desvalorização ao longo do tempo) foi — e ainda é — considerada uma das formas mais eficientes para aquisição de um saber, sobretudo laico. Em um sentido específico, que aqui interessa, é a expedição do naturalista alemão Alexander von Humboldt à América espanhola (1799–1804) que define “o moderno modelo de expedição científica, intimamente associado à expansão do conhecimento”²⁷. Com isso, “as crônicas de viagem, desde o início dos tempos modernos — sobretudo a partir das últimas décadas do século XVIII — tradu-

ção”. Portanto, para que essa categoria seja utilizada é necessário ater-se “ao conjunto de autores nomeados, recortados e valorizados por esses *classificadores*, isto é, a um domínio cristalizado de ideias, fatos, juízos e avaliações, o qual se subordina a regras de produção próprias ao universo intelectual”. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes In: _____ (org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1986, p. 92-93.

²⁵ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Mini dicionário Houaiss da língua portuguesa* (verbetes Viagem). Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 759.

²⁶ Em francês no original, tradução minha: “Qu’elles soient laïques ou religieuses, collectives ou individuelles, fictives ou historiques, elles constituent des images fortes de la destinée.” OUELLET, Réal. *La relation de voyage en Amérique (XVI^e-XVIII^e siècles)*. Au carrefour de genres. Québec: Les Presses de l’Université Laval, 2010, p. 1.

²⁷ PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR. 1996, p. 204.

zem o permanente esforço de classificação e sistematização do conhecimento, de enfrentamento e decodificação da heterogeneidade da cultura”²⁸.

Alguns eventos são essenciais na redefinição dos projetos, das viagens e dos relatos de viagem a partir do final do século XVIII: a publicação, já em 1735, do *Systema Naturae* (*O Sistema da Natureza*), de Lineu, que possibilitou a descrição, a partir de um sistema único, de todas as formas vegetais terrestres em língua não nacional, o latim; a expedição *La Condamine* que visava medições no equador para provar a forma elíptica da Terra, no mesmo ano; e a já mencionada expedição de Alexander von Humboldt, obra que notabilizou o naturalista alemão e estabeleceu um novo paradigma para a escrita e compreensão da natureza²⁹; o aperfeiçoamento das competências cartográficas, possibilitando viagens marítimas mais seguras e o avanço aos interiores continentais.

Enquanto projeto de exploração e forma de adquirir conhecimento, a viagem se difunde entre as instituições europeias de saber. O período do fim do século XVIII e XIX é marcado pela realização das chamadas “expedições científicas”³⁰. Instituições e/ou capitalistas mobilizavam grupos de cientistas e capital com o claro objetivo de conhecer as potencialidades e produzir imagens sobre o que consideravam ser o “resto do mundo”. Trata-se de ver com os próprios olhos, realizar uma autópsia, como propõe François Hartog — ato que “fundamenta a veracidade das proposições mas, além disso, presta contas da maneira de escrever do autor, justificando a presença repetida de marcas fortes de enunciação”³¹. A produção de relatos de viagem, a partir de então, deixa de ser exclusividade de “viajantes-aventureiros”, passa às mãos de “naturalistas, zoólogos, paisagistas”³²; também responde a finalidades específicas: comunica descobertas, inventaria potencialidades, cria relações diplomáticas; é, enfim, um “museu de tudo” — para os habitantes do Velho Mundo, é claro.

²⁸ PAZ, op. cit., p. 206.

²⁹ Segundo Karen Macknow Lisboa, “Humboldt anuncia um novo estilo de descrição de viagens científicas. O autor formula uma ‘maneira estética de tratar temas de história natural’, afim de complementar e intensificar as revelações da ciência sobre as ‘forças ocultas’ que regem a natureza.” De forma que “praticamente todos os naturalistas e viajantes de expedições científicas [...] que vieram ao Brasil, desimpedidos com a abertura dos portos, inspiraram-se no estilo de viagem e de narrativa da obra de Humboldt.” LISBOA, op. cit., pp. 40-44.

³⁰ O sociólogo João Pacheco de Oliveira Filho insiste que as viagens científicas precisam ser vistas enquanto “um fenômeno regido por um conjunto de normas sociais específicas, um campo onde existem papéis e posições bem estatuídas e para o qual convergem expectativas e recursos definidos socialmente”. OLIVEIRA FILHO, op. cit., p. 102.

³¹ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999, 276.

³² SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 45.

Unindo, de forma singular, a perspectiva científica e a visão romântica (essencialmente humboldtiana) da natureza em uma narrativa de aventuras e descobertas, os relatos de viagem tinham grande recepção na Europa e, posteriormente, nas Américas. Além de uma leitura acessível ao público letrado, também “serviam de fonte para várias modalidades das ciências empíricas, justamente por sua forma pouco especializada; em última instância, preenchiam certos requisitos difundidos pelo ideal pedagógico da Ilustração”³³. Nesse sentido, como aponta Mary Louise Pratt, “encontramos uma imagem utópica do indivíduo burguês europeu, simultaneamente inocente e imperial, professando uma benigna visão hegemônica que não instaura qualquer aparato de dominação”³⁴.

Os cientistas da natureza, até então presos em gabinetes ou envolvidos em incansáveis debates, passam a assumir uma postura mais ativa, a autópsia ganha lugar de destaque em suas práticas; a viagem é, portanto, parte essencial em sua vida: trata-se, assim, do cientista-viajante. Como expõe Flora Süssekind, “se ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais, ao cientista caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e correlações o que se encontra pelo caminho”³⁵. Compete então ao cientista-viajante do século XIX unir, em uma mesma narrativa, as duas funções.

É nesse momento, então, que Auguste de Saint-Hilaire realiza sua extensa viagem pelo país.

1. 1. 1 — Um viajante exemplar: Auguste de Saint-Hilaire

Auguste Prouvençal de Saint-Hilaire nasceu na cidade francesa de Orléans em 1778, mesma cidade em que faleceu em 1853. De família afortunada e nobre, dedicou-se aos estudos de História Natural, em especial à anatomia dos frutos e propriedades curativas de plantas; sua atenção se voltava tanto aos aspectos filosóficos da história natural (cuja inspiração vinha do famoso literato alemão Johann W. Goethe e de Alexander von Humboldt), quanto aos aspectos práticos de sua especialidade: seu olhar de cientista percorria desde o macro ao micro; tanto a filosofia natural, quanto o utilitarismo se complementavam em sua mirada. Suas biografias dão

³³ LISBOA, op. cit., p. 38.

³⁴ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 69.

³⁵ SÜSSEKIND, op. cit., p. 45.

nota de que viajou à Holanda e Alemanha antes de embarcar para o Brasil em 1816, como componente da expedição do Duque de Luxemburgo; expedição essa que objetivava resolver o conflito entre Portugal e França quanto à posse da Guiana. Sua estada no Brasil durou seis anos (1816-1822), fato marcante para a carreira acadêmica à qual se dedicou posteriormente.

Diz o próprio cientista:

Consagrei seis anos inteiros a percorrer uma vasta porção do império do Brasil; palmilhei cerca de duas mil e quinhentas léguas [entre 12.000 a 16.000 quilômetros]; visitei as províncias de Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina; passei vários meses na república Cisplatina; vi tudo o que ainda resta das antigas missões jesuíticas da margem esquerda do Uruguai, e ousei esperar que a relação da minha viagem acrescente numerosas noções novas às que já se possuem relativamente à parte oriental da América do Sul³⁶.

Em seu primeiro relato da extensa série de *Viagens no interior do Brasil*, o viajante afirma que sua saúde ficou debilitada depois da longa excursão; e, em 1828, reivindicou ao Ministério do Interior francês uma pensão pelos serviços prestados à ciência: o cientista-viajante apresenta-se como uma espécie de mártir que comprometeu sua saúde e vida à pátria e à ciência³⁷.

O naturalista afirma que “o estudo dos produtos vegetais do Brasil constituía, sem dúvida, o objetivo principal da viagem”; no entanto, não se descuidou em “recolher luzes que possam, sob outros aspectos, dar uma ideia perfeita de região tão interessante”³⁸. Associando ciência e viagem, Saint-Hilaire alude que, “o gosto pela história natural faz nascer o de viajar”, e que “após ter estudado os objetos que o rodeiam, o observador sente a necessidade de examinar outros, e daí esse desejo insopitável, que experimentaram quase todos os naturalistas, de visitar regiões longínquas.”

Diante da descrição de Saint-Hilaire uma questão se coloca: quais motivos o impediram de visitar a Amazônia? Sendo a Amazônia uma das regiões de maior interesse para os naturalistas europeus na época, chama a atenção a falta de menção por parte do viajante francês a essa região; ainda mais, se considerarmos que Saint-Hilaire acompanhava a expedição do Duque de Luxemburgo que se propunha a resolver o conflito entre Portugal e França pela posse da Guiana (em pleno território

³⁶ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 13.

³⁷ Cf. KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellèctus*, São Paulo, ano 2, n. 1. ROSSATO, Luciana. *A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Itajaí: UNIVALI, 2007.

³⁸ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 13.

amazônico), as incursões às partes meridionais do Brasil, tidas como menos interessantes, pareceriam improcedentes.

Os litígios territoriais e os resquícios da invasão francesa à Portugal, quando do período napoleônico, explicam a falta de menção do viajante às possessões brasileiras na Amazônia. É muito provável que o naturalista não recebera uma autorização da coroa portuguesa para visitar essas áreas praticamente inacessíveis.

Quanto à passagem de Saint-Hilaire pela então 5ª comarca de São Paulo, a comarca de Curitiba, atual estado do Paraná, esta foi realizada no verão de 1820, entre 26 de Janeiro e 4 de Março; período, ainda hoje, de frequentes chuvas e tempestades, às quais se referiu repetidamente. Conta o viajante que nesse período “não houve, talvez, dois dias seguidos sem chuva, e de fato essa é a época em que as chuvas são mais abundantes”³⁹. Isso marcou de maneira efetiva tanto a sua percepção da paisagem — como se verá adiante —, quanto a realização dos seus trabalhos, diz Saint-Hilaire que “choveu durante quase toda a jornada e eu recolhi muito poucas plantas”⁴⁰.

Em território da comarca de Curitiba, Saint-Hilaire seguiu de norte a leste, atravessando os Campos Gerais do Paraná entre Jaguariaíva, Tibagi e Castro; depois seguiu para Curitiba, de onde rumou até Morretes, passando por Paranaguá e Guaratuba e, daí, prosseguiu viagem para o litoral norte de Santa Catarina.

A impressão do relato que narra a passagem do viajante pelos Campos Gerais foi realizada apenas em 1851, ou seja, 31 anos depois da viagem. Está contida no segundo tomo da quarta parte das *Voyages dans l'intérieur du Brésil. Quatrième partie. Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Saint-Cathérine* [Viagens no interior do Brasil. Quarta parte. Viagem nas províncias de São Paulo e Santa Catarina], e foi impresso por *Arthus Bertrand, libraire-éditeur, libraire de la société de géographie*, em Paris. As edições brasileiras para esse relato separam a primeira metade do segundo tomo para compor um livro à parte, buscando tratar apenas do trecho do relato que descreve o estado do Paraná (inexistente antes de 1853, quando da emancipação política da província).

Logo no paratexto editorial, o nome do autor é acompanhado por uma longa descrição das funções e atividades que exercia, eram elas:

³⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Tradução de Cassiana Lacerda Carolo. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Farol do Saber), p. 16.

⁴⁰ Ibidem, p. 38.

Membro da academia de ciências do instituto da França; professor na faculdade de ciências de Paris; cavaleiro da legião de honra, das ordens de Cristo e do cruzado do sul; das academias de Berlim, São Petersburgo, Lisboa; c. l. c. dos curiosos da natureza; da sociedade linneana de Londres; do instituto histórico e geográfico brasileiro; da sociedade de história natural de Boston; da de Genebra; botânica de Edimburgo; médica do Rio de Janeiro; filomática de Paris; de ciências em Orleans; etc⁴¹.

Todo o conjunto de adjetivações reforça a autoridade daquele que relata. Insere-o em uma rede de instituições e em comunidades científicas internacionais. De fato todos os paratextos editoriais — aquilo por meio de que um texto se torna um livro, se propõe como tal a seus leitores: nome do autor, título, prefácio, ilustrações, etc⁴². — revelam o caráter geral do relato, orientam sua leitura, apresentam a feição da narrativa, manifestando os poderes e propósitos envolvidos na concepção da viagem e do próprio relato. O prefácio do autor para edição não é menos esclarecedor. Diz Saint-Hilaire que em seu relato [*relation*]:

Encontrar-se-á descrito, com a mesma exatidão, não somente os lugares que visitou, mas também as mudanças que os escritores indicaram depois de sua viagem. [...] O autor se entregou às mesmas observações críticas, e se esforçou a retificar vários erros que estão difundidos nos livros sobre a geografia e etnografia do Brasil; citou, com o mesmo cuidado, todos os autores dos quais emprestou algo e, com esse fim, se esforçou por reunir as obras publicadas sobre o Brasil⁴³.

Por trás de todos os paratextos se revela uma preocupação premente de todo viajante: a impossibilidade de confiar na própria memória e, inclusive, nas anotações recolhidas durante a viagem — além, é claro, da afirmação da cientificidade pretendida no contexto já exposto. Pois, afinal, nada menos que trinta anos separam a viagem da escrita do relato.

⁴¹ Em francês no original, tradução minha: “Membre de l’académie des sciences de l’institut de France, professeur à la faculté des sciences de paris, chevalier de la légion d’honneur, des ordres du christ et de la croix du sud, des académies de Berlin, s. Petersburg, Lisbonne, c. l. c. des curieux de la nature, de la société linnéenne de Londres, de l’INSTITUT historique et géographique brésilien, de la société d’HISTOIRE naturelle de boston, de celle de Genève, botanique d’Edimbourg, médicale de Rio de Janeiro, philomathique de paris, des sciences n’Orléans, etc.” SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Saint Catherine, tome second*. Paris: Arthus Bertrand, Libraire Éditeur, 1851, p. III.

⁴² GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2009, p. 9.

⁴³ Em francês no original, tradução minha: “On y trouvera décrits, avec la même exactitude, non-seulement les lieux qu’il a visités, mais encore les changements que les écrivains ont indiqués depuis son voyage. Il s’est livré aux mêmes observations critiques, et a tâché de rectifier les nombreuses erreurs qui se sont répandues dans les livres sur la géographie et l’ethnographie du Brésil; il a cité, avec le même soin, tous les écrivains auxquels il a emprunté quelque chose, et dans ce but il a fait tous ses efforts pour réunir les ouvrages publiés sur le Brésil.” SAINT-HILAIRE, *Voyage...*, op. cit., p. V-VI.

Esse problema enfrentado na parturição do texto é latente quando Saint-Hilaire descreve a população do distrito de Castro:

Conta a população do distrito de Castro com um número de homens verdadeiramente brancos, muito maior do que nos distritos de Itapeva e de Itapeitinga. Em 1820, a população da cidade se compunha de 5.000 indivíduos, incluindo-se 500 escravos, mas tinha sido muito maior antes que o coronel Diogo, por sua extrema severidade, não forçasse um grande número de pessoas a deixar a região. Se os dados fornecidos por Pedro Müller são exatos, houve a partir de 1820 um aumento de 1.190 indivíduos em dezoito anos, o que devia dar, em 1839, uma população de 6.190, incluindo-se aí os 1.612 escravos, dos quais 727 eram negros africanos e 292 mulatos⁴⁴.

Na tentativa de dar a ideia mais exata possível a uma impressão (a de que a maioria da população dos Campos Gerais era predominantemente branca), o autor recorre a não menos que três referências bibliográficas apenas nesse trecho, são elas: Pizarro, *Memórias históricas do Rio de Janeiro* (1822); Spix e Martius, *Reise in Brasilien* (1823); e Daniel Pedro Müller, *Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo* (1839). Nesse sentido, a proposição de Daniela Casoni Moscato de que os cientistas-viajantes do século XIX eram também viajantes-leitores, e que “os relatos de viagem do século XIX, mesmo baseados na necessidade de comprovar a experiência presencial, não descartam o diálogo com outros olhares de viagem”⁴⁵ é de todo correta; tais viajantes eram leitores de relatos de viagem e literatura científica, não apenas europeia, mas também luso-brasileira.

Neste sentido, é preciso lembrar que vinda da corte portuguesa ao Brasil, “com o imenso séquito de funcionários, fâmulos e parasitas que a acompanham”, evidenciou “a debilidade de um domínio que a simples distância aureolara, na colônia, de formidável prestígio”⁴⁶. Quando em 1820, após a derrota das tropas napoleônicas e da revolução liberal, “a praxe política pede, em Portugal, que se suprimam no Brasil regalias já alcançadas e irrevogáveis, é fatal que daí por diante os dois reinos devam tomar rumos distintos”⁴⁷. No Brasil a restauração do estatuto colonial seria impossível: o retorno da corte e mudança da metrópole não deixou para trás a antiga colônia, ela fora redescoberta, inclusive pelos próprios brasileiros.

A independência do Brasil em 1822 colocou uma série de problemas para a nova nação. Como sintetiza Karen Macknow Lisboa, “O domínio sobre a natureza, a

⁴⁴ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 77-78.

⁴⁵ MOSCATO, Daniela Casoni. Viajantes leitores: algumas considerações acerca da presença das obras dos naturalistas brasileiros setecentistas nos relatos de viagem dos oitocentos. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013, s/p.

⁴⁶ HOLANDA, op. cit., p. 11.

⁴⁷ Ibidem, p. 14.

exclusão do ‘selvagem’, a miscigenação e a monarquia esboçam o alvorecer do jovem reino no horizonte das nações ‘civilizadas’, aproximando-o cada vez mais da história do Velho Mundo”⁴⁸.

Havia, porém, aquilo que Capistrano de Abreu definiu como “a herança dos três séculos de domínio colonial”: cinco grupos etnográficos, fracamente ligados pela língua e a religião, moldados pelas condições ambientes, “tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular”⁴⁹. O Brasil era um imenso Sertão — possivelmente o sertão é o grande conceito brasileiro: até a primeira república, imaginar o Brasil era imaginar o sertão, era deparar-se com o imenso “deserto” que deixava claro que o país ainda não estava terminado.

O gigantesco território “herdado” de Portugal, que abrangia diversas formações naturais e populações, tornar-se-ia um problema para o exercício do poder. Unir, sobre um mesmo domínio, toda a vastidão brasileira foi, sem dúvida, o grande desafio do período imperial.

A abdicação de D. Pedro I e o período regencial marcaram ainda mais a possibilidade da fragmentação territorial: no norte, o movimento paraense da Cabanagem (1835-1840); no nordeste, o movimento maranhense da Cabanagem (1838-1841) e baiano da Sabinada (1837); no sul a Revolução Farroupilha (1835-1845), e instituições das repúblicas do Piratini e Juliana.

Data desse período (1838) a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, com a clara proposição de delinear o perfil da nação brasileira, a partir da repulsa aos modelos das nações vizinhas e a grande influência dos “redescobridores” do Brasil — não à toa a obra do cientista-viajante Karl F. P. von Martius, *Como se deve escrever a história do Brasil*, é a vencedora do concurso monografias elaborado pelo Instituto em 1840, que objetivava selecionar o melhor projeto de história para a nação⁵⁰. Para Francisco Paz, “o texto de Martius configura-se, pois, num verdadeiro exercício de desobstrução dos constrangimentos locais face ao passado colonial — salvo quando pensamos nas questão das origens”⁵¹. A proposta do naturalista alemão insere o Brasil compulsoriamente no concerto das nações ocidentais

⁴⁸ LISBOA, op. cit., p. 26.

⁴⁹ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. Belo Horizonte/Itatiaia/São Paulo: Publifolha, 2000, p. 242.

⁵⁰ PAZ, op. cit.

⁵¹ Ibidem, p. 236.

que, embora não houvesse cumprido todas as etapas, reunia inúmeras potencialidades para realizar sua missão civilizacional. A natureza ocupava nessa proposta o elemento principal na composição da nação, sua singularidade definia a feição brasileira.

Como diz Pádua, no contexto do Brasil monárquico, “a fartura de espaços naturais ainda densos de vida selvagem assumiu diferentes significados simbólicos e políticos”⁵². Ambiguamente “foi saudada como um sinal de grandeza e poder”, mas também “era uma realidade problemática para autores locais mais preocupados com um projeto político de construção nacional.” Nesse contexto dois movimentos igualmente intensos conviviam: “uma cultura de elogio laudatório da natureza e uma prática de contínua agressão contra algumas das suas principais manifestações”⁵³.

No campo cultural, especialmente literário, as imagens produzidas pelos cientistas-viajantes do início do século XIX serviram de protótipo para a construção da literatura romântica nacional. Flora Süssekind observa que “o viajante ensina a ver, organizar para os olhos nativos a própria paisagem e definir maneiras de descrevê-las”⁵⁴. No projeto nacionalista, que de modo algum exclui a produção literária, “percorrer o país, registrar a paisagem, colher tradições”, faz parte do esforço em definir a nação. Esse projeto está presente em autores como José de Alencar e Visconde de Taunay: a tentativa de firmar tipos regionais, inventariar a fauna e flora, percorrer caminhos e desenhar paisagens.

Em 1853, dois meses após da morte de Saint-Hilaire, foi criada a província do Paraná. Depois da findada as revoluções Farroupilha, no Rio Grande do Sul, e de Sorocaba, em São Paulo, a nova província, “fiel” ao imperador, teria surgido como um “obstáculo” que impedia a comunicação dos liberais paulistas e gaúchos e, consequentemente, uma fragmentação do território brasileiro⁵⁵. De fato, após a emancipação da província a administração pública se mostrava instável e ineficiente. O decreto que assinalou sua criação indicava que Curitiba seria a capital provisória, e as discussões em torno da sede do governo (e até mesmo do nome⁵⁶) incluíam no rol

⁵² PÁDUA, op. cit., p. 236.

⁵³ Ibidem, 238.

⁵⁴ SÜSSEKIND, op. cit., p. 39.

⁵⁵ Cf. OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do verbo, 2001.

⁵⁶ O viajante lapeano Salvador José Correia Coelho reclama em 1860 do nome dado à província. Dizia ele que: “Se cumpria dar um nome de rio à nova província, porque não província do — ‘Iguaçu’ — ? Mas antes porque não província de — ‘Curitiba’ — ? Que necessidade de confundir essa deno-

das possíveis capitais as cidades de Paranaguá e Guarapuava, demonstrando que em termos de importância na política local Curitiba não se diferenciava de maneira efetiva das outras duas — até mesmo em números populacionais a diferença não era significativa; como aponta o relatório de 1854 do baiano Zacarias Góes e Vasconcellos, primeiro presidente da província, a população parananguara era de 6.333 habitantes, contra 6.791 curitibanos⁵⁷.

Aliás, o próprio Saint-Hilaire opinara sobre a possibilidade da criação de uma província, o viajante insistia na fragilidade da nação e de uma possível nova província:

Confesso, entretanto, que se fosse chamado a opinar sobre esse grave assunto, eu hesitaria [...] De uns certos tempos para cá cada arraial, cada lugarejo brasileiro deseja tornar-se sede de um distrito, cada cidade a cabeça de uma comarca. Se essas reivindicações se estendessem também às províncias, se fosse concedida a Curitiba a sua separação de São Paulo, uma centena de comarcas iriam querer o mesmo privilégio, e os laços, já frágeis, que ligam as diferentes regiões do Brasil não tardariam a se tornar mais frágeis ainda. Ainda que a reivindicação dos curitibanos seja inteiramente justificada, talvez eles deem uma prova de seu patriotismo adiando-a mais uma vez⁵⁸.

Com a maioria de Dom Pedro II e o pacto entre as elites escravocratas do país em favor da monarquia, criou-se um clima de tranquilidade no Império brasileiro desde 1840. Em 1864, o início da guerra contra o Paraguai veio abalar a paz que então reinava. Como expõe Francisco Doratioto: “A longa duração da guerra, que perdurou de dezembro de 1864 a março de 1870, criou uma nova realidade, uma ‘vida intensa’, no Rio de Janeiro.” Foi um momento crucial na história do país, representando o “apogeu da força militar e da capacidade diplomática do Império do Brasil, mas, de forma paradoxal, contribuiu para o acirramento de contradições do Estado monárquico brasileiro, enfraquecendo-o”⁵⁹.

Findada a guerra, dois anos depois chega a província do Paraná o engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Wither.

minação com a de Paraná, cidade capital da Confederação argentina? CORREIA COELHO, Salvador José. *Passeio à minha terra*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Coleção Farol do Saber), p. 71.

⁵⁷ Relatório do presidente da província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba: Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854, p. 143.

⁵⁸ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 182.

⁵⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra*: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 17-18.

1. 1. 2 — O engenheiro aventureiro: Thomas Plantagenet Bigg-Wither

Thomas Plantagenet Bigg-Wither nasceu na mansão de Tangier Park, em Hampshire, Inglaterra, em 1845. Formou-se em engenharia civil no King's College, em Londres. E, entre 1872-1875 veio ao Brasil, compondo o grupo organizado pelo engenheiro sueco Christian Palm e contratado pela *Paraná and Matto Grosso Survey Expedition*; que, conforme indica Newton Carneiro, “obtivera serviço nas docas de Portsmouth, cujas obras de extensão constituíam a iniciativa mais notável da engenharia portuária do tempo. Essa experiência tornou-se a sua recomendação para o contrato brasileiro”⁶⁰. Logo após seu retorno à Inglaterra realizou uma conferência na Real Sociedade de Geografia sobre a o vale do rio Tibagi. Em 1882, o engenheiro foi contratado para a construção da estrada de ferro Central de Bengala, na Índia, atividade que exerceu até 1890. Com a saúde debilitada, nesse mesmo ano — após receber a notícia de que um de seus filhos estava gravemente doente — faleceu em alto mar, no Oceano Índico, quando retornava à Inglaterra.

O autor descreveu as atividades que realizaria na província durante o período. Diz ele que:

Em 1871, foi dada uma concessão pelo governo brasileiro ao barão (atualmente visconde) de Mauá e a outros para executar um levantamento envolvendo uma linha férrea e serviço de barco a vapor que ligaria Curitiba, a capital da província do Paraná, e a cidade de Miranda, perto da fronteira ocidental do Brasil, na província de Mato Grosso. [...]

Esse levantamento começou no mês de agosto do ano seguinte, e o autor foi contratado, junto com outros três engenheiros e uma equipe de índios e operários brasileiros⁶¹.

O projeto de ligar os dois pontos (Curitiba e Miranda) evidenciava duas preocupações do governo Imperial: estabelecer um caminho rápido e eficiente com a fronteira paraguaia em caso de outra possível guerra e possibilitar um grande fluxo de pessoas e mercadorias entre as duas províncias: soldar os territórios e civilizar os sertões.

Em 19 de junho de 1872, aos gritos de “terra à vista”, o jovem engenheiro inglês chegou à capital do Império. Em seu relato, logo após o desembarque, fez

⁶⁰ CARNEIRO, Newton. Nota biográfica de Thomas Plantagenet Bigg-Wither. In: BIGG-WITHER, Thomas P.. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos — 1872/1875*. Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Ufpr, 1974, p. 23.

⁶¹ BIGG-WITHER, Thomas P.. O vale do Tibagi, Brasil. Tradução de Thomas Bonnici. In: ARRUDA, Gilmar (org.). *A natureza dos rios: história, memória e territórios*. Curitiba: UFPR, 2008, p. 179.

questão de contar brevemente ao leitor a história da cidade e as estimativas de sua população. Sua curta primeira estadia no Rio de Janeiro é marcada por um misto de grandes impressões sobre o mundo natural e não tão menores dissabores cotidianos: hospedagem, correio, doenças, etc.

Sua estada no Paraná durou de 1872 a 1874. Entre idas e vindas em busca de suprimentos, empregados ou mulas de carga, passou pelas cidades de Paranguá, Antonina, Morretes, Curitiba, Campo Largo, São Luís do Purunã, Ponta Grossa, Palmeira e Tibagi; também conheceu as vilas e colônias de Assungui, Ribeira, Tereza Cristina e São Jerônimo da Serra. Mas a maior parte desse tempo passou acampado nos sertões dos vales dos rios Tibagi e Ivaí que, conforme dramatiza em sua nota introdutória, foram vividos “em meio a cenas ferozes da natureza selvagem, onde nenhum homem civilizado antes penetrara e onde, durante semanas e meses, a condição normal de vida fora a luta sem tréguas contra o meio natural”⁶².

Suas experiências foram publicadas em dois volumes, em 1878, sob o título de *Pioneering in South Brazil. Tree years of forest and prairie life in the Province of Paraná*, pelo famoso editor de relatos de viagem londrino John Murray⁶³, conta com ilustrações do próprio autor e dois outros colaboradores, G. Selwyn Edwards e John H. Morant, e ainda com um mapa de autoria de Bigg-Wither compilado de observações feitas pelos engenheiros ingleses que estiveram no Paraná Franz e Joseph Keller. Uma resenha do mesmo ano no jornal londrino *The Spectator* diz que:

É da essência de um bom livro de viagem que o autor deve levar seus leitores junto com ele, fazendo com que compartilhem suas aventuras e permitindo-lhes participar em seus trabalhos; especialmente, é necessário que eles compreendam seus objetivos e objetos, de forma que sejam capazes de simpatizar com ele em seus esforços para alcançá-los. No entanto, existem alguns escritores que não entendem isso, que dissertam sobre cenários e história natural, cuidadosamente descrevem lugares e seus habitantes, e até mesmo dão muitos registros de suas aventuras, sem nada que nos deixe saber o que os levou ao país estrangeiro, ou em que consistia especialmente sua ocupação e conexão com esse país; assim, falham em despertar qualquer interesse pessoal, o livro muito provavelmente é lido de forma descuidada, e é logo esquecido. Mas não o Sr. Bigg Wither⁶⁴.

⁶² BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 27.

⁶³ Cf. BRIDGES, Roy. *Exploration and travel outside Europe (1720–1914)*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. O autor comenta que John Murray era líder nesse tipo de publicação. Ainda reforça que o editor tinha estreitas ligações com a Real Sociedade de Geografia de Londres, à qual Bigg-Wither se associou desde a palestra que ministrara na instituição em 1876, sobre o vale do rio Tibagi e seu potencial diamantífero.

⁶⁴ Em inglês no original, tradução minha: “It is of the essence of a good book of travel that the author should take his readers along with him, making them share in his adventures and allowing them to participate in his toils; especially it is necessary that they should understand his aims and objects, so

O relato [*narrative*] de Bigg-Wither, apesar do marcante cientificismo (em especial o evolucionismo e o racismo), se presta mais a ser “uma narrativa de viagens e aventuras” em regiões “inexploradas”⁶⁵. Seu texto é, de fato, marcado por uma visão categórica de mundo, na qual coisas, animais e pessoas têm seu lugar marcado, e palavras como “inferior”, “insignificante”, “inútil”, “desnecessário” e seus antônimos positivados frequentam o vocabulário do texto. Bigg-Wither é um representante típico do período Vitoriano: o mundo natural é apreendido enquanto recurso explorável, a indústria é considerada a peça chave para a evolução de uma nação, e as pessoas estão sujeitas ao estado e as categorias científicas.

No Brasil, a tradução do texto de Thomas P. Bigg-Wither só foi publicada em 1974, pela editora José Olympio em parceria com a Universidade Federal do Paraná, na série “documentos brasileiros”. Realizada pelo erudito paranista Temístocles Linhares, o texto reúne em volume único a obra do engenheiro inglês.

A demora na tradução se justifica por dois fatores: primeiramente, o livro se destinava a um público específico, o destinatário de Bigg-Wither é essencialmente inglês, possivelmente homem letrado e erudito, capaz de reconhecer as várias expressões em latim e francês e a grande quantidade de referências a autores da literatura científica do período (Humboldt, Darwin, etc.) e locais da Inglaterra⁶⁶; em segundo, até onde se sabe, depois da viagem, Thomas P. Bigg-Wither rompeu todos os contatos com Brasil e seu livro não circulou entre as classes letradas brasileiras. A pouca importância do Paraná até o século XX no cenário brasileiro e a não realização do empreendimento a que se dedicou o engenheiro esclarecem a demorada descoberta da obra e sua tradução.

as to be able to sympathize with him in his endeavours [sic] to attain them. Now there are some writers who do not understand this, who descant upon scenery and natural history, carefully describe places and their inhabitants, and even give many records of adventure, without at all letting us know what brought them to this foreign country, or what was their special occupation in connection with it; and thus failing to arouse any personal interest, the book very likely meets with a careless perusal, and is soon forgotten. Not so Mr. Bigg-Wither.” *Pioneering in south Brazil [first notice.]*. *The Spectator*. Londres, p. 20, 11 mai. 1878.

⁶⁵ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 27.

⁶⁶ Nesse sentido Temístocles Linhares cumpre com grande sabedoria e erudição a máxima italiana que diz “traduttore, traditore” (tradutor, traidor) ao conceber outra imagem de destinatário, alterando inclusive paratextos e referências textuais com o claro objetivo de trazer o texto ao leitor brasileiro. Não fossem as interferências do tradutor o relato de Bigg-Wither certamente enfrentaria sérios problemas de recepção por parte do público brasileiro. Essas interferências e os efeitos interpretativos por elas suscitados serão exploradas no decorrer desse trabalho.

1. 1. 3 — *Um reformista modernizador, um conservador instável: Visconde de Taunay*

Dez anos após a partida de Bigg-Wither do Brasil, o então presidente da província do Paraná, o Visconde de Taunay, realizou uma *viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*⁶⁷. Como ele próprio afirma:

Em fins de Março de 1886 empreendi, na qualidade de administrador da então província do Paraná, rápida viagem aos Campos Gerais, levando por principal objetivo visitar, uma vez concluída a minha excursão aos mais importantes povoados daquele planalto, o sertão e a cidade de Guarapuava, lugares até onde não havia ainda chegado presidente algum, desde que a vasta zona paranaense se separara de S. Paulo, a 19 de Dezembro de 1853⁶⁸.

O Visconde de Taunay — título nobiliárquico de Alfredo d'Escragnolle Taunay recebido do Imperador D. Pedro II, em 1889, e a partir do qual suas obras geralmente são identificadas — nasceu no Rio de Janeiro em 1843, mesma cidade onde faleceu em 1899. De família nobre, com longa tradição militar e artística, teve uma vida bastante movimentada: foi político, presidente de província, deputado e senador durante o período monárquico; participou da guerra contra o Paraguai; escreveu romances (os mais famosos são a *Retirada da Laguna*, de 1871, e *Inocência*, de 1872), contos, peças de teatro, textos de opinião e crítica para jornais, peças musicais para piano, ilustrações, relatos de viagem; foi um dos fundadores da Academia de Letras Brasileira e membro do IHGB. Lídia Lichtscheidl Maretti diz que Taunay era

[...] diplomado como engenheiro geógrafo e bacharel em ciências físicas e matemáticas, ele foi professor de várias disciplinas, sendo que a disparidade entre elas — ele ensinou tanto francês quanto geologia, mineralogia e botânica —, sugere já aqui o avesso da especialização e a amplitude quase

⁶⁷ Como explica Ana Lúcia Cruz: “Modelo paradigmático de expedição científica do Iluminismo, a viagem filosófica caracterizava-se pela pretensão enciclopedista de produzir um conhecimento extensivo e detalhado sobre o território visitado. O levantamento minucioso e exaustivo a que devia proceder o viajante naturalista não se restringia às produções do mundo natural; mas abarcava também a investigação sobre a ‘natureza humana’ dos habitantes autóctones.” CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas*: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Curitiba: UFPR, 2004. Tese (Doutorado em História), p. 123.

⁶⁸ TAUNAY, Alfredo de Escragnolle, Visconde de. *Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava*. In: _____. *Visões do Sertão*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1928, p. 69.

enciclopédica dos conhecimentos que detinha e que podem ser comprovados em toda a sua obra⁶⁹.

Taunay foi o exemplo do intelectual e político do período monárquico brasileiro, não apenas pelos títulos nobiliárquicos e ascendência da nobreza francesa. A extrema admiração que demonstrava pelo imperador D. Pedro II — em nome dessa fidelidade se desligou do IHGB após a proclamação da república —, a atuação no partido conservador (apesar de Joaquim Nabuco defini-lo como “um conservador instável, com o qual não se pode confiar”⁷⁰) e, principalmente, seu envolvimento extremado no projeto nacional do Império marcaram sua atuação enquanto um “reformista-modernizador”⁷¹.

Leitor assíduo dos cientistas-viajantes que percorreram o Brasil no início do século XIX, o Visconde inspirava-se neles para compor seus escritos e atividades. No seu famoso romance *Inocência* a figura de Meyer é exemplar, a personagem é descrita pelo narrador como de uma “simpatia que em todos incutia o caráter naturalmente inofensivo e meigo”⁷². Em suas *Memórias*, Taunay reforçou a imagem do cientista-viajante benevolente, desinteressado, quase andrógeno e nada imperialista.

Então imaginava o indizível enlevo de viajantes como Pohl, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Agassiz, Burton e tantos outros nas dilatadas peregrinações pelo esplêndido Brasil, levando consigo enorme cabedal de conhecimentos — inestimável bagagem, mas bem leve, bem fácil de transportar! —, vendo ante os seus passos um mundo de riquezas ainda não exploradas e a cada instante colhendo impressões e notícias preciosas para si e para a ciência de que foram tão nobres e alevantados representantes! Com sinceridade acredito que seja impossível na terra juntar mais elementos de felicidade, e reunir maior messe de gozos tão serenos e puros, livres, portanto, de qualquer eiva, da menor sombra, da mais ligeira névoa. Que existência tão bem preenchida, tão plácida em suas honestas agitações, tão proveitosa e singela!⁷³.

⁶⁹ MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidl. *Um polígrafo contumaz (O Visconde de Taunay e os fios da memória)*. Campinas Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Teoria Literária, 1996, p. 17.

⁷⁰ Ibidem, p. 22.

⁷¹ Ibidem, p. 19. Essa definição de reformista é também utilizada por Pádua para definir “um conjunto de intelectuais e homens públicos, quase todos membros da elite imperial, que se preocupou com a degradação do território a partir de um reformismo tecnológico e administrativo. A destruição ambiental, que eles viam como um dos principais obstáculos ao projeto civilizatório do Império, poderia ser superada sem a necessidade de reformas sociais mais profundas”. PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 22.

⁷² TAUNAY, Alfredo de Escagnolle, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 127.

⁷³ TAUNAY, Alfredo de Escagnolle, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminura, 2004, p. 207-208.

O Visconde de Taunay foi presidente da província do Paraná durante apenas cinco meses (de 29 de setembro de 1885 a 3 de maio do ano seguinte), uma curta administração, mas que produziu um longo relatório (nada menos que 157 páginas) e dois relatos de viagem (*Curiosidades naturais da província do Paraná* e *Viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*). Taunay concebia a viagem como uma necessidade administrativa, dizia ele que

Verdade é que não me poupava à fadiga, em contínuas viagens, para ajuizar das estradas e caminhos, conhecer as localidades, pôr-me em contato com os seus homens e estudar *de visu* as questões que lhes eram atinentes.

Nem há melhor sistema de administrar. Mais vale um olhar, uma impressão repentina e segura dos fatos, do que os mais minuciosos e bem-elaborados relatórios e exposições.⁷⁴

A publicação da *Viagem filosófica* só foi realizada em 1923, graças ao esforço de seu filho Afonso de Taunay que a compilou, juntamente com outro relato de viagem sobre o Mato Grosso (*Cruzando o sertão*), em um volume que intitulou, muito sugestivamente, *Visões do sertão*. Diz o filho historiador em nota introdutória ao livro: “Ao morrer em 1899, ainda lhe ficava muita coisa inédita, em elaboração, às vezes adiantada ou esparsa pela imprensa. [...] Em 1923 [se imprimiu] as *Visões do Sertão* (inéditas em grande parte)”⁷⁵.

O relato sobre o Paraná está incompleto, narra apenas a passagem do então presidente da província pelos Campos Gerais, faltando o trecho sobre Guarapuava. Na nota introdutória às *Visões do Sertão*, Afonso de Taunay comenta ainda que, “da segunda parte do livro não me foi possível descobrir a conclusão referente ao termo da excursão do autor a Ponta Grossa, Castro e Guarapuava”⁷⁶ — possivelmente o Visconde não teve tempo para compor a parte restante do relato. Logo em 1886 concorreu à vaga de senador do Império por Santa Catarina, para a qual foi eleito e, em 1889, após a leitura de suas *Curiosidades Naturais da província do Paraná* no IHGB, a escrita de suas *Memórias* e os eventos nacionais o envolveram totalmente.

No relato de Taunay, por ele mesmo classificado como *filosófico*, se mesclam “informações exatas e bem firmes com outra parte, toda de devaneios, hipóte-

⁷⁴ TAUNAY, *Memórias*, op. cit., p. 557.

⁷⁵ TAUNAY, *Viagem...*, op. cit., p. 4.

⁷⁶ Ibidem, p. 3.

ses, conjecturas e meditações, mais ou menos concatenadas e justificáveis”⁷⁷. Uma das características mais marcantes do texto é o misto de inventário e elucubração, denunciada pela recorrência de expressões, tais como: “voltemos”, “viajemos, porém, em vez de filosofarmos”, “enfim, continuemos”; ou, “não é raro contemplar”, “ingenuamente o olhar do viajante procura”⁷⁸; expressões essas que marcam a dispersão e definem o caráter geral da narrativa. Temporalmente sua viagem dura de 29 de Março a 30 de Março de 1886, apenas dois dias, e sua redação parcial deve ter ocorrido em 1890, como denunciam os seguintes trechos do relato: “[...] começo a escrever estas páginas aos quarenta e sete annos de idade”, “Em fins de Agosto de 1889, quando o Visconde de Ouro Preto escrevendo-me”, e “[...] mas nada consegui e ainda hoje, 1890, Curitiba se dessedenta”⁷⁹. Taunay diz que na viagem levava consigo sua mulher e os três filhos, e estava “acompanhado do Chefe de Polícia Dr. Hermínio do Espírito Santo, que também levava sua família”⁸⁰, ou seja, um misto de viagem administrativa e passeio familiar; Taunay não menciona se os custos da viagem (aluguel das telegas e cocheiros, hospedagem e alimentação) foram por ele pagos, aparentemente as despesas ficaram por conta do erário público.

Não há registros de que Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay tenham travado contatos pessoais, ou sequer se encontrado em um mesmo espaço durante suas vidas. Um contato entre Taunay e Bigg-Wither não ocorreu no Brasil; enquanto o engenheiro inglês percorria o território brasileiro (1872-1875), Taunay dedicava-se às atividades literárias, publicava seus romances *Inocência* (1872), *Lágrimas do coração* (1873) e *Ouro sobre azul* (1875), e exercia o cargo de deputado geral de Goiás. Nos anos seguintes, a distância física aumentou e, apesar da viagem de Taunay pela Europa em 1878-1879, um encontro entre o brasileiro e o inglês não foi registrado⁸¹.

⁷⁷ TAUNAY, *Viagem...*, op. cit., p. 70.

⁷⁸ Ibidem, pgs. 84, 141, 145, 119, 132, respectivamente.

⁷⁹ Ibidem, pgs. 70, 89 e 87, respectivamente.

⁸⁰ Ibidem, p. 71.

⁸¹ Cf BLANC, Claudio. Diários de um Clássico. In: TAUNAY, *Inocência*, op. cit.; CARNEIRO, op. cit.

1. 2 — A forma e conteúdo: dos olhos do Império e do Imperador

O período entre o final do século XVIII e início do XIX é marcado por uma nova etapa de expansão territorial do capitalismo. Ligados há muito à Europa pelo sistema colonial e o tráfico negreiro, tanto a América do Sul quanto o continente africano tornaram-se focos de novas iniciativas expansionistas europeias (em especial da Inglaterra e da França), determinadas pelo impulso à exploração do interior desses territórios. Essa nova fase, nas palavras de Mary Louise Pratt, foi “marcada pela busca de matérias-primas, a tentativa de expandir o comércio costeiro para o interior, os imperativos nacionais de se apoderar de territórios ultramarinos, assim evitando que outras potências europeias os ocupem”⁸².

Para Edward W. Said, esse período é de um novo imperialismo, o qual se pode encontrar em um sistema de ideias coerentes e mobilizadas a partir do final do século XVIII, a saber: a ascensão do nacionalismo e da nação-Estado europeia, o advento da industrialização em grande escala e a consolidação do poder da burguesia; “ao mesmo tempo em que a forma do romance e a nova narrativa histórica adquirem predomínio, e destaca-se a importância da subjetividade para o tempo histórico”⁸³.

O objeto de disputa nessa nova etapa do capitalismo é, assim como em todas as anteriores, sem dúvida, a terra. Mas a legitimidade desse processo, os problemas que são levantados a partir da ocupação civil e militar europeia de terras distantes — quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem planeja seu futuro —; esses problemas foram pensados, discutidos e, por vezes, resolvidos na narrativa.

Os relatos de viagem no século XIX, enquanto narrativas de descoberta e exploração, inventários das diferenças e das potencialidades, “engajaram o público leitor metropolitano nos (ou para os) empreendimentos expansionistas cujos benefícios materiais se destinavam, basicamente, a muito poucos”⁸⁴. Com efeito, essas narrativas produziram “o resto do mundo” para leitores europeus ao longo da trajetória expansionista da Europa.

⁸² PRATT, op. cit., 1999, p. 35.

⁸³ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 112.

⁸⁴ PRATT, op. cit., p. 28.

Thomas P. Bigg-Wither, em sua conferência sobre o vale do rio Tibagi, demonstrou, sem muito constrangimento, como via os brasileiros do interior. Para ele:

[...] vivendo no meio da riqueza, eles são felizes de passar a vida numa situação apenas um pouco menos animalésca que a dos índios selvagens. Esse quadro é apenas uma reprodução do que se pode ver nos povoados espalhados no interior do Brasil. Não se pode refutar o pensamento, que ocorre na cabeça do viajante, que tudo isso vê, de que a população não merece esse país⁸⁵.

Assim, para o engenheiro, a vasta extensão de terras desse vale na província do Paraná, “cobertas de mata virgem e habitadas apenas por algumas tribos nômades de índios selvagens”, permanecerá no descaso “até que a própria região passe para as mãos de um povo mais empreendedor”⁸⁶ — nesse caso, o povo mais empreendedor seriam os ingleses. Quanto à produtividade e lucratividade da mineração, objeto da conferência, “as estatísticas colhidas no lugar, verificadas, onde possível, por fontes independentes, e um exame mais cuidadoso das minas convenceram o próprio autor de que, embora no presente fossem abandonadas, ainda serão capazes de ser trabalhadas com maior lucro”⁸⁷.

A partir de todas essas considerações, o autor chega a uma conclusão marcada pelo evolucionismo:

Em todos os lugares abundam a água e a lenha; o clima é incomparavelmente salutar. O que, então, falta para que essas grandes vantagens naturais possam ser aproveitadas? A resposta é clara: o que falta é uma estirpe de gente mais empreendedora, enérgica e, acima de tudo, honesta, para substituir o nativo híbrido. Tudo se transformará com tal substituição. [...] Dessa maneira, novo sangue será injetado onde precisa mais e onde colherá o maior benefício. Pode-se confiar que as leis da seleção natural façam o resto⁸⁸.

Disponibilidade. Conforme explica Pratt, essa é a quintessência do projeto euro-colonialista.

Não foi de forma ingênua que Saint-Hilare definiu os Campos Gerais como “paraíso terrestre do Brasil”; pois, como ele próprio afirma

Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem

⁸⁵ BIGG-WITHER, *O vale do Tibagi...*, op. cit., p. 186.

⁸⁶ Ibidem, p. 190.

⁸⁷ Ibidem, p. 185.

⁸⁸ Ibidem, p. 196-198.

grande dispêndio de energia. Assim como os habitantes do lugar, eles poderão criar gado; recolherão o seu estrume para fertilizar as terras, e com o leite, tão cremoso quanto o das regiões montanhosas da França, poderão fazer manteiga, queijo, que encontrarão fácil mercado nas partes mais setentrionais do Brasil. Como teria sido vantajoso para essa região, por exemplo, se, em vez de ter sido mandada para Cantagalo, a colônia suíça se tivesse estabelecido na parte dos Campos Gerais vizinha das terras habitadas por índios selvagens. Pelo seu número, eles teriam intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações; teriam ensinado aos antigos habitantes do lugar os métodos europeus de agricultura, que certamente são aplicáveis a essa região e, segundo tudo parece indicar, dificilmente se ajustarão às terras vizinhas do Rio de Janeiro. Felizes em sua nova pátria, cujo aspecto lhes teria lembrado, em certos pontos, a sua terra natal, eles teriam descrito o Brasil para os seus compatriotas com as mais belas cores, e essa parte do império teria adquirido uma população ativa e vigorosa⁸⁹.

Menos direto, e mais imaginativo que Bigg-Wither, Saint-Hilaire também não reconhece qualquer valor aos povos autóctones. As terras “disponíveis” para o estabelecimento de colônias de imigrantes eram ocupadas já há muito por várias tribos e etnias indígenas e, também, e não sem conflito, por populações mestiças e caboclas.

Em outro trecho, Bigg-Wither — que era apaixonado *ad nauseam* por caçadas — ao ver nos Campos Gerais “enxames” de codornas e narcejas, e perceber que em um *capão* próximo à Ponta Grossa o lugar era frequentado por grande quantidade de animais de médio porte, escreve o seguinte:

Quero recomendá-lo àqueles cujo gênio os induz a abandonar a trilha batida do caçador ou do turista e procura lugar diferente em que possa expandir a mente e os músculos. É lugar indicado para agradável repouso de dez dias, quer como pouso para quem se dirige às grandes zonas de caçada — nas matas dos Ivaí — quer como completo substitutivo da região em que se caça galo silvestre na Escócia. Vigas enormes para construir confortável e cômoda chácara, água abundante e pasto para os animais necessários, assim como a vantagem de passar por ali o caminho principal que leva às duas principais cidades da província. Não se paga aluguel ou imposto e nem há contas exorbitantes de hotel a saldar. Caça e liberdade *ad libitum*. Ar mais puro e revigorante não pode se encontrado em nenhuma outra parte do Velho e do Novo Mundo⁹⁰.

O projeto de nação imperial brasileira, influenciado pelo olhar europeu, se depara com questões semelhantes ao do imperialismo daquele continente. Sua atuação diante da “herança colonial” não é menos agressiva e caricata. A nação independente tem quase todas as suas fronteiras já definidas, no entanto, elas são consideradas imensos sertões. Para superar tal herança colonial, ao contrário do português que em geral ficara preso ao litoral, o brasileiro navega em mares de sertão.

⁸⁹ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 32-33.

⁹⁰ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 106.

Território e população, a partir desse momento, tornam-se dois “problemas” constantes para os intelectuais brasileiros do período. Taunay, que se dedicara à questão da imigração europeia para o Brasil, vê nas colônias de imigrantes nos arredores de Curitiba a realização da visão de Saint-Hilaire

Até quanto alcance a vista, campos acidentadas cobertos das mais viçosas plantações de trigo; aveia, centeio, linho, cânhamo e no meio delas trechos de milho, feijão, arroz, batatas de Demerara e cana-de-açúcar, enfim o tape-te mais garrido e curioso com todos possíveis ancenúbios da cor verde. E aqui, e ali, majestosos pinheiros, uns isolados, outros em grupos de três ou quatro, a se erguerem do seio das culturas rasteiras e dando a tudo um cunho da mais poética perspectiva europeia⁹¹.

Além de ensinar a ver e organizar para os olhos nativos a própria paisagem, o viajante também a imagina e a projeta em moldes europeus. Cabe, então, aos brasileiros trabalhar para sua realização. Na verdade trata-se daquilo que Pratt definiu com uma apropriação particular realizada pelos autores americanos, que selecionaram e adaptaram os discursos (relatos de viagem) à sua própria necessidade de criar culturas autônomas descolonizadas, ao mesmo tempo em que mantinham valores europeus e a supremacia branca⁹².

Se, nesse contexto, o poder de narrar é tão importante para produzir aos europeus o “resto do mundo” e para os brasileiros o próprio Brasil, como então os relatos de viagem operam essa ação?

A máxima recolhida por Walter Benjamin, de “quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo”⁹³, nos informa sobre o crédito que um relato de viagem recebe apenas por narrar uma viagem. Mas, além disso, “o contar é sempre acompanhado de saberes, valores e efeitos”. Ives Reuter afirma que, “De fato, toda narrativa está contida em um ato de comunicação, um discurso ou uma enunciação, que comportam — direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente — alvos, intenções, efeitos almejados”⁹⁴. Ora, como bem apontou Said, “o poder de narrar, ou impedir que se formem outras narrativas, é muito impor-

⁹¹ TAUNAY, *Viagem...*, op. cit., p. 77.

⁹² PRATT, op. cit., 30.

⁹³ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter, et al. *Textos Escolhidos*: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno e Jürgen Habermas. Tradução de Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores), p. 258.

⁹⁴ REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002, pp. 128-131.

tante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”⁹⁵.

É possível, portanto, avançar em uma perspectiva narratológica, uma análise da narrativa que, conforme Reuter, tem duas grandes características: 1) consiste em interessar-se pelas narrativas como objetos linguísticos, fechados em si, independente de sua produção e recepção; 2) as narrativas apresentam formas de base e princípios de composição comuns. Ainda assim, a análise narratológica “só é interessante quando se articula, nesse ou naquele momento, com outras teorias que permitam avançar na interpretação, prendendo-se pois, a enunciação”⁹⁶. Seu maior mérito é, sem dúvida, limitar os desvios “selvagens” de interpretações prematuras, forçando a levar-se em conta, de maneira precisa, a organização do texto e a produção de efeitos, principalmente o efeito de real.

Ainda, se retomarmos a preocupação inicial de que uma viagem além-mar no século XIX, e até mesmo dentro do Brasil — ainda hoje —, é custosa, nos deparamos com o problema de quem financiava e dava suporte aos viajantes.

Réal Ouellet, ao estudar os relatos de viagem sobre a América dos séculos XVI a XVIII, propõe que todo relato de viagem parte de um “pacto viático” [*pacte viatique*], estabelecido entre um “poder mandatário” e um viajante que se transmuta em autor, narrador e protagonista de um relato [*relation*]. Assim, a produção de uma narrativa sobre a viagem cauciona uma ação, na mesma medida em que legitima uma escritura⁹⁷.

Nesse sentido, os paratextos limiares são muito esclarecedores. Diz Saint-Hilaire, em sua dedicatória ao duque de Luxemburgo, que

Quando partistes para o Rio de Janeiro, na qualidade de embaixador extraordinário, desejastes que a vossa viagem não fosse desprovida de utilidade para as ciências, e Vos dignastes permitir-me que Vos acompanhasse. Sem essa tão envidecedora e vantajosa oportunidade não poderia ter empreendido a visita do interior do império brasileiro. Se, pois, cheguei a poder tornar melhor conhecida uma região tão favorecida pela natureza, se pude inspirar aos meus compatriotas o desejo de entreter mais íntimas relações com os brasileiros, se os trabalhos que levei a efeito contribuíram de algum modo para o progresso da ciência, é a Vós, senhor Duque, que devo tal felicidade; e homenageando-o com a oferta desta relação nada mais faço, por assim dizer, do que restituir-Vos o que Vos pertence⁹⁸.

⁹⁵ SAID, op. cit., p. 11.

⁹⁶ REUTER, op. cit., p. 16.

⁹⁷ OUELLET, op. cit., p. 9.

⁹⁸ SAINT-HILAIRE, *Viagem pelas províncias...*, op. cit., p. 11.

Bigg-Wither, mais modesto e econômico, agradece e dedica sua obra ao Visconde de Mauá

Dedico, com sua permissão, a SUA EXCELÊNCIA, o VISCONDE DE MAUÁ, a quem o autor é especialmente devedor pelas oportunidades que teve de viajar e fazer observações em região pouco conhecida, cujos resultados, dentro das melhores aptidões do autor, estão recordados nas seguintes páginas⁹⁹.

O texto do Visconde de Taunay, pelos motivos já citados, não possui dedicatória, apenas uma nota introdutória, que diante do contexto da escrita (proclamação da República, desligamento do IHGB), nos faz supor seria dedicada ao Imperador D. Pedro II

Será certamente esta mescla de informações exatas e bem firmes com outra parte, toda de devaneios, hipóteses, conjecturas e meditações, mais ou menos concatenadas e justificáveis, que pode incutir algum encanto à minha narrativa. E se essa impulsão não for transmitida a quem me fizer o favor da sua atenção, então não terei alcançado a meta que colimo. *J'en serai pour ma peine.*

Aliás tantos e tão grandes desenganos já tenho sofrido, embora ainda não chegado de todo ao declínio da vida, pois começo a escrever estas páginas aos quarenta e sete anos de idade, tanta esperança baldada, que mais uma decepção, e esta de ordem literária, não será a espada de Breno na balança das desilusões, ao proclamar-se o eterno *vae victis* tão doloroso sempre às almas fracas.

Mas não basta apenas firmar um pacto entre o poder mandatário e o autor, apresentar-se como viajante é necessário e tão importante quanto, fazer o leitor crer nas realidades “redescobertas” pela autópsia: não basta apenas o recurso enfático na experiência, é necessário torna-la literariamente interessante.

Nas palavras de Le Huenen, os relatos de viagem são um gênero antiquíssimo, cujas *Histórias* de Heródoto e a *Anábasis* de Xenofonte constituem, talvez, as primeiras manifestações¹⁰⁰. A diversidade de formas discursivas que compõe esse gênero (livre) variam desde “o diário (Montaigne, *Journal de voyage*), a autobiografia (Chateaubriand, *Mémoires d’Outre-Tombe*), cartas (Sand, *Lettres d’un voyageur*), o ensaio etnográfico (Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*), etc”¹⁰¹. Mas é certo que “o relato de viagem se torna possível a partir da realização da própria viagem”, real ou imaginária, circulando “entre a memória, a história, a descrição de aventuras, as in-

⁹⁹ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 29. Os destaques pertencem ao autor.

¹⁰⁰ LE HUENEN, Roland. Le récit de voyage: l'Entrée en littérature. *Études littéraires*, vol. 20, n. 1, 1987, p. 45.

¹⁰¹ Ibidem, p. 46.

formações geográficas”¹⁰². Esses elementos abarcados pelo relato são estruturados, conforme Réal Ouellet, a partir de “uma tríplice demarcação discursiva: narração, descrição e comentário.” Ou seja, “contam uma história, propõe um inventário, comentam ou discutem ideias”¹⁰³. Por se tratar de um gênero livre, em que suas formas possuem “uma plasticidade que permite se adaptar às diferentes mutações estéticas e ideológicas que afetam o curso de uma sociedade”¹⁰⁴, os relatos de viagem, a partir do século XIX, tornaram-se veículo de comunicação científica.

Transitando entre um duplo estatuto, literário e documental, o relato de viagem comunica um saber na mesma medida em que conta uma aventura, contendo uma função didática ao mesmo tempo em que entretém.

Nesse sentido, o impulso à exploração dos interiores e sertões brasileiros, típicos dos projetos imperialistas e nacionalista, ressaltados pelos três viajantes, não pode ser apenas comunicado, deve, sobretudo, ser dramatizado. Taunay se propôs a ir a “lugares até onde não havia ainda chegado presidente algum”¹⁰⁵; Bigg-Wither viveu durante semanas e meses “em meio a cenas ferozes da natureza selvagem, onde nenhum homem civilizado antes penetrara”¹⁰⁶; Saint-Hilaire consagrou seis anos “a percorrer uma vasta porção do império do Brasil”, palmilhou “cerca de duas mil e quinhentas léguas”¹⁰⁷. Para além do pacto com o poder mandatário, o viajante, transformado em narrador e protagonista de sua história, estabelece outro pacto, o literário, que visa individualizar e dramatizar a experiência.

A escrita é, também, uma experiência complexa e difícil e que deve ser realçada. Réal Ouellet afirma que:

[...] uma longa tradição literária nos habituou a ver o texto como um modo natural de representação do mundo. Ora, o viajante em território estrangeiro toma rápida consciência de que o essencial de sua experiência não se comunica facilmente pela linguagem. Antes de dizer ou escrever, é necessário organizar no imaginário a descontinuidade do percebido cotidiano¹⁰⁸.

¹⁰² ROSSATO, op. cit., p. 76.

¹⁰³ OUELLET, op. cit., p. 2.

¹⁰⁴ LE HUENEN, op. cit., p. 45.

¹⁰⁵ TAUNAY, *Viagem...*, op. cit., p. 69.

¹⁰⁶ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 27.

¹⁰⁷ SAINT-HILAIRE, *Viagem pelas províncias...*, op. cit., p. 13.

¹⁰⁸ Em francês no original, tradução minha: “[...] une longue tradition littéraire nous a habitué à voir le texte comme un mode naturel de représentation du monde. Or, le voyageur en territoire étranger prend vite conscience que l’essentiel de son expérience ne se communique pas facilement par le langage. Avant de dire ou d’écrire, il faut organiser dans l’imaginaire la discontinuité du perçu quotidien.” OUELLET, op. cit., 18.

Essa difícil parturição do texto é ressaltada frequentemente. Em meio a frequentes cenas “impossíveis de serem descritas”, que visam acentuar a novidade do que é visto, a própria escritura também é dramatizada. Diz Taunay que começava a escrever seu relato aos quarenta e sete anos, depois de muitas decepções e desilusões, e, após se responsabilizar por um possível insucesso de sua obra (inconclusa, afinal), afirma que se sua “impulsão não for transmitida a quem me fizer o favor da sua atenção, então não terei alcançado a meta que colimo”¹⁰⁹. Saint-Hilaire, que após “viagens tão penosas, empreendidas com tão débeis recursos, e acompanhadas de tantas fadigas e privações”, que só poderiam ser realizadas com grande “sacrifício das forças do viajante” afirma que muitas das páginas de seu primeiro relato da série “foram escritas ainda em meio dos sofrimentos mais cruéis.” Afirma ainda o viajante francês que “escrevia diariamente um jornal minucioso do que se me oferecia aos olhos, e aí consignava, na medida de meus fracos conhecimentos, o que pudesse contribuir a dar uma ideia exata das zonas que percorria”¹¹⁰. Bigg-Wither, preocupado com tédio a que pode levar seu narratário, pede-lhe desculpa; expõe ele: “Leitor, ultrapassei os limites que tinha proposto quando comecei este assunto, [...], mas teria sido quase impossível transmitir em poucas palavras algo que desse ideia justa da condição importante de nossa vida e trabalho”¹¹¹.

Se apenas relatasse, de modo imparcial o que viveu, em quais condições escreveu, o viajante produziria um documento, no mais das vezes insosso. É necessário, pois, complexificar o registro, fazendo uso frequente de suspenses narrativas e dramatizações. Se os escritores de relatos de viagem apenas descrevessem o que viram — se isto fosse de fato possível —, como engajariam o público leitor em seus projetos?

As extensas descrições dos tormentos com “bernes”, “pulgas”, “cobras”, “acidentes”, “febres”, “calores”, “frios”, “enganações”, “mentiras”, “Índios”, e muito mais, justificam (ao menos textualmente) a presença de um engenheiro inglês que realiza medições para a construção de uma estrada de ferro, e traz consigo não menos que 10 toneladas em equipamentos; a excêntrica figura de um naturalista francês coletor de plantas e insetos em uma sociedade campeira, trazendo caixas, redes, e uma infinidade de instrumentos científicos; ou ainda de um nobre político do

¹⁰⁹ TAUNAY, *Viagem...*, op. cit., 69.

¹¹⁰ SAINT-HILAIRE, *Viagem pelas províncias...*, pp. 14-17.

¹¹¹ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., 284.

lhes ser possível abandonar o trabalho sem aviso prévio de um mês, sob pena da perda do direito a qualquer soma de dinheiro que tivessem” e, por último, “o obstáculo físico de separá-los em dois ou mais grupos distintos”¹¹⁴, em mata fechada e sem qualquer contato com a vila mais próxima. Saint-Hilaire, não poupa críticas aos habitantes dos Campos Gerais, diz que “todo mundo trabalha o menos possível” e que “a vida dos homens muito pobres difere pouco da dos índios selvagens. Eles só plantam o estritamente necessário para o sustento da família”.¹¹⁵ Segundo o naturalista francês,

Ali não se cuida senão de assuntos ligados à criação de gado; a ignorância é extrema; saber ler e escrever é ser um homem instruído, e entre os proprietários mais importantes contam-se muitos que não possuem essa ciência [...] Encontrei por toda parte gente hospitaleira, excelente, à qual não faltava inteligência, mas cujas ideias eram tão limitadas que na maioria das vezes eu não conseguia conversar com eles mais que quinze minutos. O clima temperado dos Campos Gerais deveria, ao que parece, estimular os homens ao trabalho; mas o gênero de ocupação que a própria natureza da região os forçou, por assim dizer, a adotar, incutiu-lhes o hábito da preguiça. A criação de gado exige poucos cuidados, e os que se dedicam a ela só trabalham em determinados intervalos e esse tipo de trabalho chega a ser quase um divertimento.¹¹⁶

No texto, a presença estrangeira e os incômodos decorrentes sequer são mencionados, o viajante jamais se pergunta (ou pergunta ao narratário) sobre sua presença e ações e, por consequente, a desconfiança alheia é de todo injustificada: as obras que realiza e o protagonismo exercido não merecem oposição, suspeita. O leitor é levado pelo texto, e suas dúvidas (se afloram) são rapidamente sanadas pela empatia com aquele viaja e narra. Se no texto de Bigg-Wither a fuga de trabalhadores com medo de índios, “uma peculiaridade dos povos semisselvagens ignorantes, como o sertanejo brasileiro”, torna-se uma oposição, tão logo que possível ele organiza uma expedição de caça aos bugres. Isso porque, na narrativa, podemos conhecer os eventos narrados apenas pela perspectiva do viajante. Como explica Ives Reuter, “a questão da perspectiva é de fato muito importante para a análise das narrativas, pois o leitor percebe a história segundo um prisma, uma visão, uma consciência que determina a natureza e a quantidade das informações”.¹¹⁷ A partir de uma dada perspectiva, pode-se saber mais ou menos sobre o universo e os seres de uma narrativa, continuar fora ou penetrar em sua interioridade. Isso leva, conse-

¹¹⁴ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 280.

¹¹⁵ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit.

¹¹⁶ Ibidem, p. 18-19.

¹¹⁷ REUTER, op. cit., p. 73.

quentemente, à instância narrativa, ou seja, “as formas fundamentais do narrador”¹¹⁸.

Em um relato de viagem, a instância narrativa é a do narrador homodiegético passando pelo narrador, ou seja, é a combinação típica das autobiografias, confissões e relatos, na qual o narrador conta sua própria vida retrospectivamente, possuindo “um saber mais significativo de cada uma das etapas anteriores de sua vida, e pode, portanto, prever” e “intervir em sua narrativa para explicar ou comentar sua vida e a maneira como a conta”. Em compensação, essa instância narrativa “não nos permite saber o que se passa (ou se passou) na cabeça de outras personagens e restringe a mudança de lugares ao trajeto da personagem que narra.” Uma das consequências disso é que “leva o leitor a defender o ponto de vista de uma personagem e favorecer assim a identificação”¹¹⁹. Nesse sentido, o viajante, já martirizado em sua própria narrativa (desde os paratextos) não poderia ser vítima de um leitor injusto que se pergunta o que ele faz. Tudo isso libera o narrador para que possa então adjetivar as coisas e pessoas envolvidas em sua narrativa, sem que para isso se desconfie de seu juízo de valor: redescobrir o Brasil foi imaginá-lo novamente, produzir novas paisagens.

¹¹⁸ Ibidem, p. 73.

¹¹⁹ REUTER, op. cit., p. 81-82.

Capítulo 2 — PAISAGEM

Fala-se... Brasil... e imaginamos impenetráveis florestas tropicais, praias de areia lisa, bordadas de coqueiros, plantações onde a cana de açúcar se ergue em imensos canaviais; e recordamos as planícies pantanosas embelecidas pelo verde tenro das bananeiras, as fazendas com cafezais alinhados a perder de vista, lembramos os pampas do Sul onde pastam inumeráveis rebanhos. Mas o Brasil é também essa paisagem que poderia ser europeia, com suas cadeias de montanhas arredondadas, um vale de floresta densa, um riacho de águas claras, onde podemos pescar caranguejos.

(Paul Garfunkel, *Far-west do Paraná*)

Antes de qualquer consideração é necessário problematizar, apresentar o conceito de paisagem; pois, quando nos referimos a ele, de forma recorrente, tendemos à naturalização (em todos os sentidos) do termo. Termo que “é ora um objeto, ora um conceito, ora uma palavra com muitos significados”; e, como postula Giuliana Andreotti, “raramente os autores esclarecem o que perguntam, isto é, não indicam se a questão diz respeito ao significado da palavra, ou ao conceito exatamente ou, até mesmo, ao objeto da geografia e sua essência”¹²⁰.

O antropólogo Philippe Descola apresenta a seguinte definição:

Não há paisagem sem observador, não há observador sem percepção, e, portanto, a paisagem é um lugar, mas que é recortado por um olhar, que é recortado por um ponto de vista, que é recortado por uma perspectiva informada por um esquema de percepção visual¹²¹.

Descola tenta fugir do pecado do etnocentrismo e procura a existência de modelos perceptivos que integram os objetos reais que compõe o mundo e os esquemas de representação culturalmente estabelecidos pelos grupos humanos, sejam esses esquemas europeus, asiáticos ou americanos. Para isso, propõe que a paisagem é decorrente de uma dupla transfiguração (*in visu* e *in situ*), ou seja, para que a paisagem venha a existir, enquanto objeto e conceito, o entorno deve passar por “uma mudança deliberada de aparência, ao termo da qual um sítio torna-se um signo de

¹²⁰ ANDREOTTI, Giuliana. *Paisagens culturais*. Tradução de Ana Paula Bellenzier [et all]. Curitiba : UFPR, 2013, p. 52.

¹²¹ Em francês no original, transcrição e tradução minhas: “Pas de paysage sans observateur, pas d’observateur sans perception, et donc le paysage c’est un lieu, mais qui est découpé par un regard, qui est découpé par un point de vue, qui est découpé par une perspective informé par un schème de perception visuelle.” DESCOLA, Philippe. *Les formes du paysage* : cours au Collège de France, 2010-2011, 29 février 2012, 30’ 37”. Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/site/philippe-descola/course-2012-02-29-14h00.htm>. Acesso 18/02/2015.

outra coisa que si mesmo revelando aquilo que continha potencialmente”, um processo que “pode se realizar *in situ*, na medida em que se trata de um arranjo do lugar, ou *in visu*, a partir da elaboração de um esquema visual que organiza a figuração concreta e serve de filtro ao olhar”¹²².

Paisagem é um conceito complexo, ambivalente, e frequenta de maneira prolixa o vocabulário de historiadores da arte, geógrafos, biólogos, arquitetos, entre tantos outros — fala-se tanto em paisagens naturais quanto em paisagens sociais, paisagens urbanas e históricas, etc. —; Augustin Berque chama isso de inflação [*inflation*] do termo, tal inflação leva-nos a falar de paisagem a propósito de tudo e de nada¹²³: uma palavra esvaziada de conteúdo conceitual e que não remete a nenhum objeto.

Ora, se um conceito é antes de tudo uma palavra, uma definição de *paisagem* pode começar em sua etimologia.

Sanderville Jr. informa que a palavra é oriunda do francês, *paysage*, e tem sua primeira aparição em dicionário desta língua atestada no século XVI; seu uso em língua portuguesa é referido como *paizagem*, em 1656: a “palavra portuguesa *paisagem* deriva de *país*, que se refere não apenas ao espaço físico, mas a uma apropriação peculiar do espaço, à construção de um território e de um povo, para então se tornar, talvez, a imagem desse território”¹²⁴. Argumenta ainda o autor que o sufixo *agem*, do latim *imago*, “remete à ideia de forma, semelhança, aspecto, aparência”, havendo tanto a ideia tanto de imitação (correspondência, similitude) quanto de representação (criação, imaginação)”¹²⁵.

Jean-Marc Besse chama a atenção para o fato de que no século XVI os vocabulários da emergente pintura de paisagem e da geografia eram idênticos. Diz o geógrafo que antes de adquirir uma significação principalmente estética, ligada a um gênero específico de pintura, palavras como *landschaft*, *landschap*, *paessee*, possuí-

¹²² Em francês no original, tradução minha: “La transfiguration est un changement d'apparence délibéré au terme duquel un site devient un signe d'autre chose que lui et révèle par là ce qu'il contenait en puissance [...] ce processus peut se réaliser *in situ*, lorsqu'il s'agit de l'aménagement d'un lieu, ou *in visu*, par l'élaboration d'un schème visuel organisant la figuration concrète et servant de filtre au regard.” DESCOLA, Philippe. *Anthropologie de la nature. Cours : les formes du paysage. I (suite).*, *Annuaire du Collège de France 2012-2013, Résumé des cours et travaux 113^e année*, Paris, 2014, p. 680.

¹²³ BERQUE, Augustin. *Paysage, milieu, histoire*. In : _____ (Dir.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1994, p. 27.

¹²⁴ SANDEVILLE JR., Euler. *Paisagem. Paisagem Ambiente: ensaios*, São Paulo, no. 20, 2005, p. 51.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 51.

am uma significação territorial e geográfica¹²⁶: “tomada num sentido sobretudo jurídico-político e topográfico, a paisagem é, de início, a província, a pátria, ou a região”¹²⁷.

Nesse primeiro momento, a paisagem, o objeto (tendo uma conotação geográfica sobretudo), não se reduz a extensão de um território que se descortina a um olhar desde um ponto de vista, ela é entendida como espaço objetivo da existência humana. Nas palavras de Piero Camporesi, trata-se de “uma paisagem do trabalho, uma paisagem do uso, uma paisagem da saúde e do bem viver. Os valores paisagísticos são menos pitorescos que práticos”.

No século XVI, não se conhecia a paisagem no sentido moderno do termo, mas o “país”, algo equivalente ao que é para nós, hoje, território [...], lugar ou espaço considerado do ponto de vista de suas características físicas, à luz de suas formas de povoamento humano e de recursos econômicos. De uma materialidade quase tangível, ele não pertence à esfera estética se não de um modo muito secundário¹²⁸.

Como bem observou March Bloch, “para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito, a cada vez que mudam de costumes, de mudar de vocabulário”¹²⁹. Em que se tratando de paisagem, a noção de paisagem permitiu que fosse visto, separado, isolado e identificado?

Não existindo percepções puras, imaculadas, as paisagens são, portanto, aquisições culturais. Nossa concepção de paisagem, assim como as noções de útil e de belo — termos que frequentemente associados ao conceito —, está sustentada por todo um repertório, um imaginário herdado, sedimentado ao longo do tempo. Pois “se existe um sentimento de satisfação conferido pela paisagem, é que existe uma forma que espera uma satisfação, um preenchimento.” Para Anne Cauquelin, “trata-se aqui da adequação de um modelo cultural ao conteúdo singular que é apre-

¹²⁶ Leo Name, ao tratar da etimologia dessas palavras, traz a seguinte referência: “[...] *landschaft* é de origem alemã, medieval, e se refere a uma associação entre o sítio e seus habitantes, ou seja, morfológica e cultural. Provavelmente tem origem em *land schaffen*, que é ‘criar a terra, produzir a terra’. *Landschaft* originou o *landschap* holandês, que, por sua vez, originou o *landscape* em inglês. O termo holandês, apesar de seu significado ser igual ao correlato alemão, se associou às pinturas de paisagens realistas do início do século XVII, relacionando-se então às novas técnicas de representação renascentistas. Já o termo em inglês, originado do holandês, comumente é definido como *view of the land* ou *representation*.” NAME, Leo. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, 2010, p. 164.

¹²⁷ BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 20.

¹²⁸ CAMPORESI *apud* BESSE, op. cit., p. 20.

¹²⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 59.

sentado”, “satisfação da mesma ordem que a da validade de um contrato: isso está de acordo, convém”¹³⁰.

Esse valor estético da paisagem é retomado por Besse, ao propor que

Se se está de acordo que a paisagem é efetivamente uma produção cultural, as significações culturais que ela contém, e que são como que projeções da cultura sobre o “país”, não podem ser reduzidas unicamente a significações estéticas: é preciso também fazer jus a outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e a outras práticas que, tanto quanto a estética, são investidas no território (investidas no sentido mais literal do termo). Há o olhar do cientista, o do médico, o do engenheiro, o do religioso ou do peregrino, etc.¹³¹.

Em um sentido estético e cultural, Alain Roger é categórico ao afirmar que “uma paisagem nunca é redutível a sua realidade física — os geosistemas dos geógrafos, os ecossistemas dos ecólogos, etc.”; para este filósofo “a transformação de um *país* em uma paisagem supõe sempre uma metamorfose, uma metafísica, [...] a paisagem nunca é natural, mas sempre ‘sobrenatural’”¹³².

Simon Schama, em seu *Paisagem e Memória*, afirma que “a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto estratos de rochas”¹³³. E, ainda mais enfaticamente, considera que “a nossa tradição da paisagem é produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões”¹³⁴.

Consequentemente, o desafio para que se possa compreender o conceito parece residir em como integrar seu prefixo (o conceito da realidade objetiva) e seu sufixo, como valorar esses dois termos (*país* e *imagem*).

Augustin Berque, nesse sentido, sintetiza o problema das interações entre a subjetividade do observador (produtor, ou articulador da *imagem*) e os objetos reais que compõem a paisagem; como afirma:

[...] a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois termos. Essa relação, que põe em jogo

¹³⁰ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007, p. 119-120.

¹³¹ BESSE, op. cit., p. 61-62.

¹³² Em francês no original, tradução minha: “un paysage n'est jamais réductible à sa réalité physique — les géosystèmes des géographes, les écosystèmes des écologues, etc. —, que la transformation d'un pays en paysage suppose toujours une métamorphose, une métaphysique, entendue au sens dynamique. En d'autres termes, le paysage n'est jamais naturel, mais toujours ‘surnaturel’”. ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997, p. 9-10.

¹³³ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17.

¹³⁴ Ibidem, p. 24.

diversas escalas de tempo e espaço, não implica em uma maior valorização da instituição mental da realidade que da constituição material das coisas¹³⁵.

Para este geógrafo, a paisagem não se reduz aos domínios visuais do mundo, nem à subjetividade de um observador, é mais do que um simples ponto de vista óptico, assim como se remete a objetos concretos que estão a nossa volta, também é especificada por um sujeito que observa. É possível afirmar, então, que o estudo da paisagem considera a complexa interação entre o sujeito que observa (sujeito este vinculado a propósitos, sensibilidades e projetos individuais e/ou coletivos) e os objetos reais que se lhe apresentam.

Essa é a abordagem antropológica de Descola, que afirma que a noção de paisagem

remete a dois níveis de realidade distintos, mas difíceis de dissociar. Uma realidade “objetiva”, uma extensão de espaço oferecida à vista, que preexiste, portanto, ao olhar, e cujos componentes podem ser descritos de forma mais ou menos precisa em todas as línguas; e uma realidade “fenomênica”, uma vez que um sítio só vem a ser paisagem em virtude de um olho que o capta em seu campo de visão e pelo qual se impregna de uma significação particular¹³⁶.

Neste ponto é possível retomar a proposição de Sérgio Buarque de Holanda, quando afirma que “num intervalo de cerca de dois séculos [do XVII ao XIX], a terra parecera ter perdido, para portugueses e luso-brasileiros, muito de sua primeira graça e gentileza”, e que a familiaridade cegou os nativos para o que havia de “insólito em cada coisa, mormente nessas coisas naturalmente complexas como o são uma paisagem, uma sociedade, uma cultura”¹³⁷. Diz o historiador que aí reside o interesse suscitados nos escritos e quadros dos viajantes chegados do Velho Mundo entre o ano da vinda da Corte e, pelo menos, o do advento da Independência: “de tão visto e sofrido por brasileiros, o país se tornara quase incapaz de excitá-los”¹³⁸.

¹³⁵ Em francês no original, tradução minha: “[...] le paysage ne réside ni seulement dans l’objet, ni seulement dans le sujet, mais dans l’interaction complexe de ces deux termes. Ce rapport, qui met en jeu diverses échelles de temps et d’espace, n’implique pas moins l’institution mentale de la réalité que la constitution matérielle des choses.” BERQUE, Augustin. Introduction. In : _____ (Dir.) *Cinq propositions...*, op. cit., p. 5.

¹³⁶ Cette notion renvoie à deux niveaux de réalité distincts, mais difficiles à dissocier. une réalité «objective», une étendue d’espace offerte à la vue, qui préexiste donc au regard susceptible de l’embrasser et dont les composantes peuvent être décrites de façon plus ou moins précise dans toutes les langues, et une réalité «phénoménale», puisqu’un site ne devient paysage qu’en vertu de l’œil qui le capte dans son champ de vision et pour lequel il se charge d’une signification particulière. DESCOLA, Philippe. *Anthropologie de la nature. Cours : les formes du paysage. I., Annuaire du Collège de France 2011-2012, Résumé des cours et travaux 112^e année*, Paris, 2013, p. 650.

¹³⁷ HOLANDA, op. cit., p. 12.

¹³⁸ Ibidem, p. 13.

As palavras de Holanda encontram eco na asserção de Raymond Williams que compreende que raramente uma terra em que se trabalha é uma paisagem, uma vez que “o próprio conceito de paisagem implica separação e observação”¹³⁹. Ou, mais especificamente, em Alain Corbin que afirma que “a paisagem é uma forma de ler e analisar o espaço, de representa-lo”¹⁴⁰ e, por isso mesmo, indissociável da pessoa que a contempla. O historiador francês informa que desde o Renascimento “lemos a paisagem de uma maneira distanciada, em função de uma atitude que se pode chamar de espectral, pois nos submetemos ao primado da visão”¹⁴¹. Ainda segundo Corbin, todas as atitudes espectralas estão fundadas em uma distância: “quando se considera o que chamamos de paisagem, nos sentimos, ao mesmo tempo, face a um espaço e fora dele”¹⁴².

Essa distinção é também apontada por Yi-Fu Tuan, compreende o geógrafo que visitantes e nativos focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente uma vez que, de maneira geral, somente o visitante tem um ponto de vista, pois sua percepção se reduz a usar os olhos para compor quadros. Já o nativo, ao contrário, tem uma atitude complexa derivada da sua imersão no meio ambiente. “O ponto vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente por meio do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito”¹⁴³.

O ato de enunciar a paisagem, de dizê-la, de representa-la, é sem dúvida um problema histórico. Não é a sua realidade, sua concretude que é contestada (para retomar os termos de Andreotti: o objeto, a essência), mas sim a ideia de paisagem e sua percepção e, por fim, a sua enunciação possibilitada por uma palavra ou outro suporte. Nas palavras de Roger: “sem dúvidas a denominação é essencial;

¹³⁹ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 201.

¹⁴⁰ Em francês no original, tradução minha: “Le paysage est manière de lire et d'analyser l'espace, de se le représenter [...], le paysage est une lecture, indissociable de la personne qui contemple l'espace considéré.” CORBIN, Alain. *L'homme dans le paysage. Entretien avec Jean Lebrun*. Paris : Textuel, 2001, p. 11.

¹⁴¹ Em francês no original, tradução minha: “Nous lisons les paysages d'une manière distanciée, selon une attitude que l'on peut qualifier de spectatorial, parce que nous nous soumettons au primat de la vue, et cela depuis la Renaissance.” Ibidem, p. 19.

¹⁴² Em francês no original, tradução minha: “Quand l'on considère ce que nous appelons un paysage, nous nous sentons, tout à la fois, face à un espace et en dehors de lui.” Ibidem, p. 19.

¹⁴³ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012, p. 96.

mas a sensibilidade paisagística pode se abrir por outras vias, se exprimir por outros signos, visuais ou não, que requerem, do intérprete, uma atenção escrupulosa”¹⁴⁴.

Ora, se como aponta Michel Collot, “a paisagem é sempre vista por alguém, é por isso que ela tem um horizonte, cujos contornos são definidos por esse ponto de vista”¹⁴⁵, devemos nos perguntar que paisagem é representada por esses observadores nos relatos de viagem? Como, e em função de quê, os lugares são recortados? A partir de quais pontos de vista são operados esses recortes?

2. 1 — Ver a paisagem através das lentes culturais

A palavra *paisagem* está presente nos três relatos de viagem selecionados. Apesar disso, seu simples aparecimento não possibilita a compreensão do conceito para os autores. É possível apenas, a partir dos fragmentos existentes, asseverar que nos relatos esse conceito toma a forma de um inventário estetizado, sem que esses dois termos se contradigam ou se oponham: trata-se do país, tanto quanto de sua imagem, e é a distância, a separação do viajante, que lhe permite avaliar a paisagem, dizê-la.

Nos relatos de Bigg-Wither e Taunay o termo é empregado mais em seu sentido estético, ou seja, a paisagem é uma vista agradável, a ser apreciada, sobretudo por sua grandeza (não perdendo também seu valor de inventário), como, por exemplo, nas seguintes expressões: “nos vastos panoramas [...] é que a monotonia se transforma em grandeza, mas, no número infinito de paisagens menos extensas

¹⁴⁴ Em francês no original, tradução minha : “Sans doute la dénomination est-elle essentielle ; mais la sensibilité, paysagère en l'occurrence, peut se frayer d'autres voies, s'exprimer par d'autres signes, visuels ou non, qui requièrent, de l'interprète, une attention scrupuleuse”. ROGER, op. cit., p. 57. O filósofo disserta ainda sobre forte ligação que as palavras francesas *pays*, *paysans* e *paysage* (literalmente em português *país*, *camponês* — mas também *paisano* em sua origem — e *paisagem*) possuem: “a percepção de uma paisagem [...] exige tanto um afastamento quanto uma cultura, uma espécie de *recultura*. Isso não significa que o camponês é desprovido de qualquer relação com o seu país e que ele não sente apego à sua terra, ao contrário; mas esse apego é mais poderoso por ser simbiótico. Falta-lhe, por conseguinte, essa dimensão estética, que é medida, ao que parece, pela distância do olhar, indispensável à percepção e ao deleite paisagístico. O camponês é o homem do país, não o da paisagem.” Em francês no original, tradução minha: “La perception d'un paysage [...] suppose à la fois du recul et de la culture, une sorte de *reculture* en somme. Cela ne signifie pas que le paysan est dépourvu de tout rapport à son pays et qu'il n'éprouve aucun attachement pour sa terre, bien au contraire; mais cet attachement est d'autant plus puissant qu'il est plus symbiotique. Il lui manque, dès lors, cette dimension esthétique, qui se mesure, semble-t-il, à la distance du regard, indispensable à la perception et à la délectation paysagères. Le paysan est l'homme du pays, non celui du paysage”. Ibidem, p. 27.

¹⁴⁵ COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. Tradução de Eva Nunes Chatel. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Maria Miguel (org.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2013, p. 206.

com que frequentemente nos deparávamos, sentíamos que em geral faltava um relevo à identidade”¹⁴⁶, as “mais soberbas e magníficas vistas”¹⁴⁷, grandes campos “com seus horizontes sem fim e de seus soberbos espetáculos”¹⁴⁸, “a vastidão do campo dourado, estendendo-se para o sul e para o oeste, até se perder de vista”¹⁴⁹, “grandes campos ondulantes”¹⁵⁰; “verdejantes vastidões de campos iluminados pelo sol, com fundas e elegantes ondulações”¹⁵¹, “sua formosura como paisagem”¹⁵², “há nesta terra do Brasil momentos, há perspectivas, há paisagens tão grandiosas, tão inesperadas, tão solenes, há quadros tão extraordinários em sua repentina aparição, [...] que nem mesmo o pincel as pode fielmente reproduzir”¹⁵³, etc.

Já no texto de Saint-Hilaire o emprego do conceito visa tanto uma mirada estética, quanto o utilitarismo. Como na descrição a seguir: “até onde a vista alcança, descortinam-se extensas pastagens; pequenos capões, onde sobressai a valiosa e imponente [*utile et majestueux*] Araucária, surgem aqui e ali nas baixadas, o matiz carregado de sua folhagem contrastando com o verde-claro e viçoso do capinzal”¹⁵⁴.

Suspensa temporalmente na narrativa — de fato isso é parte essencial de toda narrativa; nas palavras de Gérard Genette, “a descrição é mais indispensável do que a narração, uma vez que é mais fácil descrever sem narrar do que narrar sem descrever”¹⁵⁵ —, a descrição da paisagem visa simultaneamente um saber enciclopédico e utilitário, na mesma medida em que produz uma imagem estetizada.

Diz Saint-Hilaire em sua “Descrição Geral dos Campos Gerais”:

Esses campos são certamente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América; suas terras são menos planas, não tendo pois a monotonia das nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas que limitem o horizonte. [...] De vez em quando apontam rochas à flor da terra nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se precipita nos vales; inúmeras éguas e bois pastam pelos campos e dão vida à paisagem; veem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas, com pequenos pomares de macieiras e pessegueiros. O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais à fragilidade da nossa vista¹⁵⁶.

¹⁴⁶ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 127.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 97.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 101.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 134-135.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 350.

¹⁵¹ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 118.

¹⁵² Ibidem, p. 133.

¹⁵³ Ibidem, p. 143.

¹⁵⁴ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, p. 12.

¹⁵⁵ GENETTE, Gérard. Fronteiras da Narrativa. In: BARTHES, Roland; et all. *Análise estrutural da narrativa*: pesquisas semiológicas. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 263.

¹⁵⁶ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, p. 12.

Para Bigg-Wither, os Campos Gerais [*the great Prairie*] compõe um esplendoroso panorama:

Para o lado sul e sudoeste, estendia-se o vasto mar de relva dourada que se perdia de vista, ondulando em vagas gigantescas até o profundo vale do Iguaçu, bem distante e muito abaixo; depois, elevando-se novamente do outro lado, continuava seu movimento ondulatório, diminuindo gradativamente as vagas, até o céu e a terra se confundirem e se perderem na distância, no que parecia ser o infinito. Não havia detalhes que chamassem a atenção, a vista parecendo perder-se na imensidão do panorama. Surgiam apenas algumas árvores raquíticas, vendo-se aqui e ali pinheiros, a refletirem a ramagem verde escura nas profundezas dos cursos d'água que cruzavam as campinas. Era só. Além disso, a grande planície, quase sem limite em extensão, não apresentava um só marco onde os olhos pudessem repousar. [...] Nem na Inglaterra, nem talvez em toda a Europa seria possível encontrar qualquer coisa que se aproximasse disto. O que mais me impressionou foi a sua vastidão — a sua imensidão nos dava a ideia do ilimitado¹⁵⁷.

Já o Visconde de Taunay, mais modesto e menos impressionado que os outros dois viajantes, assim descreve:

Como perspectiva, nada mais formoso do que aquele desdobrar de campos de um verde alegre, em que nas quebradas se desenvolve compacta vegetação, com alterosos pinheiros aqui e acolá e ainda mais aformoseados por maciços de rochas de todas as configurações, já redondas, já pontiagudas, ora compactas, ora rendilhadas, esparsas ou em grupos, desnudadas ou então cobertas de *gravatás* e outras bromélias. E isso se estende por léguas e léguas, modificadas só as razões de mais ou menos propriedade para o cultivo pela aproximação das correntes d'água, umas volumosas, como o Iguaçu e Tibagi e outras, mais modestas, já ribeirões, já modestos córregos¹⁵⁸.

Na descrição de Taunay, a abstenção do narrador em primeira pessoa e o uso do impessoal tenta anular qualquer presença; a paisagem parece enunciar-se por si mesma: ela é um dado. Enquanto no relato de Bigg-Wither o narrador aparece apenas no final do enunciado, dramatizando a experiência descritiva (apesar das complexas diferenças entre as línguas portuguesa e inglesa, no texto original a descrição continua no impessoal: “what seemed to impress one most was its immensity — its seeming boundless expansion”¹⁵⁹; uma tradução livre seria “o que parecia impressionar mais era sua imensidão — sua aparente expansão sem fronteiras”. A descrição de Saint-Hilaire, apesar de começar em primeira pessoa, segue o mesmo roteiro; o detalhe que chama à atenção é o aparecimento do pronome possessivo da

¹⁵⁷ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 94-95.

¹⁵⁸ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 134.

¹⁵⁹ BIGG-WITHER, Thomas P. *Pioneering in South Brazil. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná, vol.I.* London: John Murray, 1878, p. 112.

terceira pessoa do plural no final da descrição (“nossa”): ora, quem é esse “nós” que possui a vista frágil? Sem dúvida devemos retomar a proposição de Descola de que “não há paisagem sem observador”¹⁶⁰; e de fato não existe; mas, é parte essencial de toda narrativa que busca o realismo (uma cópia estrita do referente), apagar as marcas do enunciador para aproximar leitor do que é descrito. Essa é a marca da literatura científica: dar a ver um objeto (ou um conjunto de objetos), uma realidade, sem os sinais da subjetividade de um possível observador: é aquilo que está dado. Ou, como denomina Barthes, uma linguagem considerada “espontânea”, “instrumental”; linguagem esta que deve ser apenas ferramenta de um conteúdo mental ou dramático, que não possui consistência em si mesma: “as escritas científicas, não se oferecem como escrituras, mas somente como transparências a serviço de um relatório, de uma relação, de uma recensão do pensamento”¹⁶¹. Parte da operação retórica primordial para a concepção de paisagem, pertencendo àquilo que Cauquelin denominada “grande arte da ilusão sedutora”: “a presença de um autor por trás da obra ou da paisagem é apagada: pensamos ter acesso direto a uma realidade total. A perfeição é atingida quando se crê que não há mediação alguma entre a natureza — exterioridade total — e a forma segundo a qual ela é percebida”¹⁶².

Esse tipo de descrição só é possível porque o viajante está (de passagem) na paisagem, mas não faz parte dela — não é o camponês, o paisano. Essa “abstração do homem”, essa postura de observador, como descreve Raymond Williams, possibilitou o aparecimento de “ideias mais seculares e mais racionais sobre a natureza”¹⁶³, trata-se de “uma mente separada observando uma matéria separada”¹⁶⁴. O aprimoramento da agricultura, a Revolução Industrial, etc. foram desencadeadas a partir dessa ênfase; muitos “desses efeitos práticos” dependeram de um olhar sobre a natureza enquanto um conjunto de objetos, passíveis de serem manipulados e operados pela mente humana¹⁶⁵. Esse olhar sobre o mundo natural, sobre o espaço;

¹⁶⁰ Cf. supra p. 51.

¹⁶¹ BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 338.

¹⁶² CAUQUELIN, op. cit., p. 124.

¹⁶³ WILLIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In: _____. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 101.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 102-103.

¹⁶⁵ A diferença entre ver e o olhar é discutida por Sérgio Cardoso: “o ver e o olhar, na sua oposição, configuram campos de significação distintos; assinalam em cada extremidade do nosso fio justamente ‘sentidos’ diversos. O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição ou passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. [...] Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e

essa distância que permite ao viajante ver a paisagem, era condicionada por diversos fatores, como visto anteriormente. Mas, sobretudo, uma questão se fez determinante: a oposição entre rural e urbano e a convicção de que os ambientes urbanos sofriam uma profunda deterioração, tidos cada vez mais como sujos e pestilentos; o campo, ao contrário, era representado enquanto saudável e terapêutico¹⁶⁶. Como lembra Corbain “a terapêutica determinou significativamente a apreciação. A partir dos últimos decênios do século XVII, viu-se desenhar uma admiração das paisagens ‘saudáveis’, consideradas como terapêuticas”¹⁶⁷. Essa preocupação é mais evidente ainda no relato de Taunay em função de sua atividade enquanto presidente da província.

Bigg-Wither define as florestas do Ivaí como um “Inferno terrestre”, repletas da “praga dos insetos e pequenas misérias”, um ambiente em que “há alguma coisa em seu silêncio perpétuo, nas suas sombras escuras e nos seus horizontes limitados que age compassivamente sobre a mente e o corpo, reduzindo ambos a um perímetro mais estreito”¹⁶⁸. Já nos Campos Gerais, próximo a Tibagi, sua mirada terapêutica fica clara:

Há alguma coisa, na atmosfera ou no cenário desses campos, ou ainda em determinados dias, muito sutil para ser analisada ou explicada, que, todavia, exerce poderosa influência sobre o espírito. Não posso imaginar restaurador mais eficiente para a cura dos dissabores a que estamos especialmente sujeitos do que um ou dois meses de viagem nestas planícies refrescadas pela viração. A simplicidade do modo de viver não seria mera questão de escolha, mas necessidade de mudança completa de vida em todos os sentidos — mudança do inatural para o natural, em que se come apenas para satisfazer a fome, se dorme durante as horas em que estiver escuro, sem levanta com o sol num dia de não aborrecimento e tédio, mas de gozo pleno e prazer, tanto para o espírito como para o corpo — eis o que produz a mais perfeita alegria de existir, independente de todos os tônicos preparados pela farmácia¹⁶⁹.

às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura de sua interioridade [...] Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor... Como se irrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem.” CARDOSO, Sérgio. O olhar do viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 348.

¹⁶⁶ Cf. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 345-359.

¹⁶⁷ Em francês no original, tradução minha: “La visée thérapeutique a, elle aussi, largement déterminé l'appréciation. À partir des dernières décennies du XVII^e siècle, on voit se dessiner une admiration des paysages « sains », considérés comme thérapeutiques.” CORBAIN, op. cit., p. 71.

¹⁶⁸ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., pp. 350-352.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 408.

A noção de horizonte é, sem dúvida, uma chave para a compreensão do conceito de paisagem: não há paisagem sem horizonte; ainda que essa noção remeta à ideia de “uma linha que encerra a nossa vista”, é o horizonte que permite uma seleção do todo. Embora esta noção remeta a certa negatividade, ela está ligada à pluridimensionalidade do espaço. Collot lembra que: “se a paisagem tiver partes escondidas, é porque comporta um relevo, e organiza-se segundo uma escala de pontos sucessivos que se mascaram uns aos outros”, e que “essa limitação da visibilidade faz da paisagem uma ‘estrutura de apelo’: incompleta, ela pede para ser completada por uma intervenção ativa do sujeito, o qual deverá esforçar-se para preencher as lacunas da paisagem graças à imaginação, à palavra ou ao movimento.” Como afirma o autor: “o invisível solicita a imagem”¹⁷⁰. Por isso tantas referências à “ondulações”, “vagas”, “desdobrar”, etc.: caminhar (viajar) é atualizar a paisagem. Experiência impossível para um viajante europeu em florestas americanas, descrita por Bigg-Wither como “tão densas que, sem o auxílio do machado ou do facão, o horizonte possível de uma pessoa ali estacionada não podia ir além, em muitos casos, do alcance da mão”¹⁷¹.

Importante ressaltar que a noção de olhar opera significativamente para a compreensão do espaço e sua posterior apreciação. Tanto Tuan quanto Descola insistem na variedade de culturas e modos de percepção do entorno. Aí investem diversos fatores como sexo, idade, interesses, cultura de origem, etc.: “o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo.” Tanto o contato com a paisagem quanto a própria noção remetem a um forte conteúdo etnocêntrico europeu.

Saint-Hilaire — astuto narrador, talvez interessado na divulgação de seus relatos anteriores — compara os Campos Gerais à região mineradora de Minas Gerais. Diz o naturalista que:

Embora o inverno seja rigoroso [nos Campos Gerais], pode-se afirmar que o clima é temperado; há ventos frequentes e o ar circula livremente por toda a região; suas águas, embora inferiores às da parte oriental de Minas Gerais, são mesmo assim bastante boas; não existem brejos em nenhum lugar, praticamente, e os rios correm celeremente [...] por leitos de rochas.

Do dia 26 de janeiro a 4 de março de 1820 não houve, talvez, dois dias seguidos sem chuva, e de fato essa é a época em que as chuvas são mais abundantes; porém não se conhecem ali as prolongadas secas de seis me-

¹⁷⁰ COLLOT, op. cit., p. 210.

¹⁷¹ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 439.

ses que em Minas e em Goiás afetam de forma tão penosa o sistema nervoso¹⁷².

Os dois viajantes europeus insistem (para além das duas citações apenas, mas em todo o relato) na relação salubre, saudável, do ambiente e do corpo. O imaginário terapêutico atua significativamente na apreciação da paisagem, na apreensão de um espaço enquanto paisagem.

Taunay, influenciado por um imaginário eurocêntrico e, sobretudo, por Saint-Hilaire, não deixa de insistir sobre a circulação do ar e dos frequentes ventos:

Falávamos, porém, da salubridade dos Campos Gerais. É ela geralmente reconhecida incontestável. Ponta Grossa e Castro gozam da fama de serem climas excepcionais, sobretudo para doentes de tísica pulmonar. O ar, com efeito, é muito puro e fino. [...]

Um dos pontos mais reputados pela sua salubridade nos Campos Gerais, muito embora seja bastante ventoso, é a cidade de Ponta Grossa. Com uma população fixa de talvez 1.200 habitantes e lugar de bastante trânsito, passou-se um ano inteiro, sem que lá morresse uma só pessoa! Cita-se o fato com orgulho, e com efeito parece extraordinário e poderia suscitar incredulidade se não fosse coisa averiguada e de poucos anos.

São Luiz, logo à entrada dos Campos Gerais, depois de Serrinha, é um dos lugares mais frios e húmidos de toda aquela região. [...]

Saint-Hilaire, com toda a razão, preconiza as condições de salubridade de todos esses lugares. O clima é temperado, embora caiam no inverno copiosas geadas. Venta bastante, muito até, em vários pontos, como por exemplo em Ponta Grossa. Os pântanos são raros, quase não existentes e no geral os rios e ribeirões correm por sobre grandes lajeados¹⁷³.

O olhar do viajante está subordinado a convicções científicas, sobretudo das teorias neo-hipocráticas, que preconizavam a salubridade dos ambientes. Como lembra Corbain, a partir do século XVII são insistentes as referências médicas à qualidade do ar, da terra e da água; se espalha a convicção de que “as doenças se transmitiam não pelo contágio, mas pela contaminação do ar, da água e da terra”, “tudo o que é estagnado é considerado insalubre. Tudo que é móvel, tudo que é ventilado, é percebido como saudável”, sem dúvidas, “tal sistema de convicções científicas levou a apreciar os espaços ventilados e a depreciar profundamente as paisagens nas quais parecia reinar uma total imobilidade”¹⁷⁴. Daí as referências insistentes às características consideradas como “qualidades” dos Campos Gerais: aberto, ventilado, fresco, abundantemente regado por água corrente, etc.

¹⁷² SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, op. cit., p. 16.

¹⁷³ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 149-150.

¹⁷⁴ Em francês no original, tradução minha : “les maladies se transmettent non par la contagion mais par l'infection de l'air, de l'eau et de la terre. [...] Tout ce qui stagne est alors considéré comme malsain. Tout ce qui est mobile, tout ce qui est ventilé, est perçu comme sain. [...] Un tel système de convictions scientifiques a conduit à goûter les espaces ventilés et à déprécier très fortement les paysages au sein desquels semblait régner une totale immobilité.” CORBAIN, op. cit., pp. 66-68.

A oposição entre urbano e rural também adjetivava o primeiro enquanto atrasado, obsoleto diante a modernidade desejada, gerava uma dualidade complexa para o olhar do viajante (tanto europeus, quanto brasileiros).

O olhar dos viajantes europeus se constrói a partir da ambivalência que propõe ao mesmo tempo a busca de elementos que remontem à Europa rural (uma Europa em profundas transformações), mas que também projeta uma modernização profunda, uma alteração muitas vezes radical da paisagem¹⁷⁵. Tanto para Saint-Hilaire quanto para Bigg-Wither, o projeto imigratório responde a essas duas questões.

Taunay por sua vez expressa essa dualidade quando expõe seu interesse sobre os nativos. Influenciado pelo romantismo e pelo gosto suscitado pelo estudo do povo (da gente), o autor-narrador da *Viagem filosófica* escreve que “de tudo quanto cerca o homem observador pode ele tirar motivos de instrução e interesse”, e por isso tomava “nota de alguns vocábulos que foram enriquecer o curioso e importante dicionário da língua brasileira popular”, obra que então preparava seu primo Henrique de Beaurepaire Rohan. Em contrapartida, não suportava o fato de “ficarem durante o dia inteiro sete, oito, dez e até mais malandros, na força da idade, a atulharem os ranchos entregues à vadiação, dormitando à sombra, ou contando casos de jogo e proezas de caça”; estes eram comparados por Taunay aos “filhos da Europa” que, segundo o autor, quando “se lhes entrega um canto de terra, estão a ele presos nos múltiplos misteres do seu amanho e cultivo de sol a sol!”¹⁷⁶.

Thomas Bigg-Wither, após sair de Curitiba em 11 de Agosto de 1872, e galgar a Serrinha com “as mulas cansadas, esgotadas da dura caminhada da subida do desfiladeiro”, ele, juntamente com os tropeiros, empregados e companheiros “deitaram-se na relva verde, como um rebanho de carneiros num dia de verão na Inglaterra [*at home*], o focinho inclinado para o solo, ofegantes e com a carga ainda no lombo.” Esse quadro, semelhante ao que poderia ser visto em terras inglesas, “refletia perfeito estado de sossego e satisfação”, visto do alto parecia até uma parte de Kent ou Sussex, e “na aparência geral, não diferia de certas partes de uma daquelas duas regiões.” Mas, ao alcançar o topo da Serrinha, marco que separa o primeiro do se-

¹⁷⁵ Raymond Williams lembra “as origens rurais” do capitalismo europeu, sobretudo na Inglaterra do século XVII e o cercamento de terras, com suas mansões senhoriais e as grandes propriedades. Thomas Bigg-Wither era herdeiro de toda a tradição descrita por Williams, o engenheiro nasceu na mansão de Tangier Park em Hampshire, na Inglaterra, um dos primeiros condados ingleses a perpetrar os cercamentos. WILLIAMS, *O campo e a cidade...*, op. cit.

¹⁷⁶ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 104.

gundo planalto paranaense, sua impressão foi a de que “nem na Inglaterra, nem talvez em toda a Europa seria possível encontrar qualquer coisa que se aproximasse disto”. Para o viajante inglês não haviam detalhes que chamassem a atenção, a vista parecia perder-se na imensidão em que “surgiam apenas algumas árvores raquíticas, vendo-se aqui e ali pinheiros, a refletirem a ramagem verde escura nas profundezas dos cursos d’água que cruzavam as campinas.”¹⁷⁷

Segundo Mary Louise Pratt, “os vitorianos optaram por uma marca pictórica verbal, cuja função maior era a de reproduzir para a audiência de seu país de origem os momentos culminantes em que ‘descobertas’ geográficas eram ‘vitórias’ para a Inglaterra”¹⁷⁸, e que dessa forma inserem-se “referentes materiais na paisagem, referentes que invariavelmente, do aço a neve, ligam explicitamente a paisagem à cultura nativa do explorador, temperando-a com alguns pequeninos pedaços da Inglaterra”¹⁷⁹. Bigg-Wither utiliza diversas vezes a expressão “*at home*”¹⁸⁰, sobretudo quando estabelece comparação entre os serviços prestados no Brasil (correios, transporte, hotel) e as paisagens dos Campos Gerais e do primeiro planalto (Curitiba). O viajante inglês se remete às estações, criação de carneiros e a aos pastos da Inglaterra quando utiliza a expressão.

Também, ao encontrar um colono inglês próximo a cidade de Ponta Grossa, o viajante narra a seguinte passagem

Mr. Edenborough, corpulento rapaz, feito naturalmente de boa cepa, nos recebeu no tradicional estilo inglês e, em pouco tempo, já nos conhecíamos perfeitamente. Contou-nos estar aqui já havia uns sete anos e que estivera na Inglaterra uma vez nesse período de tempo, trazendo de volta muitos implementos agrícolas, além de grama e outras sementes. Logo se pôs a trabalhar para ver o que conseguia obter da campina. [...] Aquele pedaço de terra era bem pobre e toda a região de Ponta Grossa era sujeita a secas de vários meses de duração. [...] Mr. Edenborough também nos informou já ter empregado bastante capital na propriedade, em construção de casas, na abertura de fossos e na campina, e não podia recuar agora¹⁸¹.

Se, neste caso, as qualidades da paisagem possuem valor estético e material para a cultura de origem tanto do viajante quanto do colono, as suas “deficiências” sugerem a necessidade de intervenção e aperfeiçoamento.

¹⁷⁷ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 93-94.

¹⁷⁸ PRATT, op. cit., p. 339-340.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 344.

¹⁸⁰ No primeiro volume do relato em inglês o termo aparece 10 vezes, já no segundo 9 vezes. O tradutor brasileiro, Temístocles Linhares, em geral faz uso do termo “Inglaterra” quando a expressão em língua inglesa aparece.

¹⁸¹ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 121.

O engenheiro inglês escreve que a “região de Ponta Grossa era sujeita a secas de vários meses de duração”, contrariando (ainda que sem qualquer intenção) tanto Saint-Hilaire, quanto sua própria narrativa, na qual registra chuvas frequentes durante todo o período em que esteve nos Campos Gerais. Trata-se de uma estratégia em que desqualifica a paisagem para legitimar a atividade de colonizadora e modernizante de Edenborough (por ele definido como “homem de boa cepa” — aliás, esta é uma praxe no texto de Bigg-Wither, que define Miles, cozinheiro da expedição, como “um rapaz do Condado de Warwick, de cerca de vinte anos, de pequena estatura, franzino, mas fiel como um cão a seu amo”; para depois se perguntar retoricamente: “com um empregado desse naipe para nos servir, quem não ficaria contente?”¹⁸²).

Saint-Hilaire reflete sobre a relação entre a paisagem e o trabalho humano em alguns trechos exemplares. Contrariando a si mesmo em sua “descrição geral”, quando anteriormente em seu texto afirmava que as terras dos Campos Gerais, por serem menos planas, não tinham a monotonia das planícies de Beauce, ele então afirma que:

Toda a região [...] oferecia ainda imensas pastagens, no meio das quais alguns bosques se elevavam nas baixadas. De tempos em tempos aproveitávamos uma vista expandida, mas o aspecto das terras era sempre o mesmo; nada é mais monótono do que essas regiões desérticas, são os trabalhos do homem que dão variedade à natureza¹⁸³.

Segundo o que afirma autor, o pessoal que o servia era “cheio de vícios”, pois, em geral “os brasileiros das classes baixas não dispõem de qualquer instrução moral e religiosa, e em vista disso raramente mostram possuir alguma virtude, [...] não têm família, tendo sido criados por mulheres de má fama, que lhes ensinaram todos os vícios.” Gente de hábitos caracterizados pelo viajante francês “por um permanente marasmo moral” e que “se saem dele é durante alguma crise, que resulta sempre em crime”¹⁸⁴.

Um elemento importante para a percepção da paisagem, ou melhor, para a construção da paisagem, é a maneira como apreciamo-la. A tradição da pintura de paisagem nos ensina a vê-la a partir de um ponto fixo, essa não é de forma alguma a condição do viajante, que está de passagem e, em movimento, a observa. Ainda

¹⁸² BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p.113-114.

¹⁸³ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, op. cit., p. 57.

¹⁸⁴ Ibidem, pp. 82-86.

assim, para que seja inteligível na narrativa, os três autores compõem quadros, quadros esses feitos a partir de um ponto fixo, para, daí então (e isso para contribuir narrativamente à valorização actancial do autor/narrador) voltar a narração e especificar, nomear os elementos da paisagem. Esse é o caso de Saint-Hilaire que inicia seu relato a partir de uma “Descrição geral dos Campos Gerais”, dedicando nada menos que 22 páginas a essa tarefa. Também Bigg-Wither e Taunay usam esse recurso em seus relatos: uma descrição geral, de conteúdo estetizante e forte impressão, como visto acima.

O ato de denominar é por si só, como descreve Alain Corbain, “um revelador das formas de apreciar o espaço e, portanto, de construir paisagens”, “a denominação dos elementos da paisagem contribui para a heroicização do indivíduo que a efetua”¹⁸⁵.

O Visconde de Taunay ressalta sua mirada científica e reformista em alguns momentos que descreve a composição florística, por exemplo:

A vegetação rasteira dos campos é bastante interessante sobressaindo em muitos pontos os *araçazeiros* (*eugenias*), que dão frutinhos de sabor agradável, *pitangueiras*, *uvaías*, *guabiobas*, tudo de crescimento acanhado, contrastando por vezes o tamanho do fruto com o do vegetal, o que se observa sobretudo no *cajuí* (*anacardium humile*)¹⁸⁶.

Ou a constituição geológica dos Campos Gerais, que conforme o autor

não favorece mais enérgica vegetação, por isso que a exígua camada de terra ou solo arável assenta sobre espesso e prolongado lajeado. Não fosse esta circunstância, em alguns e largos trechos insanável, o Paraná, sobretudo os Campos Gerais, teriam diante de si o mais prospero e brilhante futuro pastoril, se se tratasse do replantio dos pastos, como fazem com tamanho êxito a Austrália, a Nova Zelândia e muitos Estados da Confederação Norte Americana¹⁸⁷.

A impressão de Saint-Hilaire é a de que a instalação de uma colônia de suíços nos Campos Gerais teria “intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações” e que os imigrantes “teriam ensinado aos antigos habitantes do lugar os métodos europeus de agricultura, que certamente são aplicáveis a essa região”¹⁸⁸. Como é o caso em que descreve a criação de gado:

¹⁸⁵ Em francês no original, tradução minha: “un révélateur des manières d'apprécier l'espace et donc de construire des paysages. [...] La dénomination des éléments du paysage contribue à l'héroïsation de l'individu qui l'effectue.” CORBAIN, op. cit., p. 70-71.

¹⁸⁶ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 125.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 154-155.

¹⁸⁸ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 32-33.

[...] o número de bezerros corresponde, todos os anos, a mais ou menos um quarto do das vacas. É bem verdade que o número de bezerros que nasce é muito maior do que esse, mas as doenças dizimam uma boa parte, e muitos são levados pelos ladrões ou devorados pelos animais selvagens¹⁸⁹.

Ou do cultivo de linho — em que também aparece o pronome possessivo da terceira pessoa do plural:

Alguns agricultores semearam linho nos Campos Gerais, com bons resultados, disseram-me mesmo que puderam ser feitas três colheitas por ano. Havia nos arredores da Fazenda de Jaguariaíba um homem da comarca de São João d'El Rei que cultivava o linho e tecia com ele panos com os quais vestia as pessoas de sua casa. Teria sido fácil aos agricultores das redondezas observar quais os métodos empregados por ele, mas ninguém se interessou em aprender. A cultura do linho poderia, entretanto, ser de grande utilidade para os habitantes dos Campos Gerais. Com efeito, ninguém ignora como eram apreciados os nossos tecidos, tão frescos e agradáveis, nas regiões quentes da América, antes que nossas guerras com a Inglaterra fizessem os colonos a se contentar com os tecidos de algodão; se em sua própria terra eles voltassem a encontrar o cânhamo e o linho, cuja falta tanto lamentavam, estou certo de que não hesitariam em voltar a comprá-lo¹⁹⁰.

Ao ressaltar as qualidades estéticas e produtivas da paisagem — qualidades na medida em que se assemelham às paisagens europeias —, os três viajantes insistem no mau uso ou no “abandono” das terras; exaltam a necessidade de um manejo racional dos recursos disponíveis e, conseqüentemente, destacam a necessidade de projetos imigratórios. Ou como assevera o próprio Taunay: “há ferramenta e utensílios de mais, instrumentos e máquinas de sobra: Escasseiam os operários. De gente é que carecemos”¹⁹¹.

É recorrente a ideia de que existe paisagem uma lacuna a ser preenchida, uma necessidade de aprimoramento, seja das técnicas, sejam dos elementos, seja dos usos; para tanto, os três viajantes insistem na necessidade de uma onda civilizatória: a imigração de trabalhadores europeus.

Nos três textos, reitera-se a ideia (hoje arraigada no senso comum) de que os habitantes locais fazem mal-uso dos recursos disponíveis, desconhecem as suas potencialidades, ou ainda são descritos como inaptos para explorar corretamente os recursos da paisagem; pois, apesar das semelhanças que os Campos Gerais possuem com as paisagens europeias, estes não podem aprimorá-la em moldes europeus. Os nativos estariam tão integrados à paisagem, que seria muitas vezes impossível para o viajante imaginar a possibilidade de que eles a alterassem: enquanto

¹⁸⁹ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 22.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 31.

¹⁹¹ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 98.

parte da paisagem (a noção de paisano) seria necessário que seus modos de vida fossem radicalmente transformados. Ainda que bela e cheia de potenciais, a paisagem dos Campos Gerais é erma ou desértica: isso significa pouco marcada pelos traços da civilização.

Outra convicção científica, essa emergente a partir do final do século XVIII, que influenciou bastante a apreciação do espaço foi o nascimento da geologia. Para Corbain “geólogos e geógrafos impuseram, pouco a pouco, uma leitura do espaço, socialmente restrita, e ordenada pela morfologia”¹⁹². Essa apreciação não prezava apenas um valor estético, mas, como dito anteriormente, permitia uma leitura bastante utilitarista em busca de recursos minerais.

A partir da emergência da geologia como conhecimento explicativo para a formação da terra e, conseqüentemente, a expansão cronológica decorrente disso instruiu os viajantes a se aterem ao relevo e a buscar descrevê-lo em termos menos estéticos. No seu relato Saint-Hilaire dedica pouca atenção às rochas e pedras; atem-se ele a esse elemento, principalmente, quando descreve a possível existência de diamantes ou outras pedras preciosas. Diz o viajante francês sobre uma formação próxima à cidade de Tibagi:

O terreno descia bruscamente de uma altura considerável, e tínhamos que andar sobre rochas escorregadias e quase a pique. Eu receava que as mulas se despençassem lá de cima com a sua carga, mas felizmente não ocorreu nenhum acidente. Essa encosta temo nome de *Serra das Furnas*, e no entanto não existe ali uma montanha propriamente dita e sim, como acabei de ver, um desnível brusco no terreno. O nome de *Furnas* foi, sem dúvida, dado ao lugar por causa de uma gruta muito profunda que se vê no meio das rochas, onde os viajantes muitas vezes passam a noite, mas que não me parecem ter nada de notável. Lamento não ter tido a ideia de verificar se ela não continha ossadas fósseis¹⁹³.

Thomas Bigg-Wither faz uma extensa digressão sobre a formação do segundo planalto paranaense, extensa em tamanho do texto e de temporalidade analisada:

Havíamos chegado agora ao limite ocidental do planalto [*plateau*] de Curitiba. Erguia-se, então, à pouca distância, o elevado penhasco da “Serrinha”, transformando, assim, a segunda palavra em nome próprio. A elevação média desta segunda serra, que formava o confim oriental de outro planalto ainda mais elevado, era de 800 a 1.000 pés acima daquela em que nos encontrávamos então. Sua distância, em linha reta, partindo da

¹⁹² Em francês no original, tradução minha: “Géologues et géographes ont, peu à peu, imposé une lecture de l'espace, certes socialement cantonnée, ordonnée par la morphologie”. CORBIN, op. cit., p. 69.

¹⁹³ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela comarca...*, op. cit., p. 69.

Serra do Mar, era de cerca de quarenta milhas. Nossa estrada seguia ziguezagueando por largo desfiladeiro, cheia de pinheiros gigantes e de uma vegetação de bambu e outras árvores menores. Com exceção deste lugar, a Serrinha apresentava um flanco quase vertical em direção do oriente, com um horizonte grosseiramente definido, embora recortado. Dava ideia de gigantesco penhasco, que formara outrora o limite com o oceano, não obstante tivesse, agora, uma elevação de 3.000 a 4.000 pés acima do nível do mar. O fato é que quem está habituado a fazer comparações entre coisas grandes e pequenas via a semelhança, em suas características físicas gerais, da vasta região em que viajávamos com a costa sudoeste da Ilha de Wight. Era um fato que não podia deixar de chamar a atenção de quem conhecesse esta última. Estavam ali os dois penhascos, um sobre o outro, diferindo apenas em proporções — testemunha silenciosa do passado e do presente. O mesmo planalto sobreposto, separando os dois, diferia, apenas, em extensão. Por último, as mesmas gargantas profundas ou ravinas estreitas, mais marcantes, nos dois exemplos, no penhasco inferior do que no superior. Certamente essa semelhança geral não é coincidência casual da natureza, mas deve ser o resultado de causas naturais e análogas. Saber-se em que época remota do mundo abandonou o mar este planalto mais alto, só cuidadoso estudo geológico da região poderia dizer. Deixo a discussão desta parte para aqueles que têm mais autoridade de assim o fazer. Posso, no entanto, adiantar um fato importante que auxiliará na solução do problema.

Dois anos mais tarde, estava viajando pela Serrinha quando me perdi dentro de intenso nevoeiro, que sobreveio logo depois do pôr-do-sol. Quando a cerração se desfez, descobri que me achava à beira de um precipício, desviado cerca de três milhas do caminho que levava à planície aonde desejava ir. A fim de admirar a soberba vista [*grand view*], que o planalto embaixo oferecia, continuei a cavalgar na beirada do barranco e observei que o penhasco tinha uma capa toda de granito. Uso a palavra capa, porque não parecia ser granito toda a fachada do penhasco, mas apenas o cume ou coroa. Até aonde a coroa de granito se estendia para oeste, não sei respondi. Contudo, outras observações me levaram a deduzir que esta era apenas uma das extensas séries de erupções de granito que se estendiam pelo Vale do Tibagi, do lado sul e oeste. De qualquer forma, era agora evidente que a formação peculiar da própria Serrinha, senão a própria existência do planalto que ficava por detrás, tem sido devido à influência protetora desta couraça de granito¹⁹⁴.

O Visconde de Taunay também expõe seu conhecimento geológico em um fragmento semelhante ao de Bigg-Wither, e exatamente no mesmo trecho, mas suas constatações são completamente diferentes às do viajante inglês:

Na Serrinha e ao finalizar-se a estrada de Mato Grosso que a transpõe tive ocasião de observar um facto geológico que, segundo suponho, não foi ainda assinalado em livros ou memórias, embora atraia necessariamente as vistas até do mais desatento e inilustrado viajante.

É à direita de quem sobe uma grande e grandiosa concavidade de forma quase rigorosamente circular e revestida no fundo da bacia e até certa altura, nas bordas, de ampla vegetação e riscada, em sua parte superior, um tanto desnudada, por linhas de bem pronunciado paralelismo, como que linhas geométricas deixadas pelo afloramento de águas paradas, que a pouco e pouco e com largos intervalos foram baixando de nível.

Vem logo à ideia a possibilidade de ser aquilo uma cratera de vulcão extinto; mas os sinais paralelos das camadas de terminação se não inclinam o espírito a ver ali só os efeitos da ação das águas, pelo menos fazem crer,

¹⁹⁴ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 92.

que esse elemento poderosamente concorreu para a formação e regularização do fenômeno no seu todo.

Aliás, por perto e mais adiante se notam aglomerações de rochas com pitorescas configurações mais ou menos regulares, com seus cortes e disposições lembrando espécies de castelos, torres e outras construções familiares à reminiscência senão à imaginação do povo.

Serão simples rochas metamórficas? Será aquela bela solução de continuidade do campo resultado de antiga erupção ou mera curvatura de terrenos, como é o celebre e tão citado Circo de Gavarnie, nos Pireneus?

Não tenho autoridade para decidir; causa-me, porém, espécie a existência de bastantes calcários nas adjacências, onde abundam igualmente a chamada *pedra de fogo* (*dioritos e anfíbolitos*) e muitos *sílex*¹⁹⁵

Nos fragmentos de Bigg-Wither e Taunay acima citados duas coisas chamam à atenção. A primeira delas é a necessidade de justificativa dos dois autores: “Deixo a discussão desta parte para aqueles que têm mais autoridade de assim o fazer.”; “Não tenho autoridade para decidir”. Ora, por que a insistência em negar a si mesmo a competência de tal análise, e mesmo assim fazê-la? Parece que a emergente ideia de “curiosidades naturais” era tão forte que quase exigia dos autores que as contemplassem e as mencionassem, ainda que tais hipóteses exigissem análises sistemáticas que eles não poderia fazer no momento: a experiência não poderia ser perdida¹⁹⁶. Outro ponto que chama à atenção são as referências utilizadas para comparativo: a ilha de Wright na Inglaterra e o Circo de Gavarnie na França; esses locais além de demonstrar a erudição dos autores, demarcam seu lugar social, os destinatários de seus relatos e imaginário que guiava suas escritas.

É evidente a influência exercida por Alexander von Humboldt sobre a apreciação do espaço e, principalmente, na produção de relatos de viagens: o geógrafo-naturalista não apenas concebeu um modelo de escrita, mas, sobretudo, construiu

¹⁹⁵ TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 93-94.

¹⁹⁶ Sobre a noção de “curiosidades naturais”, Corbain comenta que “no fim do século XVIII, período do nascimento da geologia, eruditos, movidos por um vivo desejo de saber, examinam as costas litô-râneas, consideram as colunas de basalto, analisam as falésias reveladoras (a seus olhos) da história geológica. A atração das ‘curiosidades naturais’ dessas regiões foi reforçada pela onda da poesia ossiânicas e sua exaltação das tempestades.” Em francês no original, tradução minha: “À la fin du XVIII^e siècle, période de la naissance de la géologie, des savants, animés d’un vif désir de savoir, arpentent les rivages, considèrent les orgues basaltiques, scrutent les falaises révélatrices, à leurs yeux, de l’histoire géologique. [...] L’attrait des « curiosités naturelles » de ces régions se trouvait renforcé par la vogue de la poésie ossianique et son exaltation des tempêtes.” CORBAIN, op. cit., p. 68-19. O Visconde de Taunay possui um texto chamado “Curiosidades Naturais do Paraná”, em que descreve (a partir do que lhe narrou seu amigo e colega político parnanguara Manuel Eufrázio Correia e pelos textos publicados pelo jornalista e professor Nivaldo Braga no jornal *Gazeta Paranaense*, em 1889) as formações geológicas mais “notáveis”, como a Vila Velha, as Furnas e as grutas, hoje grandes atrativos turísticos. Cf. TAUNAY, Alfredo de Escagnolle, Visconde de. *Curiosidades Naturais do Paraná*. In: _____. *Paisagens brasileiras*. Brasília: Senado Federal, 2007. Em Saint-Hilaire esse interesse está expresso em seu resumo lido na Academia de Ciência de Paris. Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Cisplatina e Missões do Paraguai*. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins Fontes/Edusp, 1972.

arquétipos de apreciação da paisagem. Como insiste Corbain: “Não se pode dizer o suficiente sobre a influência exercida por Humboldt sobre o imaginário do espaço”; suas obras “contribuíram a ancorar o desejo da descoberta do planeta. Ampliaram o alcance das paisagens sonhadas. Revelaram a diversidade do mundo”¹⁹⁷. Os dois viajantes europeus se remetem à obra de Humboldt. Diz Bigg-Wither em seu relato sobre uma curiosidade: “penso que Humboldt se referiu a homens que comem lama”¹⁹⁸; e Saint-Hilaire em sobre uma questão científica: “os Campos Gerais devem ser considerados, no Brasil, a região das Escalonáceas. Ora, o sr. Humboldt situa essa região vegetal entre 1.440 e 2.460 pés [aproximadamente entre 440 e 750 metros] acima do nível do mar, nas terras vizinhas do Equador”¹⁹⁹. Essas referências não são gratuitas, elas reforçam a autoridade científica dos viajantes dentro de um contexto expansão dessa forma de conhecimento. Neste sentido, e ainda mais importante para esse trabalho, a influência de Humboldt foi sensível na mudança da tópica dos relatos de viagens, que até o século XVIII guardavam muito do gosto pelas maravilhas. Apenas para exemplificar duas figuras — ou clichês estilísticos, ou ainda temas estereotipados — recorrentes nos relatos dos séculos XVI, XVII, e XVIII, apontadas por Sérgio Buarque de Holanda²⁰⁰ e Réal Ouellet, “o Paraíso” e o “bom selvagem”: o famoso “bom selvagem” ganhou contornos dramaticamente diferentes, tornando-se apenas o “selvagem” e recebendo os seguintes adjetivos por Saint-Hilaire: “devastadores”, “ladrões”, “assassinos” e, finalmente, “inimigos”²⁰¹; em Bigg-Wither os termos são, por sua vez, muito mais pejorativos e marcados pelas teorias raciais, grosseiramente eurocêntricos: “seres infelizes”, “imbecis”, “de aparência repulsiva”, “degenerados aborígenes sul-americanos”²⁰². Já o famoso mito genésico do Paraíso, o Éden, perdeu sua força imaginativa: para Taunay é apenas uma referência de Saint-Hilaire; em Saint-Hilaire é a imagem de disponibilidade, bastante semelhante às paisagens europeias que dá o teor de paraíso, como visto anteriormente; em Bigg-Wither o uso do termo perde referências como a primavera eter-

¹⁹⁷ Em francês no original, tradução minha: “On ne dira jamais assez l’influence exercée par Humboldt sur l’imaginaire de l’espace. [...] [Ses œuvres] ont fortement contribué à ancrer le désir de découverte de la planète. Ils ont élargi la gamme des paysages rêvés. Ils ont révélé la diversité du monde.” CORBAIN, op. cit., p. 76.

¹⁹⁸ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 247.

¹⁹⁹ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, op. cit., p. 74.

²⁰⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

²⁰¹ SAINT-HILAIRE, *Viagem pela Comarca...*, op. cit., pgs. 31, 42, 43, 45.

²⁰² BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 328-329.

na, a temperança do ar, a árvore da sabedoria, lugar livre de fadigas e enfermidades, etc.²⁰³, para tornar-se, estranhamente, “um lugar misterioso”, “cheio de acontecimentos”, “grande cenário de montanhas e florestas, feroz e belo”²⁰⁴.

O meio continuava praticamente o mesmo, mas as representações mudaram.

²⁰³ Cf. KRAUSS, Henrich. *O Paraíso: de Adão e Eva às utopias contemporâneas*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2006.

²⁰⁴ BIGG-WITHER, *Novo caminho...*, op. cit., p. 116.

Capítulo 3 — FIGURAS

O Paraíso era perfeito e, portanto, sem futuro.
(Milôr Fernandes, *A verdadeira história do paraíso*)

Devemos concordar com Anne Cauquelin que afirma que a paisagem é “um conjunto de valores ordenados em uma visão”²⁰⁵. Textualmente, não apenas pelo pacto de leitura²⁰⁶ que os autores firmam com os destinatários — sobretudo, porque se propõem a descreverem da forma mais fiel possível uma realidade —, os relatos de viagem apresentam elementos biofísicos, referentes concretos e, por isso, tentam não fabular sobre esses termos. Ainda assim essa “visão” só é possível a partir de um ponto de vista, físico, social e narrativo. Portanto, a construção de uma paisagem em um relato só é possível nesse cruzamento entre os objetos e o sujeito que observa.

O ato de narrar nos parece tão natural, tão comum, que por isso mesmo esconde toda contingência entre “nossa experiência do mundo e nossos esforços para descrever linguisticamente essa experiência”²⁰⁷. Sob a superfície aparentemente clara da narrativa, sob o transcurso muitas vezes tranquilo de uma história que nos é contada, está contida toda uma rede de interesses, disputas e projetos, como já descritos.

Ora, como observou de modo perspicaz Raymond Williams, a partir do final século XVIII “a natureza cada vez mais estava ‘lá fora’, e era natural remodelá-la para uma necessidade dominante, sem a obrigação de ponderar muito profundamente o que essa remodelação poderia trazer para os homens”, uma vez que “a ação sobre a natureza produzia riqueza, e objeções às suas outras consequências poderiam ser descartadas como sentimentais”²⁰⁸.

Os discursos construídos sobre a natureza do atual estado do Paraná são complexos, disformes e dispersos temporalmente. Os relatos aqui estudados discorrem sobre a prodigalidade da natureza paranaense enquanto recursos naturais. O

²⁰⁵ CAUQUELIN, op. cit., p. 16.

²⁰⁶ Vicent Jouve diz que “é propondo a seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção. É o famoso ‘pacto de leitura’. Num nível muito geral, a obra define seu modo de leitura pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária. O gênero remete para convenções tácitas que orientam a expectativa do público”. JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002, p. 67.

²⁰⁷ WHITE, Hayden. El valor de la narrativa en la representación de la realidad. In: _____. *El contenido de la forma: narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, S.A, 1992, p. 17.

²⁰⁸ WILLIAMS, *Ideias...* op. cit., p. 107.

inventário estabelecido nesses textos dá conta de uma série de especificidades técnicas e localiza espacialmente as principais reservas de recursos no estado (5ª comarca de São Paulo ou província do Paraná dependendo da época). Também são responsáveis pela construção de uma série de imagens que hoje permeiam o senso comum: a abundância, a facilidade da exploração, a dissociação humana da natureza, entre tantas outras. Essas imagens nos parecem inatuais, desencarnadas em sua maioria, e os sujeitos que as transfiguraram (para retomar o conceito de Descola) em sua grande maioria eram homens brancos europeus que buscavam mapear recursos para um novo projeto imperialista, que seria corporificado principalmente pela França e Inglaterra.

Os relatos de viagem do século XIX percorrem frequentemente um discurso bastante fechado, um lugar comum dos projetos imperialista que no início do século começava a tomar forma e expandir suas operações pelos quatro cantos do globo, e que seria posteriormente apropriado pelas elites dos países recém-independentes na América Latina.

Algumas imagens são repetidas *ad nauseam*, frequentam uma *tópica*²⁰⁹, afirmam estereótipos: o nativo indolente, a barbárie e a violência, o racismo — que, em geral, irrompe simplesmente para o racismo —, a selvageria dos indígenas, a exuberância da natureza, a incompetência administrativa das elites locais, a busca por áreas onde se posam estabelecer colônias de imigrantes europeus (uma espécie de pedagogia exemplar pelo trabalho disciplinado), entre tantas outras. Essas ima-

²⁰⁹ Para a definição de *tópica* ver VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Tradução de Antonio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987, pp. 239-261; BARTHES, *O neutro...*, op. cit., pp. 21-24.

Carlos Manuel explica que: “Em 1948, com a publicação da sua obra *Literatura Europea y Edad Media Latina*, Ernst Robert Curtius fundou a topologia literária, imprimindo-lhe uma orientação histórico-filológica que iria marcar os estudos posteriores dos *topoi* literários. O ponto de partida é a observação de constantes semânticas (extensionais e intensionais) e da sua presença e difusão nos textos ao longo da história da literatura. O *topos* começa a surgir com a detecção de um conjunto de elementos comuns dotados de unidade estrutural, que se organizam de acordo com determinados princípios, e que se vão fixando em certos textos, gêneros e épocas literárias. Curtius baseia-se na seleção, redução e esquematização dos elementos dos *topoi*, que cataloga em inventário. Concebe-os, pois, como formas ideais, convencionais e recorrentes. Este método implica, assim, uma leitura global, simultânea e de tipo sincrónico da literatura, à semelhança da que praticou o estruturalismo, [...], no entanto, observa-se nos estudos topológicos uma grande diversidade de terminologias, métodos e objectos de análise: uns autores insistem nas formas, outros nos conteúdos, uns concentram-se nas constantes e outros nas variações, incidindo ora na fixação semântica, ora na polissemia, na generalidade arquetípica ou na cópia de modelos prévios, no seu valor simbólico ou nas convenções linguísticas e sociais de uma época histórica. Tal diversidade vem mostrar que a *tópica* literária não existe a se, dependendo em grande parte do objecto formal e do método analítico adoptados”. CUNHA, Carlos Manuel F. da. *Da impossível atopia...* Braga: Centro de Estudos Humanísticos, 1994, p. 1-2.

gens são dispersas ao longo da narrativa em um jogo de causa e efeito proposto pelo relato em sua tríplice demarcação discursiva, ou seja: narração, descrição e comentário²¹⁰.

Ao leitor de um relato de viagem, subjugado pelo efeito estético, pela fluência da leitura, nenhuma tópica fica clara, justamente por a tópica se tratar de uma leitura que visa a construção de problemas. Para que se possa prosseguir a análise dos relatos, propõe-se elencar em *figuras* (dispostas posteriormente de maneira aleatória ao longo do capítulo) elementos que estão dispersos no correr dos textos: o relato de viagem não é um relatório exaustivo, cientificista, uma descrição atida a determinados elementos, mas sim uma narração que se pretende prazerosa, instrutiva e de rápida progressão. Isolar esses elementos biofísicos ou características que compunham (compõem) a paisagem dos Campos Gerais, e questões específicas da percepção e apreciação dos viajantes, é o que se propõe a seguir: perseguir, a partir de uma tópica, reunidas em figuras, com idas e vindas aparentemente disparatadas e distantes no texto, o aparecimento dessas informações nos relatos.

Tal procedimento, ao ser aplicado, demanda outra organização textual. Essa apresentação do texto é mais anárquica, mais livre dos moldes científicos. As citações usadas não compõem elementos de autoridade, são expressões de uma ideia — como esclarece a etimologia da palavra *citar*, trata-se de chamar —; assim, as referências são colocadas no canto esquerdo do texto, com o nome do autor e a página de que foram tiradas, visando dessa forma maior fluência do texto principal à direita. Para que não haja confusão, as citações extraídas dos relatos estão em itálico e qualquer referência teórica está em nota de rodapé. As referências bibliográficas exatas dos relatos utilizados são as seguintes:

BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos* — 1872/1875. Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Ufpr, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Farol do Saber).

TAUNAY, Visconde de. *Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava*. In: _____. *Visões do Sertão*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1923.

²¹⁰ Cf OUELLET, op. cit.

3.1 — ENTRADA

Os Campos Gerais são muitas vezes representados como semelhantes a um jardim, um imenso jardim “natural”²¹¹. A forma como eles são vistos pela primeira vez pelos viajantes, e o caminho por eles percorrido, diz muito sobre como essa paisagem é percebida; essas entradas são apresentadas nos relatos em número de três: uma delas, a leste, àqueles vindos de Curitiba, subindo a serrinha; outra ao norte, àqueles vindo o Rio de Janeiro, passando pela província de São Paulo; e, por fim, àqueles que vem do Oeste, seja de Guarapuava (os tropeiros) ou da colônia de Tereza Cristina. Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay vieram pela primeira; Saint-Hilaire conheceu os Campos Gerais pela segunda; Bigg-Wither, ainda, depois de passar quase um ano realizando os trabalhos sediados na colônia de Tereza Cristina, retornou aos Campos Gerais pelo Oeste. Sem dúvida existiam muitos outros caminhos, muitas outras entradas, mas os registros usados indicam apenas essas três. Os textos evidenciam as duas principais entradas utilizadas pelos “civilizados”, vindos do Leste ou do Norte, da capital do Império, o Rio de Janeiro, ou da capital da província, Curitiba; os tropeiros entravam nos Campos Gerais vindos do Sul ou do Oeste, chegados dos Pampas ou de Guarapuava e Palmas, cruzando territórios indígenas e os ditos sertões.

Bigg-Wither,
pp. 93-95.

Após saírem de Curitiba em 11 de Agosto de 1872, e galgarem a Serrinha com “*as mulas cansadas, esgotadas da dura caminhada da subida do desfiladeiro*”; narra Bigg-Wither que os tropeiros, empregados e companheiros “*deitaram-se na relva verde, como um rebanho de carneiros num dia de verão na Inglaterra [at home], o focinho*

²¹¹ Michel Conan define o jardim como um “espaço organizado, que permite uma escolha de vegetais, cuja disposição, a cultura e o tratamento obedecem a intenções de refinamento. Este último podendo concernir ao tratamento dos limites do jardim, dos cuidados e técnicas de horticultura, dos usos aos quais está destinado e a escolha de plantas que aí se encontram.” Em francês no original, tradução minha: “Jardin: espace aménagé comportant un choix de végétaux dont la disposition, la culture et l'entretien obéissent à des intentions de raffinement. Ce dernier peut concerner le traitement de la limite du jardin, les soins et techniques horticoles, les usages auxquels il est destiné et le choix des plantes qui s'y trouvent.” *Apud* DONADIEU, Pierre. Des sciences écologiques à l'art du paysage ou l'invention du sauvage dans les marais paysagistes. *Courrier de l'environnement de l'INRA* n°35, nov., Paris, 1998, p. 16. Disponível em: <http://www7.inra.fr/dpenv/sommrc35.htm>. Acesso em 27/09/2015. A definição de Alain Roger é a de “um espaço fechado, separado, interior, cultivado pelo homem para seu próprio prazer, longe de todo propósito utilitário imediato”. Em francês no original, tradução minha: “un espace fermé, séparé, intérieur, cultivé par l'homme pour son propre plaisir, loin de tout propos utilitaire immédiat”. ROGER, op. cit., p. 31.

inclinado para o solo, ofegantes e com a carga ainda no lombo”; um quadro que segundo o viajante inglês “refletia perfeito estado de sossego e satisfação”. Decorrido algum tempo, Curling (um dos companheiros ingleses de Bigg-Wither) o chamou: — ‘Venha cá, meu velho’ — disse ele em seu português de aprendiz, quando me viu subindo a elevação, com a espingarda e as aves abatidas, ‘tenho aqui uma coisa para você ver’.

Quando cheguei ao alto, meus músculos se relaxaram, minhas pernas cederam e deixe-me cair no chão.

Sem nenhum receio de que me chamem de exagerado, tentarei descrever alguma coisa do que vi, quando me retemperei e pude olhar em torno. Estávamos repousando, segundo me parecia, num dos mais altos pontos do grande penhasco, que, pela manhã, havíamos avistado da planície, de uma distância de mil pés [aproximadamente 305 metros] abaixo, quando nem de longe imagináramos que dali teríamos tão esplendoroso panorama. Para o lado sul e sudoeste, estendia-se o vasto mar de relva dourada que se perdia de vista, ondulando em vagas gigantescas até o profundo vale do Iguaçu, bem distante e muito abaixo; depois, elevando-se novamente do outro lado, continuava seu movimento ondulatório, diminuindo gradativamente as vagas, até o céu e a terra se confundirem e se perderem na distância, no que parecia ser o infinito. Não havia detalhes que chamassem a atenção, a vista parecendo perder-se na imensidão do panorama. Surgiam apenas algumas árvores raquíticas, vendo-se aqui e ali pinheiros, a refletirem a ramagem verde escura nas profundezas dos cursos d’água que cruzavam as campinas. Era só. Além disso, a grande planície, quase sem limite em extensão, não apresentava um só marco onde os olhos pudessem repousar. [...]

Nem na Inglaterra, nem talvez em toda a Europa seria possível encontrar qualquer coisa que se aproximasse disto. O que mais me impressionou foi a sua vastidão — a sua imensidão nos dava a ideia do ilimitado. A gente se sentia diminuída fisicamente quando olhava para aquela grandeza, enquanto os nossos sentidos se expandiam indefinidamente. Foi, pelo menos, essa a sensação que experimen-

tei, embora tão pobremente descrita, ao entrarmos nos Campos Gerais [great Prairie].”

A primeira impressão de Bigg-Wither é bastante estetizada, o viajante inglês insiste tanto na vastidão quanto na sua incapacidade enquanto escritor para descrever, uma clara astúcia narrativa que visa reforçar uma imagem ingênua, nada imperial do viajante-narrador. Para além da estética é possível perceber que o engenheiro inglês não se atém a qualquer traço humano na paisagem, reforçando uma imagem de vazio e incivilizado no quadro que apresenta.

Bigg-Wither,
p. 350.

Em um segundo momento, no dia 3 de outubro de 1873, após mais de um ano de trabalhos nas florestas do Oeste, Bigg-Wither retorna aos Campos: *“passei pela última faixa de floresta que marcava a fronteira da Grande Planície [great Praie].*

Oh, Deus! como me saltava dentro do peito o coração ao ver os grandes campos ondulantes, estendendo-se até o horizonte infindo, para chegar às vizinhanças do céu. [...]

Fiquei surpreso quando pensei no tempo que pude suportar vivendo na floresta tropical que, comparada ao campo, eu via agora como uma espécie de inferno terrestre”.

Nessa segunda descrição, Bigg-Wither faz aparecer no seu vocabulário um termo essencial para a o conceito de paisagem: horizonte. Pois, se a definição de paisagem insiste que ela é vista por alguém de algum lugar, a existência de um horizonte é fundamental para que exista uma paisagem. A experiência de viver em uma espécie de inferno terrestre, e passar depois para seu oposto, só pode ser expressa pela privação do horizonte, a privação mesmo do sujeito²¹².

Taunay,
p. 92-93.

Taunay, por sua vez, é bem menos dramático em sua descrição. O Visconde expressa sua mirada científica ao descrever a Serrinha: é ela *“o degrau do segundo planalto do Paraná, constituído de três platôs perfeitamente distintos, que o deixam dividido em quatro*

²¹² Michel Collot afirma que o horizonte é “a fronteira que me permite apropriar-me da paisagem, que a define como meu território, como espaço ao alcance do olhar e a disposição do corpo”, pois a paisagem “se revela em uma experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis.” COLLOT, op. cit., p. 206.

grandes zonas: a do litoral [...]; a zona denominada chapada ou Campos de Curitiba [...]; a dos Campos Gerais, [...] e, finalmente, a quarta chamada Campos de Guarapuava”.

Taunay,
pgs. 72, 94.

Taunay menciona a estrada de Mato Grosso, que termina ao chegar à Serrinha. Essa via era no período a principal ligação entre Curitiba e os Campos Gerais, e o Visconde comenta que desde que *“tomara conta da administração, a 28 de Setembro de 1885, me empenhara energicamente em fazer cessar as muitas queixas e reclamações que encontrei a pedir imediatas providencias a bem das comunicações mais importantes e essenciais à vida provincial!”*, bastando-lhe para isso *“alguma força de vontade, três ou quatro inspeções de visu, a renovação do pessoal dirigente das obras públicas e a regularização de vários serviços indispensáveis que encontrei, senão completamente desorganizados, pelo menos muito mal encaminhados”*. Taunay revela sua expressão de administrador, como visto em capítulos anteriores, ao mencionar os *dioritos* e *sílex*²¹³ que afirma constituir a geologia da Serrinha, visto seus usos em calçamentos de ruas e estradas e na construção civil, como a mencionada estrada do Mato Grosso.

Saint-Hilaire,
pgs. 12, 37,
38.

Saint-Hilaire descreve que: *“na margem esquerda do [rio] Itararé começam os Campos Gerais, região bem diferente das terras que a precedem do lado nordeste, e ele termina a pouca distância do Registro de Curitiba, onde o solo se torna desigual e às verdejantes pastagens se sucedem sombrias e imponentes matas”*.

Na continuação de seu relato, o naturalista afirma que *“do outro lado desse rio as terras mudam inteiramente de aspecto: a região se torna montanhosa e não se veem pastos muito extensos; aparecem pedreiras nas encostas dos morros, a sombria e estática Araucária surge por todos os lados, ora isolada, ora agrupada com outras árvores; o capim, menos espesso, é de um verde mais carregado, e o solo, quase todo escuro e arenoso, contribui para dar uma tonalidade*

²¹³ Cf Supra, p. 71.

de sombria à paisagem. Apesar das previsões do meu guia, choveu durante quase toda a jornada e eu recolhi muito poucas plantas”.

Saint-Hilaire,
p. 181.

No final de seu texto, com um marcado teor racista, Saint-Hilaire conclui que uma vez do lado esquerdo do rio Itararé “*começa um mundo novo para os que vêm do norte da província de São Paulo. Os campos tem outro aspecto, os produtos não são os mesmos, e há nas raças uma diferença notável: os habitantes do norte de São Paulo são, em sua maioria, descendentes de portugueses e índios, ao passo que a maior parte dos curitibanos pertence à raça europeia*”.

Impossibilitado pela chuva (quase diária durante sua estadia) de realizar sua atividade principal, a coleta e preparação de plantas, Saint-Hilaire entrou nos Campos Gerais, por assim dizer, mais disposto a observações estéticas e de costumes.

Sua impressão ao entrar nos Campos Gerais é muito menos impactante que a de Bigg-Wither, por exemplo. O viajante francês se ateve mais em seu texto à tentativa de demarcar os limites da paisagem que a descrever a primeira impressão, insistindo na delicadeza e na singularidade contrastante do lugar.

3.2 — ÁGUA

Em uma sentença simples, mas não simplória, a água é a base de toda forma de vida existente na Terra, um dos recursos materiais que Camporesi afirma ser parte essencial do prefixo, do país. Nos relatos de viagem esse item recebe diversos significados e funções: enquanto elemento estético, para Saint-Hilaire e Taunay, é ela que dá aos Campos Gerais um frescor característico; Bigg-Wither se detém à possível utilização enquanto força motriz para mover indústrias; e, por último, e mais importante, recurso para manutenção da vida humana, de outros animais e plantas.

Saint-Hilaire,
pgs. 15, 16,
27.

Em seu relato, Saint-Hilaire descreve que “*numerosos rios e riachos ajudam a embelezá-la [a paisagem], além de proporcionarem frescura e fertilidade*”; prosseguindo afirma que as “*águas, embora inferiores às da parte oriental de Minas Gerais, são mesmo assim bastante boas; não existem brejos em nenhum lugar, praticamente, e os rios correm celeremente, [...], por leitos de rochas.*”

Do dia 26 de janeiro a 4 de março de 1820 não houve, talvez, dois dias seguidos sem chuva, e de fato essa é a época em que as chuvas são mais abundantes; porém não se conhecem ali as prolongadas secas de seis meses que em Minas e em Goiás afetam de forma tão penosa o sistema nervoso.”

A inexistência de um período de secas, como é o caso, conforme esse viajante, de outras províncias setentrionais do Império, faz dos Campos Gerais um espaço bastante salubre, e propício “*a todo tipo de cultura, e seus produtos principais são o milho, o trigo, o arroz, o feijão, o fumo e o algodão*”.

As fontes de água na paisagem são tratadas pelo viajante francês de maneira desatenta. Ao estetizar mais do que fazer um inventário sistemático das potencialidades aquíferas dos Campos Gerais, Saint-Hilaire reforça uma imagem positiva e marcadamente prodigiosa dos seus recursos.

Bigg-Wither, por sua vez, afirma, ao ver a serraria de Antônio Rebouças que era movida a vapor e não a energia hidráulica, que a dificuldade e despesas consequentes da colocação eram enormes

Bigg-Wither,
pgs. 75, 138,
140, 108.

não lhe saindo “da cabeça a ideia de que a força hidráulica poderia ter sido aproveitada com a mesma eficiência e por muito menos”. Essa também é sua opinião ao ver um Monjolo, “uma das mais curiosas e primitivas máquinas que se tenha podido inventar para substituir o trabalho manual, movida pela força hidráulica”, que tinha por simples função triturar milho para o fabrico de farinha. Diz o engenheiro inglês que “o elemento de absurdidade reside no enorme desperdício de energia requerido para a consecução de uma quantidade tão microscópica de trabalho”.

Quanto às reservas de água para consumo humano e de outros animais seu texto é bastante genérico, menciona apenas as “fontes e os cursos d’água”, “deliciosa água fresca”, rios e riachos.

Taunay,
pp.149-152.

Já o Visconde de Taunay é extremamente detalhista quando se atém a descrever “a qualidade da linfa indispensável à vida” e a localização de seus reservatórios²¹⁴. Diz ele em relação à salubridade os Campos Gerais que “é ela geralmente reconhecida incontestável”, pois “os pântanos são raros, quase não existentes e no geral os rios e ribeirões correm por sobre grandes lajeados. Entretanto as águas se não são de todo ruins, deixam bastante a desejar. Pode-se afirmar que, com raras exceções, em todo o Paraná não há água que satisfaça bem o paladar senão nas serras. Assim disso se desvanece Paranaguá em comparação com a de Curitiba e ainda mais Antonina, ou então Ponta Grossa e mais que todas Castro”.

O inventário de Taunay é bastante detalhista quanto à qualidade da água nas principais cidades da província e sua potabilidade e gosto. Seu texto é sistemático e, em certas partes, evidencia sua atuação enquanto administrador e a marca da viagem e da experiência para sua administração. Comenta o ex-presidente da província que:

²¹⁴ José Augusto Pádua nos lembra sobre o caso exemplar do reflorestamento da Tijuca e o empenho dos intelectuais reformistas naquela “que provavelmente constituiu a realização mais impressionante e bem-sucedida” desse grupo. Tratava-se da “questão muito concreta de garantir o abastecimento de água para a capital” que “representou um fator fundamental na decisão de reflorestar aquela área”. PÁDUA, *Um sopro...*, op. cit., p. 220. O Visconde de Taunay menciona em seu relato o empenho de seu tio, o Barão D’Escragnolle (Gastão d’Escragnolle), no embelezamento do parque. Isso nos mostra que Taunay conhecia, e estava profundamente imerso, nos debates sobre o abastecimento de água na capital do Império e sobre o reflorestamento da Tijuca. Tamanho conhecimento de causa se revela na atenção dedicada ao assunto em sua *Viagem filosófica*. Cf TAUNAY, *Visões...*, op. cit., p. 95.

Taunay,
pp.149-152.

“Pode-se afirmar que, com raras exceções, em todo o Paraná não há água que satisfaça bem o paladar senão nas serras. Assim mencionarei com particular encômio a que se bebe na Estrada de Ferro, de Paranaguá a Curitiba, depois do Pico do Diabo na Serra do Marumby: a de uma cascatinha na Serrinha, entre o Itaqui, uma légua além de Campo Largo, e o alto, antes de São Luiz, as da Serra da Esperança, no sertão de Guarapuava. Estas, então, abundantíssimas e deliciosas.

Esta questão de boa água torna-se motivo de rivalidade entre as povoações paranaenses. É das primeiras e mais apreciadas causas de elogio gabar-se a qualidade da água. Em Ponta Grossa teimam os habitantes que o abastecimento que lhe dão as suas nascentes é muito superior a das melhores fontes da cidade de Castro, o que é aliás contestável.

O que não há duas opiniões, é que a água de Curitiba é de qualidade muito inferior a de qualquer outro povoado, em certas ocasiões bastante ruim, e às vezes quase intragável. Situada a capital no meio de um vale largo e longo, e todo cercado de colinas, é o terreno em que assenta muito encharcado e fofo, o que dá a cada morador a facilidade de abrir uma cacimba em seu quintal e, portanto, ter meio cômodo de se abastecer mais ou menos abundantemente de água. Como, porém, ali mesmo se escavam fossos e buracos para toda a sorte de despejos, acontece que pelas infiltrações naturais e facilímas em chão tão poroso e empapado, os poços que servem para o uso comum, vão se impregnando de matérias animais em decomposição, que não só tornam a água pesada ao estômago, e de gosto desagradável, como também concorrem para produzir graves enfermidades de caráter típico que já tem aparecido naquela cidade com feição epidêmica um tanto séria. Os médicos de contínuo clamam por providências urgentes e por mais tempo não pode Curitiba, com o desenvolvimento de população que vai tendo, procrastinar essa grande questão do abastecimento d'água potável, que o rio Bareguy a uma légua de distancia pode fornecer-lhe por enquanto copiosamente.

Paranaguá ufana-se de ter muito boa água. Não é com efeito de todo má, entretanto um tanto pesada e inferior à de Antonina na costa e mais para dentro, à de Morretes e Porto de Cima. As da serra da Graciosa e Marumby são puríssimas, leves, deliciosas. No planalto de Curitiba, a da Capital é, como já fizemos ver, pouco apreciável e deve sempre ser filtrada. A de São José dos Pinhais não é desagradável, mas em Campo Largo, pode ser considerada boa; melhor ainda a de Castro. Os rios, ribeirões e nascentes dos Campos Gerais não oferecem boa água senão por exceção. Enfim, no geral e até em Guarapuava, o abastecimento é feito por meio de poços e cacimbas”.

Os três viajantes insistem que nos Campos Gerais existem poucos pântanos ou brejos (*marais*, para o texto original de Saint-Hilaire e *swamps*, para o de Bigg-Wither)²¹⁵, apenas Taunay ressalva que São Luís do Purunã, primeiro vilarejo que se avista para quem entra nos Campos Gerais vindo de Curitiba, “*é lugar de pântanos, saindo de um deles, atravessado por ponte em estado regular de conservação, um riacho que mais longe é o rio Assunguy, confluyente do Ribeira. Entretanto a altitude geral e os ventos quase constantes impedem o desenvolvimento de moléstias endêmicas e febres intermitentes. A agua não é boa e tem gosto bem pronunciado de lodo*”.

Ora, a menção, tanto por Saint-Hilaire quanto por Taunay, na parca quantidade de pântanos e brejos reflete uma preocupação recorrente do período (como já visto) que concebia esse tipo de formação ambiental enquanto um lugar de proliferação de febres e sezões, como. A salubridade dos Campos Gerais, aliada a imagem de disponibilidade e prodigalidade de recursos, e ainda da beleza da paisagem, reforça o discurso favorável à imigração europeia para o local.

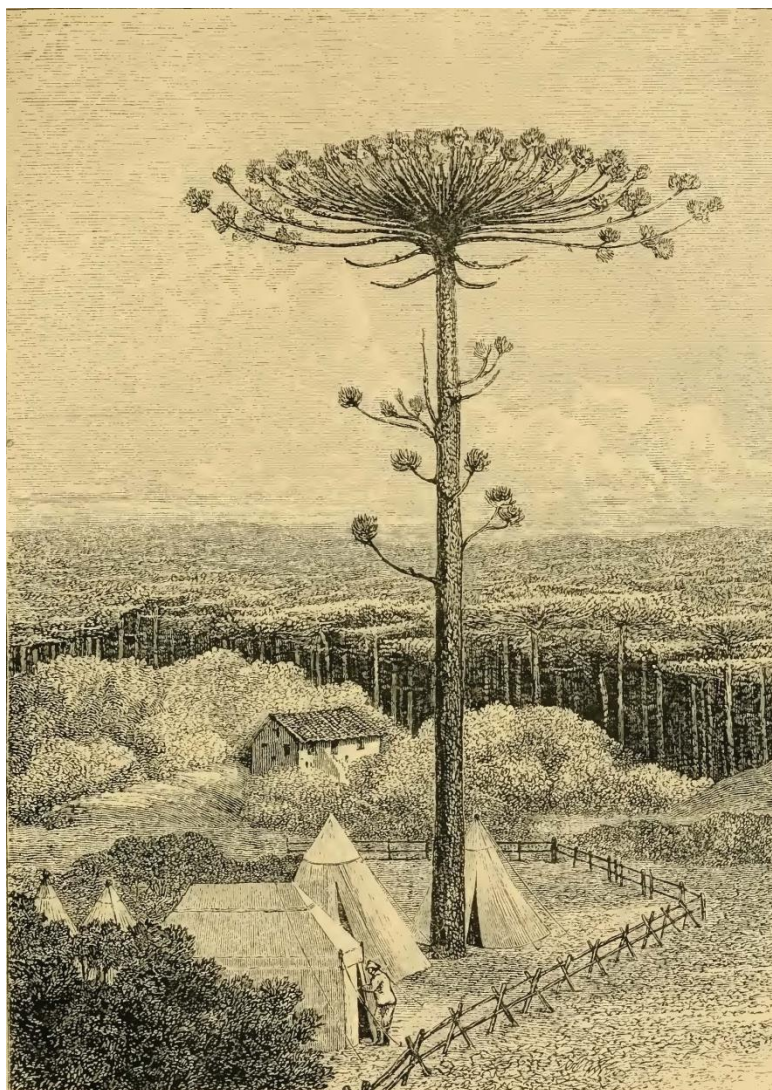
²¹⁵ Sobre a história dos pântanos Cf. DONADIEU, op. cit.; CORBAIN, op. cit., p. 66-67.

3.3 — PINHEIRO

Araucaria angustifolia: árvore de porte majestoso que, com o tempo, toma a forma de taça; é também conhecida como Pinheiro-do-paraná. Essa árvore é retratada nos relatos de viagem como uma figura arquetípica dos Campos Gerais, e suas cores lhes dão uma feição particular. Simultaneamente à exaltação de sua beleza, em todos os relatos insiste-se em seu valor comercial e na exploração de sua madeira e os viajantes europeus mencionam a qualidade de seu fruto: o pinhão.

Dos três viajantes, Bigg-Wither foi o único que retratou o pinheiro.

Imagem 5: “Pinheiro brasileiro (*Araucaria brasiliensis*) — Acampamento do grupo I, à margem da floresta de pinheiros”:



Bigg-Wither,
pgs. 137, 73-
74.

Sua descrição dessas árvores no primeiro planalto dá conta de que “muitos deles tinham dimensões gigantescas, medindo de 20 a 22

Bigg-Wither,
pgs. 103, 105,
108, 405, 415.

pés [6 a 6,7 metros] de circunferência na base e, fazendo um cálculo por alto, de 120 a 140 pés [36 a 42 metros] de altura, subindo reto e sem ramificações até alguns pés próximos do seu ápice, onde se estendia uma copa abundante, de galhos e folhas, com cerca de 35 a 40 pés de diâmetro. Visto á distância, oferecia efeito muito curioso, dando a impressão de uma floresta de cogumelos. Eram senhores do solo na região, sendo considerados superiores aos do Báltico”. No segundo planalto, Campos Gerais, Bigg-Wither menciona apenas “capões” e “bosques” de “pinheiros frondosos”, e a ilustração da disputa de mulas bravas pelo sal apresenta pinheiros de grande proporção ao fundo. (**Imagem 6:** “Briga de mulas bravas, na fazenda fortaleza, em disputa pelo sal”).



O engenheiro inglês menciona ainda o pinhão, fruto do pinheiro: “o pinhão, fruta oblonga, de cerca de uma polegada e meia de comprimento [4 centímetros], com um diâmetro de meia a três quartos de polegada [1,2 centímetros] na parte mais grossa, tem uma casca coriácea, como a da castanha espanhola. O paladar é, entretanto superior ao desta última e, como produto alimentício, basta dizer que os índios muitas vezes só se alimentam dele, durante muitas semanas. [...] O estado mais delicioso do pinhão é quando ele começa a germinar, fazendo aparecer um pequenino grelo verde numa extremidade. Nada excede à guloseima desse fruto em tal estado. [...] Se eles pudessem ser importados frescos para a Inglaterra, fariam sem

dúvida a fortuna dos senhores que, em certa época do ano, gritam sugestivamente em cada esquina, de rua: ‘Tudo quente, tudo quente’.

A primeira ilustração de Bigg-Wither insiste na prodigalidade das matas de pinheiro no Paraná, dando a entender que a linha do horizonte se confunde com a floresta. Em sua ilustração, a mesma mata parece ser composta apenas de pinheiros, todos em igual estágio de desenvolvimento ao que está em primeiro plano. Também estão ressaltadas as dimensões da árvore pelo comparativo com as barracas armadas no acampamento e a figura de um homem em pé. A segunda imagem, referente especificamente aos Campos Gerais, não insiste na quantidade da árvore, mas busca ressaltar sua dimensão, de maneira desproporcional até. As árvores distantes parecem ter um tamanho irreal e um desenvolvimento completo. Por último, a descrição do pinhão, e o interesse em exportá-los para Inglaterra faz entender que os recursos são mal explorados, mesmo diante da real possibilidade de obtenção de lucros.

Saint-Hilaire,
p. 14-15.

Saint-Hilaire também inventaria o pinhão, diz que “as sementes, que são compridas, medindo aproximadamente metade de um dedo, não são na verdade farinhentas como a castanha, mas lembram o sabor deste fruto, sendo porém mais delicadas do que ele; desde tempos imemoriais, essas sementes vem contribuindo para a subsistência dos indígenas, que as chamam de ibá, ou fruto — o fruto por excelência. Mal os europeus desembarcaram no litoral do Brasil, aprenderam a conhecer a árvore que produz esse fruto, que constituía a maior parte da alimentação dos antigos paulistas em suas bárbaras e aventureiras expedições contra o Paraguai. Ainda hoje os habitantes dos Campos Gerais comem as sementes da Araucaria brasiliensis e as empregam com sucesso para engordar suínos. Sabedores da enorme utilidade dessa árvore, eles a respeitam e não a abatem a não ser em caso de necessidade, o que constitui talvez um caso único em todo o Brasil, que menciono aqui com prazer”.

O naturalista francês descreve com detalhe a árvore que lhe causou grande impressão:

Saint-Hilare,
pgs. 12-13,
40.

“essa árvore muda de porte em suas diferentes fases e que, quando nova, seus ramos parecem partidos e lhe dão uma aparência bizarra; que mais tarde ela se arredonda, à semelhança de nossas macieiras; e que, mais tarde, ela se projeta, perfeitamente ereta, a uma grande altura e termina por um corimbo de galhos, uma espécie de platô imenso perfeitamente regular, de um tom verde-escuro; acrescentei, finalmente, que suas sementes — comestíveis — e as escamas que formam seus enormes cones se soltam quando maduras e se espalham pelo solo. É a Araucaria brasiliensis que, por sua altura, pela majestosa elegância de suas formas, por sua imobilidade e pelo verde-escuro de suas folhas contribui, particularmente, para dar uma fisionomia característica aos Campos Gerais.

Em alguns trechos essa pitoresca árvore, elevando-se isolada no meio das pastagens, deixa-se admirar em toda a beleza do seu talhe e faz ressaltar, pelos matizes sombrios de suas folhas, o verde tenro da relva que cresce a sua sombra.

Em outros lugares ela forma densos bosques; mas, enquanto os nossos pinheiros mal permitem que algumas plantas raquíticas cresçam em seu meio, nascem sob a conífera brasileira numerosas ervas e subarbustos, cuja folhagem variada e delicada ramagem contrastam com a rigidez de suas formas.

A Araucária não apenas enfeita os Campos Gerais, como é também extremamente útil aos seus habitantes; sua madeira branca, cortada por uns poucos veios cor de vinho, é empregada em carpintaria e marcenaria e, embora seja mais dura, mais compacta e mais pesada do que o pinho da Rússia ou da Noruega, ela poderá ser utilizada vantajosamente no fabrico de mastros e vergas quando for estabelecido um meio de comunicação mais fácil entre os Campos Gerais e o litoral”.

Auguste de Saint-Hilaire é bastante esteta ao descrever o pinheiro, insistindo em sua forma “estática e imponente”, em sua coloração “verde-escura” e na majestade de seu porte. Ao tratar de um possível uso para marcenaria menciona apenas a possibilidade do esta-

belecimento de uma rota de comércio com a Europa, mas não insiste na vastidão ou nas grandes “reservas” então existentes.

O Visconde de Taunay, por sua vez, retrata o pinheiro em termos estritamente administrativos, enquanto recursos para a produção de riquezas. Comenta ele que:

Taunay, pgs. 117, 118, 123, 98.

“Não ha dúvida que o pinheiro constitui uma das maiores e mais facilmente exploráveis riquezas de que o Paraná pode tirar opulentíssima renda. O depósito natural da utilíssima madeira é quase inesgotável, senão nas regiões mais próximas por enquanto dos mercados existentes e servidos já por estrada de ferro, pelo menos em todos os pontos a que possa chegar a atividade humana, que um dia a irá buscar junto às margens do Paraná”.

E, ao retomar a menção breve de Saint-Hilaire de que a madeira do pinheiro seria “mais compacta e mais pesada do que o pinho da Rússia ou da Noruega”, o ex-presidente da província afirma que “a comparação feita entre a araucária do Paraná e os diversos pinhos do comércio, o de Riga, o sueco vermelho e o branco, estabelece incontestável superioridade daquela nossa madeira sobre todas as outras de procedência estrangeira.

Assim, ao passo que o pinho do Paraná suporta, até o ponto de ruptura, 5.655 quilos com uma flecha de 18,2 milímetros, o branco sueco não vai além de 3,282 quilos de carga, dando uma flecha de 26,3 milímetros.

A resistência permanente por milímetro é no nosso pinho de 2 k.10, em quanto no de Riga não excede de 1,9, descendo nos outros, da Suécia, vermelho e branco a 1,6 e 1,5.

A araucária do Paraná distingue-se, pois, das outras qualidades de pinho pelo seu maior peso específico, muito maior resistência à ruptura e mais elasticidade, além da superioridade em beleza, pois, com as diversas colorações que tem — preta, encarnada e branca, sendo as duas últimas mais comuns, presta-se de modo admirável para múltiplas obras de carpintaria e marcenaria”.

O Visconde diz ainda que “como tipo de vegetação, o pinheiro é no Paraná uma verdadeira planta de ornamentação gigantesca. Quem

viaja pelos Campos Gerais, não pode por vezes reprimir um movimento de admiração, ao contemplar aquelas verdejantes vastidões que se desenrolam, [...], vastidões em que os pinheiros, já em grupos, já isolados, já no encontro das quebradas, já no ponto culminante dos outeiros, já solitários, já casando a sua folhagem áspera e glauca com a coloração multicolor de outros vegetais, dão cunho particular e imprimem feição toda sua àqueles campos iluminados pelo sol".

Taunay,
p. 148, 115.

É curioso que no texto Taunay a única menção ao fruto do pinheiro, o pinhão, é de que Augusto de Saint-Hilaire *"extasia-se ante a beleza das Araucárias, [...], de ramúsculos espinhosos, entre os quais crescem os volumosos frutos, as apetecidas pinhas, que alastram, quando caem, ou juntas ou soltas, o chão dos saborosos pinhões"*. Para o Visconde essa árvore possui apenas valor utilitário ou *"ornamental"*, desconsiderando completamente a possibilidade de um uso menos predatório da árvore: sua utilidade consiste apenas na extração da madeira. Enquanto que para os viajantes europeus o fruto ganha algum destaque em seus textos, seja enquanto alimento ou para produção de ração animal, o viajante brasileiro faz uma parca menção do pinhão. Quando se pensa que atualmente a árvore que Taunay dizia cobrir *"todo o Paraná, com exclusão da estreita orla marítima e do contraforte da serra do Mar que olha para o Oceano"* corre sério risco de extinção, restando apenas 0,5% de sua área de cobertura anterior à chegada dos europeus ao continente americano. As ressaltadas opiniões de um *"depósito natural quase inesgotável"* e do *"quase total despovoamento"* foram decisivas para refiguração dos Campos Gerais e o quase total desaparecimento da Araucária.

3.4 — ROCHAS

As rochas, montanhas ou pedras adquirem nos relatos de viagem um forte sentido utilitário. São elas possíveis indicadores de riquezas minerais, principalmente diamantes. Em outro sentido, a reiterada presença de rochas à flor do solo marca a pouca fertilidade do solo dos Campos Gerais, a sua inutilidade para uma cultura agrícola rentável de grande escala.

Saint-Hilaire,
pp. 12-15.

Em sua descrição generalizante, Saint-Hilaire relata que *“de vez em quando apontam rochas à flor da terra nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se precipita nos vales”* e que *“vários desses rios, entre eles o Tibagi e o Caxambu, têm diamantes, que vão rolando pelo leito e caem dentro dos caldeirões, onde os contrabandistas vão procurá-los. Essa valiosa pedra é encontrada também nas margens dos rios e riachos, constituindo uma das riquezas dos Campos Gerais”*.

Em seu texto, o viajante francês reitera o sentido de um inventário estetizado, pouco específico no caso das riquezas minerais; exalta a prodigalidade, mas se abstém, enquanto naturalista, de comentários mais especializados.

Bigg-Wither,
p. 395.

Por sua vez, o engenheiro Thomas Bigg-Wither, após recolher informações locais que *“são unânimes em afirmar — não foram poucas as pedras grandes e valiosas lavadas”*, descreve com precisão as potencialidades diamantíferas da cidade Tibagi:

“1) Os diamantes são encontrados em certos extratos estreitos e horizontais, e separados por outros extratos ou camadas de composição ligeiramente diferente;

2) Que esses extrato de aluvião determinam o lugar onde foi, em dias remotos o leito de um rio, que recebeu depois, juntamente com toda a região circunvizinha, vastos aluviões de idades subsequentes. Esses aluviões formam os morros da vizinhança imediata, que se levantaram mais uma vez, sofrendo uma ‘desnudação’, por meio da qual a fisionomia da região, como então existia — as montanhas, os vales, os morros e as ravinas — ficou esculpida;

3) *Que esse processo de entalhação tenha atravessado o leito do antigo rio já mencionado no ponto em que estava situada a mina em questão, e que, com toda probabilidade, em outra mina semelhante, até então não descoberta, correspondendo a outra seção exposta do leito do antigo rio, existia muito perto e que, com uma pesquisa inteligente, podia ser descoberta sem muita dificuldade. Isso tudo é o que se relaciona com o depósito diamantífero”.*

Assim, como referido anteriormente, a descrição detalhada do potencial diamantífero rendeu ao engenheiro inglês a condição de sócio da Real Sociedade de Geografia de Londres. Isso demonstra o interesse de forças coloniais europeias, especialmente inglesas, na busca por recursos naturais em terras fora da Inglaterra e de seu domínio colonial em expansão no período. As frequentes menções aos maus usos, a falta de recursos locais, ou a falta de iniciativa e responsabilidade dos habitantes, reforçam a necessidade de intervir diretamente. O que na narrativa representa uma falta — “*uma pesquisa inteligente*” — evoca a essa aparente necessidade de intervenção para que não se percam tais recursos.

O Visconde de Taunay, por sua vez, construiu uma narrativa aparentemente mais singela, de teor literário para inventariar a possibilidade da existência de recursos minerais:

Taunay,
p. 131.

“No encontro de grandes outeiros mais chatos do que altos, quase despidos de vegetação, com exceção de uma grama cheia de flores em certo tempo do ano, mas no geral uniforme e rala, corre o rio, como dissemos, rápido e límpido, formando caldeirões sucessivos em que as águas redemoinham antes de se despejarem em outras concavidades, as menores então admiráveis em sua regularidade. E desse movimento particular em círculo resulta o arredondamento das inúmeras pedras, algumas muito interessantes, que pejam o leito. As há de todo tamanho, pequeninas, quase microscópicas, de todas as cores, parecendo a sua presença confirmar o que vulgaramente se diz, que o rio carrega muito ouro, muitos diamantes. Virá daí o seu valor imaginativo? E não é que ingenuamente o olhar do viajante procura divisar no fundo das cristalinas e naturais bateias ou palhe-

tas denunciadoras, o brilho repentino e fascinador de alguma gema de muitos quilates? São tão puros aqueles caixões no contínuo volutear a buscar saída para continuarem de queda em queda a correr por sobre a areia alva e fina!”

Taunay,
p. 135.

Ao escrever que *“ingenuamente o olhar do viajante procura”*, o Visconde insiste em uma imagem benevolente do cientista-viajante; inocente, ele parece professar um saber benévolo, o qual em sua prática não teria qualquer impacto local. Diz Taunay ainda que para dar ideia muito exata do que sejam os Campos Gerais do Paraná, que lhe seja *“lícito reproduzir uma apreciação em extremo pitoresca, concisa e justíssima do Imperador:*

‘É um tapete verde sobre uma grande mesa de pedra’, disse-me D. Pedro II.

Estas palavras exprimem o fato com a maior clareza e incisão e estabelecem a verdadeira relação de espessura entre a camada que poderia dar lugar à vegetação e à cultura e aquela que a tudo isso se opõe, contraria”.

O imperador visitara a província em 1880, e essa impressão foi dada pessoalmente à Taunay. A admiração que o Visconde nutria por D. Pedro II fica clara quando, de uma consideração bastante simples, embora sábia, Taunay é capaz de aborda-la em termos técnico-científicos.

3.5 — CORES/CONTRASTES

“Os campos são mais verdes no dizer-se do que no seu verdor.”
(Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares).

Tanto Saint-Hilaire quanto Taunay mencionam a fragilidade de suas vistas. A visão é um dos sentidos mais cultivados entre as elites²¹⁶, e a frequente menção a ela nos relatos reforça uma distância entre o viajante e o nativo. As cores e os adjetivos utilizados para definir a paisagem reforçam duas ideias principais: a brandura e delicadeza da paisagem; ou certa aridez, irritação decorrente da repetição, insistindo na ideia de vazio, desocupação, dando o sentido de que se trata de um espaço quase ideal para a ocupação europeia. Sobre tudo para os viajantes europeus, as menções às cores da paisagem buscam criar uma correspondência, enfatizando a existência de referentes concretos muito próximos as suas culturas de origem.

Saint-Hilaire,
pgs. 33, 15,
16, 25, 87.

Saint-Hilaire, sobre a possível instalação de uma colônia de imigrantes suíços nos Campos Gerais, comenta que “eles [os colonos suíços estabelecidos em Cantagalo no Rio de Janeiro] *teriam descrito o Brasil para os seus compatriotas com as mais belas cores*”. Contrariamente, em seu relato, o viajante francês é bastante sucinto em descrever as cores que comporiam a paisagem, ressaltando, sobretudo, a cor verde. Em sua descrição geral, na abertura do relato, o naturalista escreve sobre o “*verde claro e viçoso do capinzal*”, o “*verde escuro*”/“*verde sombrio*” das folhas da Araucária que contrasta com “*verde tenro da relva*”; esse “*verde das pastagens dos Campos Gerais é tão fresco quanto o de nossas campinas, mas de um modo geral não se apresentam tão floridos como os nossos. Em alguns lugares, entretanto, principalmente entre Pitangui e Carrapatos, vi uma quantidade considerável de Flores, [...], ao passo que o amarelo e o branco são as cores predominantes em nossos prados, é o azul celeste, [...], que colore as pastagens que acabo de mencionar*”. Saint-Hilaire também se refere à aparição de “*rochedos negros/pedreira negra*”, que fazem com que a paisagem perca o “*ar de*

²¹⁶ Cf CARDOSO, op. cit.; e a noção de autópsia (ver com os próprios olhos) em HARTOG, op. cit.

alegria". Suas descrições se concentram mais em contrastar/opor (a partir de adjetivos) mata e campo: os bosques são lugares de sombra e escuridão, representando um perigo oculto, ou seja, a presença de "*selvagens*"; os campos, por sua vez, são claros e risonhos, ainda que intocados e quase desérticos. No seu relato, o viajante francês é bastante dualista, insiste no contraste claro/escuro e a ele atribui uma interpretação: a ocupação humana e a paisagem. O índio "*selvagem*" se esconde, vive na mata, como se tivesse medo da luz e da claridade por estar sempre preparando emboscadas; o "*civilizado*" por sua vez busca a claridade e teme a escuridão. Encontramos no texto a ideia de horizonte: visão e domínio, ainda que os brasileiros não estejam suficientemente "*dispostos*" a realizar essa tarefa.

Bigg-Wither,
pgs. 105, 121,
134, 408, 94,
105, 350, 352.

Thomas Bigg-Wither, em sua escrita, é um pouco menos econômico que Saint-Hilaire ao tentar descrever as cores que compõe a paisagem. Do campo não cultivado, em especial, ele busca definir sua "*perpétua cor*": "*o castanho sem vida do prado*"; "*a vastidão do campo dourado estendendo-se para o sul e para oeste*"; "*o campo amarelo pontilhado de capões verde-escuros*". Nos meses em que estive nos Campos Gerais (julho, agosto, setembro e outubro), o viajante inglês descreve a vegetação dos campos como "*aparentemente seca*", contrastando com os bosques de pinheiros "*a refletirem a ramagem verde-escura nas profundezas*"; nesses bosques "*o capim era verde e fresco como se fora regado diariamente por bondosa fada, ao passo que, fora deste círculo mágico, tudo estava seco e torrado pelas brisas quentes e o pelo sol abrasador*".

Em outra descrição, essa de forte teor literário, Bigg-Wither insiste na beleza e na vastidão da paisagem, toda com um colorido leve, bastante contrastante com as matas que o autor descreve, em seção anterior, como um "*inferno terrestre*": "*A neblina branca começava a levantar, desde os desvãos onde estivera em repouso. Ainda não se havia levantado, porém, a ponto de impedir a vista das grandes extensões de planície ondulante [...]. Quando o sol subiu um pouco mais, saindo de trás de uma elevação, à guisa de nuvens bem bran-*

cas, agora, deixava seu posto de repouso nas cavidades; cobrindo por algum tempo a face toda da região, como um campo resplandecente e então, levantando-se mais alto, se desfazia lenta e gradualmente no éter azul". Essa descrição do engenheiro inglês reforça ainda mais a ideia de uma paisagem salubre e vasta, que se adequa a modelos perceptivos estabelecidos²¹⁷.

Saint-Hilaire,
p. 60.

Bigg-Wither,
p. 412-413.

O contraste entre mata e campo, claro e escuro, também é ressaltado por Bigg-Wither. Ao deixar a mesma fazenda que Saint-Hilaire descrevera como *"incrustada nas terras ocupadas pelos selvagens"*²¹⁸, o engenheiro narra a seguinte situação vivida na *"solidão tenebrosa da floresta"*: *"depois de deixar Fortaleza, quando eu viajava a certa distância adiante da tropa, na esperança de poder atirar em algum porco, [...], assustei-me com a aparição de seis índios quase nus, três homens e três mulheres, que saíram, de repente da floresta para a picada. Meu cavalo, manhoso, virou bruscamente para a direita, ao avistar aqueles seres selvagens"*²¹⁹. Esse temor pelas matas, ou capões, que os dois viajantes sentem cria um forte contraste em suas narrativas e ressaltam o medo do que está fora do alcance da visão, a falta de horizonte lhes causa profundo temor²²⁰.

Os contrastes que tanto atemorizam os viajantes europeus também estão presentes na narrativa de Taunay.

Taunay,
pgs. 118, 134,
146.

Ao descrever as *"verdejantes vastidões"* que compõe os Campos Gerais, *"aquele desdobrar de campos de um verde alegre"*, o Visconde narra que há *"por toda a parte lindas quebradas, inúmeros*

²¹⁷ Podemos retomar a afirmação de Corbin de que "o código da beleza clássica implica um espaço limitado, estritamente circunscrito, submisso ao homem: o alegre campo". Em francês no original, tradução minha: "Le code de la beauté classique implique un espace limité, strictement bordé, soumis à l'homme : c'est la campagne riante". CORBIN, op. cit., p. 86.

²¹⁸ Ver seção Limites.

²¹⁹ Há nesse trecho do relato uma diferença importante entre o texto em inglês e a tradução. Na versão em língua inglesa a passagem é a seguinte: "My horse, which was a nervous animal, swerved right round in its tracks with fright at the wild appearance of these beings". Em uma tradução literal para o português o texto seria: "Meu cavalo, que era um animal nervoso, desviou bruscamente da trilha para a direita com o susto pela aparência selvagem desses seres". O termo "seres selvagens" que o tradutor utiliza deixa margem para um forte teor etnocêntrico que o viajante inglês não utiliza, ao menos não nesse trecho do seu relato.

²²⁰ Yi-Fu Tuan afirma que "o medo do escuro é mundial. [...] A escuridão produz uma sensação de isolamento e de desorientação. Com a falta de detalhes visuais nítidos e a habilidade de movimentar-se diminuída, a mente está livre para fazer aparecer por mágica imagens, inclusive de assaltantes e monstros, com o mais leve indício perceptível". TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, p. 25.

Taunay,
pgs. 134, 119,
126, 125.

capões de mato a salpicarem de pontos sombrios a imensa, interminável alfombra verde do prado, cortada, aqui, ali, além, ou por graciosas combinações, ou, então, solenes e severos agrupamentos de grandes rochas a nu, sem falar nos pinheiros isolados ou juntos em meio do campo”.

Os contrastes que se produzem pela variada claridade são para Taunay motivo de interesse, pois como escreve: *“há paisagens tão grandiosas, [...], que nem mesmo o pincel as pode fielmente reproduzir”*. Essa paixão que Taunay cultivava pelas paisagens brasileiras é exemplificada em seu relato sobre os Campos Gerais em um trecho bastante estético:

“Quando no céu correm nuvens ou destacadas ou em maciços um tanto bojudos, é de ver-se a contraposição das manchas de sombra aos trechos de luz que salpicam o verde de relva do terreno e mais realce ainda lhe imprimem.

Então não raro é contemplar-se uma verdadeira graciosidade de ótica: a coma sombria do pinheiro cercada como que de resplendente auréola, ao passo que o tronco liso e perpendicular fica mergulhado nas sombras. E fantasmagoricamente se apagam aqueles contrastes e se transmudam, passando de súbito para o claro aquilo que há poucos instantes estava no escuro e submergindo-se em tristes tintas largos trechos esclarecidos minutos antes, por vivíssima luz”.

As descrições que o viajante brasileiro faz do campo são ricas na tentativa de passar as cores que a compõe: *“nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro aqueles campos ficam todos floridos, arrebatando dos muitos vegetais humildes que os revestem flores cujas cores, às vezes bastante vivas, causam ao viajante a mais agradável impressão. Assim os hyptis, os neandriuns (espirradeiras), as gomphrenas e muitas outras, [sic] especialidades das famílias das compostas, em geral de um amarelo que de longe atrai as vistas”*.

Assim como os viajantes europeus, Taunay também dá destaque ao verde que compõe a paisagem, mas, ao contrário deles, busca transmitir ao destinatário as ricas variações de verde que compõe a paisagem: *“em alguns rios e sobretudo em certos trechos do Iguaçu*

aparecem com grande frequência os salgueiros, e então é muito [agradável] de ver-se o contraste da folhagem miúda e cor verde claro quase amarelada a destacar-se dos maciços gerais em que se casam todas as gradações do verde, desde o verde-paris e verde-crê até o verde glauco ou fundo de garrafa”.

As descrições mais atidas desse viajante às cores buscam afirmar uma ideia de riqueza, sobretudo quando se trata de madeira. Para Taunay a variedade de cores é considerada uma dupla fortuna, tanto estética quanto material. A paisagem é tanto fonte de inspiração artística quanto de riqueza financeira, e a sua variedade em colorido é uma das provas disso.

3.6 — VASTIDÃO

Uma das figuras que se repete nos três relatos é na verdade um encadeamento de ideias para os dois viajantes europeus; Taunay por sua vez deu um sentido diferente a essa figura. Nas três narrativas a vasta dimensão espacial dos Campos Gerais é ressaltada; mas, tanto para Saint-Hilaire, quanto para Bigg-Wither, como consequência da imensidão do espaço percorrido vive-se a monotonia da repetição, monotonia essa decorrente da falta de cultura. Os viajantes europeus insistem consequentemente na ideia de deserto, de falta de cultura e civilização que (de)marquem a paisagem. Para Taunay, entretanto, a vastidão da paisagem não é assinalada pela repetição, ainda que o viajante brasileiro também insista na noção de deserto²²¹.

Saint-Hilaire,
pgs. 11, 25,
44, 23, 11, 57,
18-19.

O naturalista francês descreve a “*vasta extensão*”, as “*imensas as pastagens dos Campos Gerais*”; pastagens estas “*pontilhadas de pequenos grupos de Araucaria*”. Para que o seu leitor imagine essas dimensões comenta Saint-Hilaire que “*as fazendas [dos Campos Gerais] são muito vastas, gastam-se vários dias para percorrê-las na sua totalidade*”.

Ao sair da fazenda Caxambu, próximo a Jaguariaíva — contrariando sua Descrição Geral em que dissera que as terras menos planas dos Campos Gerais não tinham “*pois a monotonia das nossas planícies de Beauce*” —, o viajante narra que “*toda a região, que era ondulada, oferecia ainda imensas pastagens, no meio das quais alguns bosques se elevavam nas baixadas. De tempos em tempos aproveitávamos uma vista expandida, mas o aspecto das terras era sempre o mesmo; nada é mais monótono do que essas regiões desérticas, são os trabalhos do homem que dão variedade à natureza.*” Essas vastidões imprimiam, segundo Saint-Hilaire, um estilo de vida aos nativos, o que os impedia, consequentemente, de dar variedade à natureza: “*galopar pelas vastas campinas, atirar o laço, arrebanhar o gado e levá-lo para um local determinado (fazer o rodeio) constituem para os jovens atividades que tornam detestável qualquer trabalho*

²²¹ Sobre a noção e o imaginário de deserto ver CORBIN, op. cit., pgs. 63-64, 86-88; ROGER, op. cit., pp. 106-111.

sedentário; e nos momentos em que não estão montados a cavalo, perseguindo as vacas e touros, eles geralmente descansam.”

Saint-Hilaire,
pgs. 70, 50,
54.

Já próximo à Tibagi, na fazenda Caxambu, depois de um longo tempo nas “vastas solidões” dos campos, Saint-Hilaire relata: “Andei durante muito tempo sem ter visto uma única casa, sem ter encontrado um só viajante, mas eis que, ao cair da tarde, no meio de um deserto e não muito distante das terras habitadas pelos selvagens, deparei de repente com pastos cercados de fossos, e tapumes e muros muito bem feitos, brancos e cobertos por telhas. Isso indicava a fazenda mais agradável e mais bem cuidada que já tive o prazer de encontrar, depois da de Ubá. Sua vista causou-me uma surpresa deliciosa. Eu acabava de percorrer uma região agreste, desabitada, e tinha agora diante dos olhos uma encantadora morada, cuja entrada me lembrava a de certas casas de campo nos arredores de Paris.” Essa fazenda pertencia a Xavier da Silva, que o viajante francês descreve como não sendo “um homem muito comum, pois vencendo os inúmeros obstáculos que lhe haviam imposto a natureza e os seus semelhantes, criou no meio de um deserto uma morada que deveria ser considerada muito aprazíveis mesmo num país civilizado; tinha sabido formar e dirigir os seus empregados e, desprovido de modelo não tinha, por assim dizer, mais que a si mesmo e a suas lembranças como inspiração. Desnecessário é dizer que esse fazendeiro era ‘português europeu’. Os habitantes da região que acabei de descrever são indolentes, têm muito pouco gosto, pouca noção de simetria para fazer algo semelhante.”

O que chama à atenção no trecho acima é a mencionada falta de modelos para que se possa dar variedade à natureza e vencer os obstáculos. Esses modelos, conforme Saint-Hilaire, seriam providos pela vinda de trabalhadores imigrantes europeus, como os já citados suecos. Ainda as reiteradas ideias de vastidão e de deserto reforçam, mais uma vez, a noção de disponibilidade.

Thomas P. Bigg-Wither ao adentrar aos Campos Gerais se impressiona com “a vastidão do campo dourado, estendendo-se para o sul

Bigg-Wither,
p. 134-135.

Bigg-Wither,
pgs. 105-106,
109-110.

e para o oeste, até se perder de vista”. O viajante inglês também insiste na noção de deserto. Em três trechos seguidos o engenheiro faz menção a essa ideia. Relata ele que depois de dois dias de viagem encontrara uma paragem: *“o local escolhido para nosso acampamento nessa tarde era verdadeiro oásis no deserto. Nos meses de Julho e Agosto, os aspectos da campina são, em detalhe, bonitos, por causa da vegetação aparentemente seca. Só nos vastos panoramas, como aquele que tínhamos contemplado do alto da Serrinha, é que a monotonia se transforma em grandeza, mas, no número infinito de paisagens [views] menos extensas com que frequentemente nos deparávamos, sentíamos que em geral faltava um relevo à identidade perpétua da cor e do colorido da forma. [...] O espaço claro, dentro da zona do bosque, tinha talvez vinte e cinco acres de extensão e, assim, completamente inglesa era a aparência geral deste pequeno oásis, que a gente esperava ver quase uma velha e gostosa mansão patricia como um convite para nos receber. Do lado mais baixo corria um riacho, sob a sombra de muitas árvores temperadas e subtropicais, arbustos e samambaias. [...] Que lugar maravilhoso para se acampar durante uma caçada!”*. Ao ressaltar as semelhanças que aquele “oásis” tinha com a Inglaterra, Bigg-Wither deixa sua marca discursiva de vitoriano ao ligar os Campos Gerais a sua terra natal. Cultura de explorador, espaço conquistado, como aponta Mary Louise Pratt²²². Diante dessa perspectiva desértica, Thomas Bigg-Wither não deixará de se lamentar pela monotonia e pela falta de cultura e marcas humanas e civilizadas na paisagem: *“o tempo passava e a vontade de caçar cedia terreno diante da momentosa questão de ter de dormir ao relento, sem cobertas, sem fogueira ou comida! Até os pequenos bosques e os arvoredos, cuja abundância e variedade haviam distraído a nossa visão durante a marcha da manhã, tinham agora desaparecido, para dar lugar à monotonia da campina”*. Sua descrição ganha contornos ainda mais dramáticos quando após quatro dias de viagem pelos Campos Gerais (11-15/08/1872)

²²² PRATT, op. cit., p. 339-340.

Bigg-Wither,
pgs. 117,
446.

avista a cidade de Ponta Grossa: “o aparecimento de uma grande cidade no meio dos campos desertos, com quatro dias de marcha distante dos lugares civilizados, parecera-nos tão curioso e incongruente quanto o aparecimento de uma aldeia florescente no meio das planícies áridas do deserto do Saara”. A partir desse encadeamento de ideias é possível compreender o elogio tecido a Edenborough e a sua iniciativa modernizadora, mostrada no capítulo anterior. Aliás, Bigg-Wither aconselha os possíveis emigrantes: “*Emigrante! Vá para essa província, se quiser, pois há, sem dúvida, ali uma bela região à sua espera, mas não se iluda*”.

Taunay,
pgs. 98, 100,
142, 146.

Uma das principais preocupações de Taunay enquanto administrador dizia respeito ao “quase total despovoamento” da província, aos “verdadeiros desertos” que encontrou em sua viagem. Mas nos Campos Gerais, ao contrário dos viajantes europeus, o Visconde não conheceu a monotonia ou o tédio por eles descrito: “as paisagens todas são muito interessantes. É sempre o mesmo desenvolvimento de campos dobrados, mas sem monotonia, muito embora se reproduzam sempre os mesmos grupos de vegetação, predominando em todos eles os pinheiros. São tantas, porém, as combinações que com idênticos elementos a natureza pode fazer e produzir, que as vistas do viajante vão sempre apreciando perspectivas muito variadas.” Taunay, enquanto reformista e herdeiro do romantismo, buscava a construção de arquétipos paisagísticos que valorizassem as riquezas naturais ao mesmo tempo em que insistia na modernização e na prodigalidade, sua percepção é tanto estética quando utilitária: “por toda a parte, lindas quebradas, inúmeros capões de mato a salpicarem de pontos sombrios a imensa, interminável alfombra verde do prado, cortada, aqui, ali, além, ou por graciosas combinações, ou, então, solenes e severos agrupamentos de grandes rochas a nu, sem falar nos pinheiros isolados ou juntos em meio do campo. E naqueles capões quanta riqueza em madeiras, já pinhos colossais, embuias pretas, amarelas, rajadas e brasinas, paus de murta, canelas de muitas qualidades, cipó florão, cedros, perobas brancas e vermelhas; cabriúvas pardas, além de muita erva mate.” Chama à

atenção a ideia de que as árvores são uma das riquezas da nação, disponíveis ao uso e ao empreendedorismo.

3.7 — JARDINS, POMARES E HORTAS

A ideia reiterada pelos três viajantes de dar variedade à natureza, de modificar a paisagem em função de objetivos utilitaristas, se materializa em arranjos de pequenas proporções, como jardins, pomares ou hortas. Essa transfiguração *in situ*, como propõe Philippe Descola, é sempre digna de nota por parte dos viajantes europeus: as (consideradas por eles) marcas de ações humanas ditas racionais e regulares sobre o terreno são vestígios da civilização, atitudes nobres. Para Taunay a ideia de jardim, além da expressa por Saint-Hilaire e Bigg-Wither, é complementada pela de beleza natural, reforçando a imagem romântica de uma natureza ímpar, grande fortuna da nação.

Saint-Hilaire,
pgs. 12, 51.

No início da Descrição Geral dos Campos Gerais, Saint-Hilaire relata que *“veem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas, com pequenos pomares de macieiras e pessegueiros”*, dando a entender que o *“cuidado”* faz parte da cultura de todos os habitantes. A ideia de que em todas as casas se veem pomares é rapidamente descartada quando o naturalista francês inicia sua narração. Apenas ao chegar à Fazenda Caxambu, propriedade de Xavier da Silva, é que o viajante francês se depara com um jardim, por ele então descrito com riqueza de detalhes: *“um jardim que tinha mais ou menos 350 pés [105 metros] de comprimento. Esse jardim se estendia pela encosta da colina, e a água chegava até ele através de um desses rústicos aquedutos muito em uso entre os mineiros, caindo de uma altura regular num pequeno canal e refrescando todo terreno. Uma carreira de roseiras, muito juntas umas das outras, muito altas e sempre cobertas de flores, defrontava a casa do dono e as construções próximas, estendendo-se por todo o comprimento do jardim, e o tom de suas rosas causava um encantador efeito ao se misturar com o das laranjeiras e das outras árvores. Por trás da carreira de rosas havia uma outra, de marmeleiros, abaixo da qual tinha sido plantada uma fileira de limoeiros e de laranjeiras. Romãzeiras, ameixeiras, pessegueiros e figueiras espalhavam-se aqui e ali, e mais abaixo ainda se via, em toda a extensão do jardim, uma latada de parreiras, que à*

época de minha viagem estavam carregadas de uvas brancas e pretas.”

Saint-Hilaire,
pgs. 54, 52.

O pomar cultivado por aquele “*naturalmente português europeu*” também foi descrito detalhadamente: “*Abaixo do jardim [...] havia uma espécie de pomar muito mais extenso que o jardim, cercado simplesmente por fossos. Viam-se ali macieiras de várias qualidades, ameixeiras, cerejeiras, jabuticabeiras (Myrtus cauliflora, Mart.). Cada espécie formava uma extensa fileira bem alinhada, e entre duas fileiras havia um canteiro de ananases, cortado por uma trilha onde se podia passear. Ao lado dessas árvores havia uma plantação de bananeiras, que recebia muitos cuidados. Não seria possível proteger todas as árvores da danosa ação da geada, mas a plantação era tão grande que sempre restava, todos os anos, um grande número de árvores que haviam permanecido intactas e das quais se colhiam excelentes frutos. Vi também nesse pomar uma pequena plantação de cana-de-açúcar do Taiti (Cana-caiana, Saccharum taitense). Tinha-se o cuidado de cobrir as plantas novas para protegê-las da geada, e em 1819 se obteve açúcar suficiente para o fabrico de uma quantidade consideráveis de vinho de laranja. Sorocaba constitui, como já disse, o limite dos cafeeiros; não obstante, existiam em Caxambu alguns pés desse arbusto, mas teve-se o cuidado de plantá-los num lugar bem abrigado e somente se conservaram graças ao grandes cuidados que lhes dispensavam. Junto da casa havia também uma horta cercada, mas nela só vi couves, ainda que em grande quantidade. Tinham sido plantadas com simetria e os canteiros estavam cuidados”.*

Toda essa atenção detalhada às fileiras, aos cuidados prestados diante das geada, aos sabores e aos efeitos produzidos pelo jardim, pomar e horta cultivados na fazenda, Saint-Hilaire comenta que (contrariando, mais uma vez, sua descrição geral): “*É evidente que eu não faria semelhante observação se eu descrevesse um de nossos jardins da Europa, mas neste país tudo o que demonstra cuidado e perseverança deve ser considerado como uma maravilha*”.

Saint-Hilaire,
pgs. 32, 33,
60.

A sua descrição geral, estetizante, não encontra modelos reais na narração. Não que o ato de narrar seja mais verdadeiro que o de descrever; apenas que a seção denominada descritiva do relato de Saint-Hilaire preza por um efeito específico: a ideia de “*Paraíso terrestre do Brasil*”, onde se pode plantar as frutas, verduras e legumes europeus, onde se podem estabelecer colônias de imigrantes daquele continente para que sejam importados modelos de cultivo e cultura.

Esses europeus, como imaginava o viajante, “*teriam intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações*”; pois como ele próprio descreve a fazenda Fortaleza — “*a fazenda que se achava mais profundamente incrustada nas terras ocupadas pelos selvagens*” —: as construções da sede “*eram dispostas à volta de um grande pátio quadrado, e nos fundos da casa do proprietário, onde não cheguei a entrar, havia um pomar, no qual também não entrei, mas onde vi de longe muitas laranjeiras simetricamente alinhadas*”.

A atenção de Saint-Hilaire à geometria, a regularidade reforçam a ideia de disciplina, noção tida por ele como ausente entre os brasileiros.

Bigg-Wither,
pgs. 83, 130,
254.

Bigg-Wither, por sua vez, é mais enfático em suas considerações. Ainda em Curitiba, antes narrar sua experiência nos Campos Gerais, conta o engenheiro inglês que: “*Se nos voltarmos para os subúrbios da cidade, veremos hortas bem cultivadas, com muitas hortaliças de uso familiar europeu plantadas nelas. Quando um brasileiro passa por elas diz: ‘É uma propriedade alemã!’ Se perguntarmos como ele pode saber, responderá logo: ‘Sei, pela hora’. Também se você enxergar um homem trabalhando com uma pá ou picareta, não será necessário olhar-lhe o rosto. Pode dirigir-se a ele em alemão*”. Para além da astúcia narrativa de inserir um diálogo, que imprime no destinatário um efeito de real, uma atitude etnográfica, Bigg-Wither atém-se aos produtos que compõe a alimentação dos brasileiros, por ele descritos como uma “*gordurosa mistura de feijão com farinha*”. Após cruzar os Campos Gerais e chegar a Colônia de Teresa Cristina, o engenheiro afirma que: “*os brasileiros destas regiões remotas*

Bigg-Wither,
p. 178.

que, como os povos semisselvagens, pouco apreciam ou não apreciam a beleza”. Já instalado na colônia as suas considerações tornam-se mais severas: “A preguiça e a falta de iniciativa pareciam ser, realmente, o grande mal do povo da colônia, e isso era visível de todos os lados. Embora o solo fosse muito fértil e o clima propício ao cultivo de frutas e legumes tropicais e temperados, não tentavam cultivar coisa alguma, nem mesmo o necessário à subsistência, como feijão, arroz e milho. Apesar de não terem em que se ocupar durante nove meses do ano, não se via uma horta no lugar e creio que ninguém nunca pensou em fazer mesmo um jardim, como coisa que a imaginação mais selvagem nunca sonhou. Eis um fato digno de ser lembrado: nunca vi pessoa alguma pronunciar na povoação a palavra ‘jardim’. Chego até a pensar que ninguém saberia a sua significação se a palavra fosse pronunciada diante de alguém”. Além da ruminante consideração de que os brasileiros são preguiçosos, soma-se (ainda que sem qualquer intenção) ao relato de Saint-Hilaire a noção de que faltam modelos, inclusive ao ressaltar que na colônia não se saberia o significado da palavra jardim. Bigg-Wither afirma, mais uma vez, a falta de ideias civilizadas entre os nativos, faltam-lhes, inclusive, as palavras²²³.

Bigg-Wither,
pgs. 121.

Nos Campos Gerais, o viajante inglês encontrou três modelos que considerou dignos de nota: o de seu compatriota Edenborough; o de um pequeno proprietário chamado Garcez e, por último, do sogro de Mercer, um colono inglês que Bigg-Wither conhecera em Tibagi. Diz ele sobre os cultivos de Edenborough: “Ao chegar mais perto da casa de nosso compatriota, vimos a primeira tentativa de cultivo da campina, em que os nossos olhos ainda não se tinham comprazido nesta região. Uma área de cerca de dois acres em frente da casa, cercada por um fosso, ostentava vegetação verde e brilhante, em re-

²²³ Alain Roger, ao discutir os jardins gregos e romanos, e o aparecimento de uma sensibilidade paisagística nessas culturas, afirma que a não existência de uma palavra específica que defina o objeto não significa a ausência de uma sensibilidade; o filósofo chama isso de “obsessão do léxico” [*obsession du lexique*] (p. 56). Philippe Descola também se atém a questão das palavras e das sensibilidades; para este antropólogo a fixação às palavras é, no mínimo, uma atitude de má-fé etnocêntrica, que a descrição de Bigg-Wither parece aclarar. Cf ROGER, op. cit., p. 56; DESCOLA, *Les formes...*, op. cit.

frescante contraste com o castanho sem vida do prado circunvizinho. Era uma plantação de centeio ainda nova e o terreno em que estava feita fora preparado e arado à moda inglesa.

Logo chegamos à casa da fazenda, passando primeiro por um laranjal, todo carregado de frutos dourados e maduros. [...] Antes de nos retirarmos, fomos visitar o pomar, para experimentar as laranjas. Achamos deliciosas as diferentes qualidades e ficamos surpresos quando soubemos serem elas cultivadas para os porcos.” Ainda que tenha descrito a pobreza do solo dos Campos Gerais, Bigg-Wither insiste na possibilidade de cultivo nas terras e, mais ainda, sua descrição dá a entender que o esforço do colono inglês foi recompensado, a fazenda verde e refrescante contrastava com a campina dourada, e as laranjas plantadas pelo colono inglês produziam grande quantidade de frutos que, apesar da boa qualidade, lhes sobravam.

Bigg-Wither,
pgs. 362, 361.

Sobre o sr. Garcez, Bigg Wither diz: *“foi o fazendeiro mais inteligente que encontrei na classe, nas minhas viagens pela província”,* e que era *“até certo ponto, um homem educado, conhecendo alguma coisa de história e geografia europeias”*; esse proprietário diferia-se da *“maioria dos fazendeiros que encontrei na província ignorava completamente o mundo exterior”,* pois eram, em geral, completamente ignorantes, e *“no entanto, viviam e prosperavam! O que não deixa de evidenciar ser necessário muito pouco capital intelectual para prosperar neste país”*. Na propriedade de Garcez, o viajante inglês comenta que viu *“pela primeira vez vi uma horta grande e bem cultivada”,* da qual *“o proprietário se orgulhava”,* *“pois ficava satisfeito quando se lhe pedia que a mostrasse. Além da horta, havia, no lado da casa, uma bem cuidada plantação de café que, segundo o sr. Garcez declarou, lhe dava uma pequena fortuna anualmente”*. Não é por coincidência que as descrições de Bigg-Wither e de Saint-Hilaire se assemelham: os relatos de viagem produzidos por europeus nesse período dão a ver uma realidade promissora, mas pouco explorada. Edward Said chama isso de “o mito do nativo indolente”²²⁴.

²²⁴ SAID, op. cit., p. 89.

Bigg-Wither,
p. 399.

Saint-Hilaire,
pgs. 31, 62,
117.

Taunay, p.
101-102.

A última descrição do engenheiro inglês foi a do pomar do sogro de Mercer, que *“rivalizava ou superava o do sr. Garcez”*: *“Laranjas, ameixas pêssegos, abacaxis, gengibre, batata, cebola, tudo era cultivado com evidente cuidado e inteligência e, por fim, adornavam o pomar diversos pés de algodoeiro, cujo produto depois de preparado era transformado em lençóis e também em fios para a fabricação de rendas”*. Saint-Hilaire se ateve ao cultivo de linho, e Bigg-Wither ao de algodão. Cultivar produtos que pudessem estabelecer comércio entre a Europa e a América e, sobretudo, fornecer matérias-primas aos países daquele continente é uma referência constante em todos os relatos, mesmo de brasileiros.

O Visconde de Taunay se lamenta ao descrever *“os desconsoladores ranchos de caboclos”*: *“um telhado pesado, baixo, crivado de goteiras sobre paredes a meio esboroadas, uma área de cultivo insignificante, um milharal plantado sem método, nem alinhamento, muitas crianças, muitos porcos, esfaimados e soltos [...] mato por toda a parte, nenhuma cadeira; uma ou outra canastra; eis o círculo apertadíssimo e desanimador da comodidade e gozos em que se mantêm”*. Tudo isso cria um *“doloroso contraste”* se comparado à *“casinha do alemão, do polaco, do italiano”* que *“levanta-se airosa, de súbito infundindo no seu aspecto a ideia do bem estar, do conforto e da felicidade; suas vidraças limpas, suas cortinas modestas, mas sempre alvas, seu jardimzinho cheio de flores em derredor, plantações viçosas ocupando toda a área de trabalho, o centeio ondulando a menor brisa e pondo com o verde claro de sua cor uma gota alegre em largas perspectivas, o milho plantado com regularidade e todo perfilado, em linhas de rigoroso paralelismo, o feijoal separado, a vinha zelada cuidadosamente, ora em pé, ora em latada e cobrindo-se de adocicados e bastos cachos, frutas saborosas e só colhidas em sazão, enfim, de todos os lados o assinalamento do trabalho, o cunho da atividade e do amor à ordem, que tantos benefícios trazem ao homem laborioso”*. O político não perdoa em sua descrição nem a falta de cadeiras, ícone de conforto e regularidade.

Taunay,
pgs. 99, 95,
126-127.

Os modelos em que tanto insistiam os viajantes europeus já se faziam presentes, ao menos em termos de políticas imigratórias. O grande dilema para a construção de uma sociedade nacional e civilizada, na perspectiva de Taunay, era então “*afugentar a ociosidade inata e fortificada pelas suavíssimas condições de vida brasileira*”²²⁵.

Se comparados com os imigrantes europeus e seus jardinzinhos cheios de flores os nativos pecam pela falta de preocupação estética, regularidade e conforto; a paisagem, em sua singularidade, é fonte de gozo e elogios por parte de Taunay: “*o terreno coberto de lindíssima e folhuda grama que se prolonga para o interior do mais lindo bosque, como que coisa arranjada com o cuidado de inteligentes jardineiros, zelosos em impedir e corrigir os exageros da natureza, mas atentos sempre em dar valor às suas belezas e indicações. Em todo o Paraná são em extremo frequentes esses aspectos da mata, árvores possantes e arbustos elegantíssimos um tanto afastados uns dos outros, a ensombrarem o chão muito limpo e gramado, cheio de atrações, sobretudo ao sol do meio dia, como que a convidarem os dilettanti do far niente a estirarem o corpo disposto ao repouso e ali fruírem deliciosa sesta*”. A descrição do visconde, bem ao estilo e sabor de sua famosa obra *Inocência*, define a paisagem como um grande jardim natural, em que os excessos da natureza tão caros às paisagens tropicais são de alguma forma corrigidos. Diz ele que: “*nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro aqueles campos ficam todos floridos. [...] Falavam-me muitas vezes no aspecto surpreendente dessas extensões, que constituem jardins naturais*”. O entusiasmo de Taunay pelas paisagens brasileiras é evidenciado em muitos de seus textos, pois o Visconde considerava a natureza brasileira enquanto uma das grandes riquezas da nação. O elogio à beleza da paisagem dos Campos Gerais é devido, em parte, a sua inaptidão para uma cultura agrícola ou pecuarista de larga escala, como se verá adiante.

²²⁵ Nas palavras de Pádua, a crítica reformista insistia na necessidade de “explorar de forma cuidadosa os elementos da natureza, plantar o que for retirado, valer-se do apoio da ciência, aperfeiçoar os métodos de produção, construir uma vida social estável e gerar um sólido processo civilizador”. PÁDUA, *Um sopro...*, op. cit., p. 208.

3.8 — LIMITES

O que são os Campos Gerais na perspectiva dos viajantes? Quais seus limites? O que os define? Para Taunay os limites da paisagem são incertos, mas podem ser demarcados a partir de rios e serras; ainda assim, para esse viajante a presença e repetição de alguns elementos arquetípicos é o que define os Campos Gerais. Saint-Hilaire também insiste na unidade dos componentes para definir os limites da paisagem, mas, por sua vez, reitera o contraste entre campo e mata, sendo as matas o refúgio dos “selvagens”, e uma espécie de fronteira entre civilização e barbárie. Essa oposição entre mata e campo, civilização e selvageria, também é retomada por Bigg-Wither, havendo ainda para o engenheiro inglês uma oposição entre o saudável e o pestilento, entre campo e matas, sendo o campo terapêutico e saudável; as matas, por sua vez, são úmidas e repletas de insetos; essa oposição, conforme o engenheiro deixa marcas no espírito dos seus respectivos habitantes.

Taunay, pgs.
135, 118, 134.

A frase de D. Pedro II, “os Campos Gerais são um tapete verde sobre uma grande mesa de pedra”, define para Taunay o que é essa paisagem, ou seja: *“verdejantes vastidões que se desenrolam, não chatas e uniformes como planícies intermináveis, porém, sim, dobradas, cheias de pitorescos acidentes, com fundas e elegantes ondulações, verdadeiras bacias de colossal parque inglês, vastidões em que os pinheiros, já em grupos, já isolados, já no encontro das quebradas, já no ponto culminante dos outeiros, já solitários, já casando a sua folhagem áspera e glauca com a coloração multicolor de outros vegetais, dão cunho particular e imprimem feição toda sua aqueles campos iluminados pelo sol com luz sempre mais ou menos branda”*. O pitoresco (aquilo que é digno de ser pintado), o inusitado, são qualidades que Taunay atribui como arquetípicas da paisagem²²⁶. Essas características, conforme o viajante, *“se estendem por léguas e léguas, modificadas só as razões de mais ou menos propri-*

²²⁶ “O pitoresco se impôs no fim do século XVIII: foi precisamente estabelecido nos escritos do pastor William Gilpin. O pitoresco é resultado de uma verdadeira cassada. Insiste-se nas surpresas escondidas nos caminhos”. Em francês no original, tradução minha : “Le pittoresque s'impose à la fin du XVIII^e siècle: il a été très précisément établi par le pasteur William Gilpin, au fil de ses livres. Le pittoresque résulte d'une véritable chasse. Il est quête de la surprise au détour du chemin.” CROBAIN, op. cit., p. 104.

idade para o cultivo pela aproximação das correntes d'águas, umas volumosas, como o Iguaçu e Tibagi e outras, mais modestas, já ri-beirões, já modestos córregos”.

Taunay,
p. 97.

A delimitação que Taunay apresenta a essa formação é a seguinte: *“a parte da província do Paraná conhecida pela denominação de Campos Gerais tem limites bastante incertos. Podem ser assinalados ao Sul a Serrinha e o rio Iguaçu, a Oeste a Serra da Ribeira, ao Norte os Campos do Imbituva ou Cupim e a Leste os Campos do Iapó e a serra das Furnas. Entretanto positivamente nada há fixo e fica à vontade mais ou menos de cada qual alargar ou restringir essas divisas. Assim querem alguns que a cidade de Lapa esteja compreendida nessa zona dos Campos Gerais, embora fique para lá do rio Iguaçu”.* Os limites, para Taunay, não são políticos, os marcos da paisagem seriam naturais, delimitados por elementos geográficos ou pela simples imaginação de quem os vê, ainda que respeite as características arquetípicas.

Saint-Hilaire,
pgs. 11-12,
88, 93.

A definição de Saint-Hilaire do que são os Campos Gerais é muito semelhante à de Taunay — ou melhor, a definição de Taunay é parecida a de Saint-Hilaire. Comenta o naturalista francês que os Campos Gerais são *“um desses territórios que, independentemente das divisões políticas, se distinguem em qualquer região pelo seu aspecto e pela natureza de seus produtos e de seu solo; onde deixam de existir as características que deram à região um nome particular — aí ficam os limites desses territórios. Na margem esquerda do Itararé começam os Campos Gerais”,* e estes *“só terminam onde acabam as pastagens e começam as grandes florestas”.* As noções de começo e término dizem respeito ao itinerário percorrido pelo viajante. Ao seguir o sentido norte-sul, e depois oeste-leste, rumo à Curitiba, descreve Saint-Hilaire a mudança da paisagem: *“entre Freguesia Nova e Caiacanga a paisagem me pareceu menos aprazível, e se tornou ainda menos atraente depois de Caiacanga. Os vales eram mais profundos, viam-se pedreiras nas encostas dos rochedos, o capim já não se mostrava tão verde e viçoso: eu me aproximava dos limites dos Campos Gerais. No seu começo, nos arredores de*

Morangava, seus belos campos tinham-se mostrado destituídos de encanto, e ali, no seu final, tornavam a adquirir um aspecto triste-nho”.

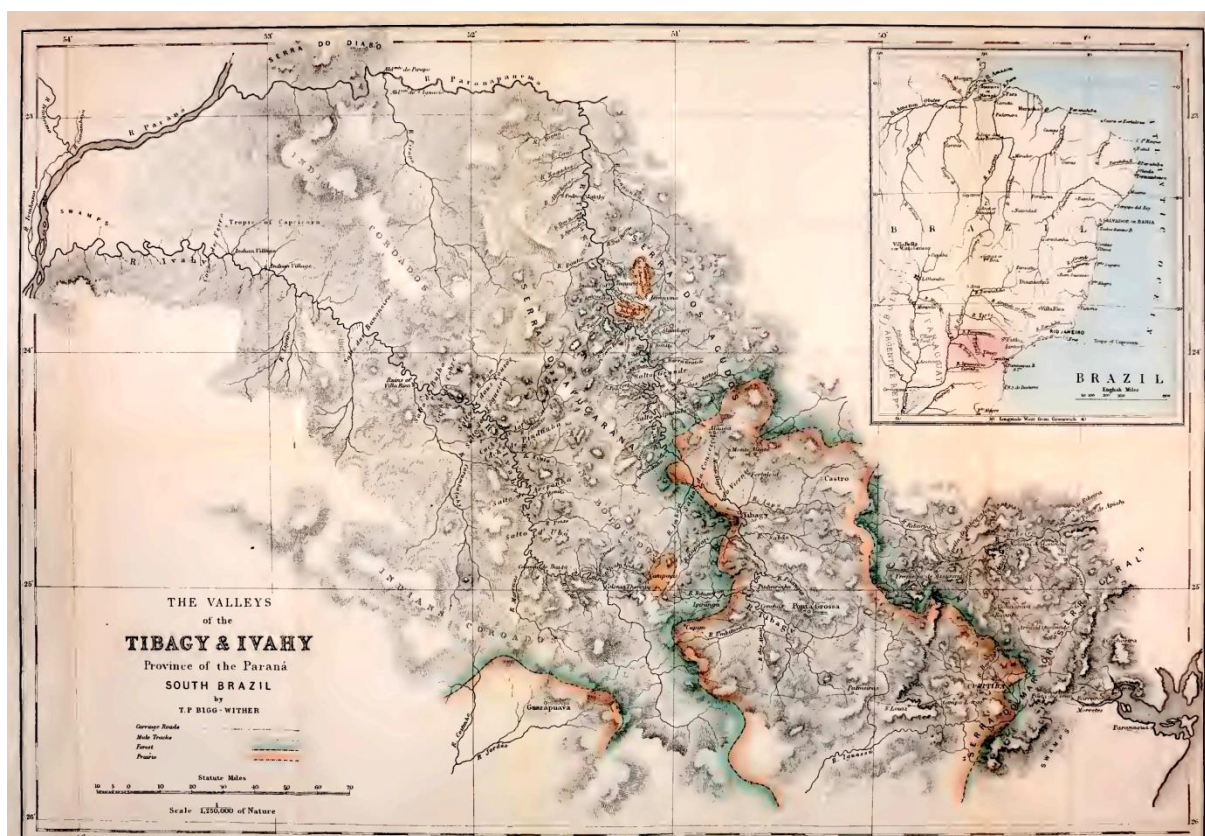
Saint-Hilaire,
pgs. 42, 60,
43, 45, 60, 32.

Já no início de seu texto, narra Saint-Hilaire que passou por uma cruz, esta sinalizava “*onde algumas pessoas haviam sido mortas pelos índios selvagens*”. Esse marco deixou vestígios em toda sua narrativa. Para o naturalista, “*as terras dos Campos Gerais são vizinhas dos territórios dos selvagens*”, formando assim uma espécie de corredor, do qual relata temeroso: “*me aproximei, tanto quanto possível, das terras habitadas pelos índios selvagens*”. Os indígenas que habitam as matas são descritos como “*inimigos*”, “*audaciosos*” e “*ousados*”. Essa espécie de fronteira que representam os Campos Gerais, uma fronteira que separa a civilização da barbárie, é bastante instável, pois Saint-Hilaire relata que a fazenda Fortaleza estava na época de sua viagem “*incrustada nas terras ocupadas pelos selvagens. Eles frequentemente causavam desordens, eram perseguidos, matava-se alguns homens, aprisionavam mulheres e crianças*”. Em sua descrição geral, como já dito anteriormente, o viajante francês insiste que a presença de imigrantes estrangeiros poderia intimidar os indígenas e “*posto a região a salvo*”.

Bigg-Wither,
p. 133.

Em relação aos “*grandes campos do Oeste*”, diz Bigg-Wither que “*não há, nesta província, a rigor uma divisão bem definida separando a floresta do prado. Não são ambos divididos por nenhuma linha única e estreita*”.

O viajante inglês foi o único que deixou ilustrações ou material iconográfico a respeito dos Campos Gerais. No primeiro volume de seu livro encontra-se o mapa a seguir em que tenta localizar e dimensionar para seus leitores os territórios que percorreu. (**Imagem 7:** *The valleys of the Tibagy & Ivahy. Province of the Parana, south Brazil, by T. P. Bigg-Wither.*)



Bigg-Wither,
pgs. 100, 98.

Esse trabalho cartográfico, produzido com auxílio dos irmãos Franz e Joseph Keller²²⁷, revela as redes de interesses e contatos que os viajantes do período estabeleciam entre si mesmos e instituições públicas e privadas. Ainda nesse sentido, o do viajante-leitor, Bigg-Wither apresenta uma rica mostra de seu imaginário viageiro, quando ao adentrar pela primeira vez aos Campos Gerais diz que “ainda não sabíamos se seríamos ou não atacados por algum feroz touro selvagem ou por índios de cara pintada. É muito difícil a gente libertar-se de ideias sensacionais incrustadas em nossas cabeças de moços”. As recorrentes menções ao “Oeste”, e a possibilidade de encontrar “touro feroz” ou “índios de cara pintada”, remetem o destinatário a uma paisagem familiar, ao menos em termos literários: o oeste americano (Western, ou Wild West) e as narrativas de aventura, diz ele sobre uma queimada que assistiu: “fui assaltado pelos

²²⁷ Cf KARPINSKI, Cezar. Gentes e paisagens do rio Iguaçu na viagem expedicionária dos engenheiros Keller. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, 2012.

Bigg-Wither,
pgs. 131, 237

pensamentos das queimadas fantásticas à la Mayne Reid²²⁸ e todas as excitações que elas provocam: índios velozes, búfalos, cavalos, veados, viajantes e caçadores apanhados e queimados vivos". Diante dessa ideia, em sua narrativa o viajante insiste na noção de fronteira, uma separação entre civilização e barbárie, marcada, sobretudo, pelo racismo. Diz Bigg-Wither que a Oeste, depois de duas horas após cruzar o rio Tibagi, *"chegamos às fronteiras ocidentais"* das áreas de campos. Essa região de campos, *"situada 3.000 pés [aproximadamente 915 metros] acima do nível do mar, dentro de uma área de 20.000 [aproximadamente 32.000 quilômetros] milhas quadradas, que possui clima temperado e saudável, propícia à constituição das raças da Europa setentrional e central"*. Na cartografia, chama à atenção ainda a menção aos pântanos [*swamps*] a leste no litoral, e aos territórios dos índios botocudos [*indians botocudos*] e coroados [*indians coroados*] a oeste, como se o viajante destacasse a salubridade dos campos ainda que cercado de perigos.

Bigg-Wither,
pp. 350-352,
355.

A Oeste, nas matas do Ivaí, encontra-se a verdadeira antítese dos campos: o *"inferno terrestre"*, na qual Bigg-Wither esteve durante mais de um ano. Narra ele que: *"No dia 3 de Outubro, [...], passei pela última faixa de floresta que marcava a fronteira da Grande Planície. Oh, Deus! como me saltava dentro do peito o coração ao ver os grandes campos ondulantes, estendendo-se até o horizonte infinito, para chegar às vizinhanças do céu! Na excitação e entusiasmo do momento, saí da trilha e galopei até o salto de uma elevação, ali ficando pelo espaço de cinco minutos, o peito dilatado e os braços estendidos, a aspirar a brisa magnífica que vinha varrendo aquelas planícies, procedente do Atlântico. Senti-me como um prisioneiro solto de sua masmorra. Por treze meses eu não sabia o que era sentir um sopro de ar em meu rosto, nem ver mais longe do que podia alcançar minha voz. Gritei de prazer [...]. Fiquei surpreso quando pensei no tempo que pude suportar vivendo na floresta tropical. [...]* Essa sutil, mas poderosa influência, atuando através de diversas ge-

²²⁸ Thomas Mayne Reid, escritor estadunidense, nasceu em 1818, em Ballyroney, Irlanda. Ficou conhecido por suas novelas de aventuras ambientadas no oeste dos Estados Unidos da América.

Bigg-Wither,
p. 72.

rações, é, provavelmente, uma das causas que tornam, em geral, o índio da floresta tão inferior em espírito e iniciativa ao seu irmão do campo". Depois de sair do Sertão do Ivaí no dia 3 de Outubro de 1874 e chegar à capital Curitiba cinco dias depois, o viajante inglês relata que *"estávamos armados até os dentes, com pistola revólveres e compridas facas, tudo no cinturão em volta do corpo"*, fato esse que foi notado pelos habitantes da cidade-capital, em especial *"o elemento alemão"*: *"o povo se voltava nas ruas para nos olhar, querendo adivinhar talvez de que parte longínqua do mundo tínhamos vindo, pois as roupas do sertão e a aparência de viajantes indicavam que éramos forasteiros"*. Forasteiros dentro de uma mesma província, essa é a constatação de Bigg-Wither, que ressalta, sobretudo, a ideia de uma fronteira entre civilização e barbárie, sentida pelo porte de armas de fogo e facas, as mesmas facas que eram então portadas pelo viajante inglês haviam sido definidas alguns capítulos anteriores como *"de dimensões desconhecidas nos países civilizados"*.

3.9 — SOLO

Se os valores paisagísticos são também práticos, e seu prefixo remete às suas características físicas, as formas de povoamento humano e seus recursos, o solo é um elemento essencial para definir a paisagem. Todos os três viajantes dedicam atenção especial a esse item. Uma preocupação advinda de uma racionalidade técnica, que visa conhecer as potencialidades de amanhã racional e/ou de cultivo de pasto para a pecuária. Como visto, Bigg-Wither ao encontrar seu compatriota Edenborough comenta a má qualidade do solo dos Campos Gerais. Saint-Hilaire inicia o relato com a descrição geral que deixa a entender que o solo possibilita o cultivo qualquer tipo de cultura, mas, ao longo do texto, essa generalização é contradita, não pela qualidade do solo, mas pelo clima. Taunay não vê para os Campos Gerais nem um futuro pastoril, dada a imprestabilidade do solo para qualquer cultura, inclusive para que se pudessem replantar os pastos.

Bigg-Wither,
pgs.102, 121-
122.

Em seu segundo dia nos Campos Gerais, Bigg-Wither relata a seguinte impressão sobre o solo: *“pelas características gerais, o supsolo da campina parecia pobre. Na sua maior extensão havia uma camada vermelha e arenosa, onde o capim crescia em moitas isoladas. Aqui e ali alguns blocos de pedra cobertos de líquen, destacando-se pitorescamente das outras partes, em terrenos de altos e baixos. Esta região jamais poderia ser transformada em terra arável, pois até o capim duro ali parecia sofrer por falta de nutrição”*. Essa impressão foi confirmada logo após conhecer Mr. Edenborough, que contara a Bigg-Wither que *“tornar arável terra de campina era quase o mesmo que transformar regiões de matas na Inglaterra em campos lavrados. O arado não podia operar ali, sem que cada moita de capim, com suas profundas raízes, fosse primeiro arrancada à mão”*. A conclusão de engenheiro é bastante clara: *“a terra da campina, geralmente, não produz nenhum desses artigos [feijão preto, milho e arroz] ou, para falar mais acertadamente, não compensa cultivá-los ali (exceto para o gasto, sob certas condições) quando a terra da mata é dez vezes mais rica”*. Mr. Edenborough tentara também, sem sucesso, cultivar capim de origem inglesa em sua propriedade, mas

Bigg-Wither,
p. 122.

“o capim inglês não teve o desenvolvimento que ele esperava”. O conselho final de Bigg-Wither é de que “a criação de gado, e não a agricultura, deve ficar sempre como sendo o traço distintivo destas extensas campinas”.

Taunay, pgs.
133, 154-155.

O Visconde de Taunay se tivesse lido o relato de Bigg-Wither — o que provavelmente nunca aconteceu — teria concordado com as advertências do viajante inglês. O político brasileiro afirma que *“em todos estes campos, as terras férteis são escassas e mesmo a pouca espessura da camada arável aproveitável sobre o extenso lajeado não consente a cultura [...], em todos eles se notam, muito embora a sua formosura como paisagem, sinais evidentes de imprestabilidade para a cultura e até para servirem de simples pasto ao gado. Foi esta uma das decepções da minha viagem. Supusera antes de verificar por meus olhos o contrário, que aqueles campos todos poderiam dar lugar, em futuro mais ou menos chegado, ao desenvolvimento, na mais alta escala, da indústria pastoril, não com a erva que os cobre, mas depois de feito um plantio regular e científico de pastos, conforme se praticou e se pratica na Austrália, Nova Zelândia, em que vastas superfícies são cultivadas e plantadas de nevada grass e victoria grass, antes de entregues ao gado vacuum, cavalos e ovino”.*

Taunay finaliza seu relato sem esperanças de conserto para a má qualidade do solo dos Campos Gerais — que ele considera ser resultado em grande parte dos maus hábitos dos habitantes locais, em especial as queimadas. Possivelmente por isso o político insiste tanto na beleza da paisagem, em seu valor estético como ressaltado pela frase de D. Pedro II, ou na extração de madeira: *“atualmente a indústria pastoril, e sobretudo de cavalos, vai quase radicalmente desaparecendo nos Campos Gerais, verificando-se o prognóstico, aliás fácil como dedução lógica dos factos [...]*

As multiplicadas queimadas exauriram a terra, modificando-lhe os elementos que lhe eram próprios para auxiliarem e provocarem a vegetação, de maneira que hoje há grandes extensões que só pro-

duzem pasto enfezado e que não pode alimentar o gado por mais sóbrio e menos exigente que seja.

Aliás a constituição geológica de toda aquela região, [...], não favorece mais enérgica vegetação, por isso que a exígua camada de terra ou solo arável assenta sobre espesso e prolongado lageado.

Não fosse esta circunstância, em alguns e largos trechos insanável, o Paraná, sobretudo os Campos Gerais, teriam diante de si o mais próspero e brilhante futuro pastoril, se se tratasse do replantio dos pastos, como fazem com tamanho êxito a Austrália, a Nova Zelândia e muitos Estados da Confederação Norte Americana.

A cultura cuidadosa das ervas preconizadas para essa transformação, a nevada grass e victoria grass, substituindo em grandes extensões os pastos naturais, deu lugar a pasmosos resultados e originou o extraordinário e admirável movimento comercial, que, por meio dos vapores frigoríficos da Oceania, abastece os mercados de Londres de carne de vaca e de carneiro do mais delicado sabor, satisfazendo as exigências dos mais difíceis e meticulosos gastrônomos”.

Saint-Hilaire,
p. 12, 27, 28-31.

Na descrição geral Saint-Hilaire diz que os Campos Gerais são uma dessas regiões que se distinguem por “seu solo”, que essa região desfruta “de uma grande vantagem: suas terras não se esgotam em poucos anos, como ocorre na província de Minas, e quando isso acontece é fácil devolver-lhes, com um pequeno período de descanso, a primitiva fertilidade”. O naturalista ainda dá exemplos de várias plantas que, segundo ele, eram cultivadas com bons resultados: feijão, trigo, milho, arroz, fumo e linho, e aconselha que “seria extremamente proveitoso que fossem trazidas da Europa novas sementes”. A conclusão é a de que “não são só os nossos cereais e o nosso linho que se cultivam nessa bela região; ali se plantam também com bons resultados quase todas as nossas árvores frutíferas. Infelizmente, como já tive ocasião de dizer, a época das chuvas mais abundantes coincide com a da maturação dos frutos, e estes nunca ou quase nunca atingem o grau máximo de perfeição. Deve ser, porém, feita uma exceção para os figos, que, como os de Minas, são excelentes. Saboreei também, em fevereiro, uvas brancas de muito

Saint-Hilaire,
p. 32.

boa qualidade.” Tudo isso para afirmar que se os colonos su-
íços que foram para Cantagalo no Rio de Janeiro fossem enviados
aos Campos Gerais teriam encontrado “*um solo no qual poderão de-
senvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados*”.

Todos os viajantes compreendem essa dimensão prática, essa di-
mensão cotidiana da vida humana da paisagem em seus relatos e,
sobretudo, pelo incentivo à imigração de trabalhadores europeus,
destacam as qualidades e/ou deficiências do solo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] quando a obra está feita [há] uma espécie de decepção, de chatice final do objeto: *como? é somente isso?* (a primeira releitura é penosa), *passemos logo a outra coisa!*

(Roland Barthes, *A preparação do romance*, vol. II)

Do início da redação desse texto até a data de sua finalização praticamente um ano se passou. Nos arredores que descrevi na apresentação pouca coisa mudou, na verdade nada que seja digno de uma descrição detalhada: alguns vizinhos pintaram as casas, o inverno desse ano tem sido mais rigoroso que o anterior, enfim, mudanças poucas, magras, que não enchem uma página.

Em outro sentido, o percurso do texto e da pesquisa propôs uma leitura crítica dos relatos analisados.

No primeiro capítulo a proposta era discutir sistematicamente os relatos de viagem selecionados, desde uma contextualização a uma crítica narratológica, passando por uma análise da biografia dos viajantes e o surgimento das chamadas viagens científicas. Esse percurso intentava mostrar as redes de interesse, tanto pessoais (profissionais) quanto institucionais, que determinou o tipo de viagem e de relato produzidos no século XIX. A partir disso foi possível compreender que, apesar da subjetividade de cada um dos viajantes, os relatos de viagem do período possuíam uma estrutura comum, uma sistemática de interesses e financiamentos, que buscava unir à fluência narrativa de uma história contada um inventário mais ou menos sistemático de recursos possivelmente exploráveis.

A partir da análise narratológica é possível compreender as astúcias narrativas utilizadas para a composição dos relatos: a heroicização actancial, os pactos estabelecidos (palavra religiosa que demonstra a força quase de fé que o ato da leitura requisita) tanto literários quanto com os poderes, a autópsia, a estereotipia, etc.

O conceito de paisagem, discutido no segundo capítulo, visou expor a complexidade e o protagonismo dessa noção para a análise aqui proposta. O rizoma paisagem (em que se ligam termos tais como observador, perspectiva, olhar e ponto de vista) nos ajuda a compreender que um conjunto de ideias informa e molda a nossa visão da realidade e, conseqüentemente, determina a avaliação do meio. Esse conceito e essa percepção não são transcendentais, são ideias construídas em

função de necessidades ou interesses e, portanto, são históricas, datadas e especializadas.

O olhar dos viajantes, suas lentes culturais, era informado por termos diversos, desde as teorias neo-hipocráticas da terapêutica à oposição emergente entre campo e cidade, passando pela geologia e o racismo. Nesse sentido é possível compreender a influência exercida por Alexander von Humboldt, tanto para a apreciação do espaço quanto para a composição dos relatos de viagem, e como o conceito de paisagem tornou-se um protagonista nesse tipo de escrita.

A imigração de trabalhadores estrangeiros foi exaltada pelos três viajantes e a paisagem dos Campos Gerais foi por eles considerada como quase ideal dentro desse projeto, sobretudo porque esses imigrantes seriam capazes de corrigir as “deficiências” da paisagem. A raiz do conceito permite entender as estreitas relações entre o espaço e as formas de ocupação humana, como exposto com as noções de país, paisagem e paisano.

Outro elemento importante para que se possa compreender a noção de paisagem, e sua escrita em um relato de viagem, é o afastamento que o viajante mantém, a distância entre as culturas: o próprio conceito implica em separação e observação; para que um determinado meio venha a ser uma paisagem, para que possa ser enunciado enquanto paisagem, é necessária uma clivagem.

Na seção denominada *Figuras* as discussões e procedimentos analíticos do primeiro e segundo capítulos foram retomados para abordar, de forma mais atenta, os relatos de viagem. Seguiu-se a premissa de que em uma narrativa a contingência entre a experiência e os esforços para descrevê-la linguisticamente são ocultos pelo decorrer pacífico de uma história que nos é contada — o termo pacífico é interessante, pois nos alerta sobre o potencial pacificador das narrativas, como tanto insistem autores do pensamento pós-colonial.

A tríplice demarcação discursiva do relato de viagem (narração, descrição e comentário) é destacada ao se fragmentar os textos e expô-los em função de elementos que compõem (compunham) a paisagem e noções importantes para a percepção e apreciação da paisagem. Assim, para que se possa compreender o quanto a primeira impressão do contato com os Campos Gerais foi importante para a experiência do viajante, trechos dispersos foram reunidos na figura *Entrada*, e as suas impressões demonstram certo fascínio e admiração. Essa fascinação inicial é então

substituída por um sentimento de monotonia, destacado nas figuras *Vastidão* e *Limites*.

As deficiências da paisagem são apontadas pelos viajantes a partir de comentários sobre sua extensão e os, por eles considerados, maus hábitos dos nativos, como a preguiça, a falta de noções de regularidade e disciplina; esses comentários dispersos foram reunidos em figuras como *Água; Jardins, pomares e Hortas; Solo*. A presença autóctone, os indígenas, e as ideias racialistas estão expostas em *Cores/Contrastes*. E, também, a função de inventário dos relatos de viagem está destacada nas mesmas figuras anteriores, além de *Rochas e Pinheiro*.

Os valores paisagísticos são tão estéticos quanto práticos. Por um lado, os relatos de viagem, enquanto narrativas de descoberta e exploração, inventário das diferenças e potencialidades, que buscavam engajar o público leitor em certos empreendimentos, escreveram parte do mundo e deram a ver a diversidade das paisagens do planeta. Por outro lado, muitas das imagens que esses viajantes construíram deixaram marcas nas práticas sociais: o racismo, a exploração irracional dos recursos por eles apontados com pródigos, o eurocentrismo, o fortalecimentos das elites locais, etc.

Os três viajantes eram homens, brancos, integrantes de elites políticas e econômicas. Seus relatos afirmavam a autoridade discursiva de seus lugares sociais, suas representações ajudaram a firmar sentidos para a sociedade paranaense, (re)produziram a violência dos estereótipos afirmada pela narrativa. Ainda que aceitemos a máxima de que não é qualquer um que pode falar qualquer coisa em qualquer lugar, nada nos impede de realizarmos uma releitura crítica de suas obras.

... passemos então à outra coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. Belo Horizonte/Itatiaia/São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDREOTTI, Giuliana. *Paisagens culturais*. Tradução de Ana Paula Bellenzier [et al]. Curitiba : UFPR, 2013.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance I: da vida à obra*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A preparação do romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos no Collège de France, 1976-1977; texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes).

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes).

_____. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978; texto estabelecido, anotado e apresentado por Thomas Clerc*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes).

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter, et al. *Textos Escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno e Jürgen Habermas*. Tradução de Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores), p. 258.

BERQUE, Augustin. Des eaux de la montagne au paysage (La naissance du concept de paysage en Chine). s.d. Disponível em : fondazione.univ-corse.fr/attachment/407753/ . Acesso em 22/06/2015.

_____. Paysage, milieu, histoire. In : _____ (Dir.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1994.

_____. Introduction. In : _____ (Dir.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1994.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIGG-WITHER, Thomas P.. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos — 1872/1875*. Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Ufpr, 1974.

_____. O vale do Tibagi, Brasil. Tradução de Thomas Bonnici. In: ARRUDA, Gilmar (org.). *A natureza dos rios: história, memória e territórios*. Curitiba: Ufpr, 2008.

_____. *Pioneering in South Brazil. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná, vol.I*. London: John Murray, 1878.

_____. *Pioneering in South Brazil. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná, vol.II*. London: John Murray, 1878.

BLANC, Claudio. Diários de um Clássico. In: TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Saraiva, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720–1914). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CARDOSO, Sérgio. O olhar do viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

CARNEIRO, Newton. Nota biográfica de Thomas Plantagenet Bigg-Wither. In: BIGG-WITHER, Thomas P.. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos — 1872/1875*. Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Ufpr, 1974.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. Tradução de Eva Nunes Chatel. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Maria Miguel (org.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2013.

CORBIN, Alain. *L’homme dans le paysage. Entretien avec Jean Lebrun*. Paris : Textuel, 2001.

CORREIA COELHO, Salvador José. *Passeio à minha terra*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Coleção Farol do Saber).

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba: UFPR, 2004. Tese (Doutorado em História).

CUNHA, Carlos Manuel F. da. *Da impossível atopia...* Braga: Centro de Estudos Humanísticos, 1994.

DESCOLA, Philippe. *Anthropologie de la nature. Cours : les formes du paysage. I., Annuaire du Collège de France 2011-2012, Résumé des cours et travaux 112^e année*, Paris, 2013.

_____. *Anthropologie de la nature. Cours : les formes du paysage. I (suite), Annuaire du Collège de France 2012-2013, Résumé des cours et travaux 113^e année*, Paris, 2014.

_____. *Écologie symbolique. Annuaire de l'EHESS*, Paris, 2006.

_____. *Les formes du paysage : cours au Collège de France, 2010-2011, 29 février 2012*. Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/site/philippe-descola/course-2012-02-29-14h00.htm>. Acesso 18/02/2015.

DONADIEU, Pierre. Des sciences écologiques à l'art du paysage ou l'invention du sauvage dans les marais paysagistes. *Courrier de l'environnement de l'INRA* n°35, nov., Paris, 1998. Disponível em: <http://www7.inra.fr/dpenv/sommrc35.htm>. Acesso em 27/09/2015.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil — 2*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GASSNER, Hubertus. *O Caminhante sobre o Mar de Névoa*, s/d, s/p. Disponível em: <https://www.deutschland.de/pt/topic/cultura/artes-arquitetura/o-caminhante-sobre-o-mar-de-nevoa>. Acesso em 25/06/2015.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da Narrativa. In: BARTHES, Roland; et all. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Semântica estrutural*. Tradução de Haquira Osakbe e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HOLANDA, Sergio Buarque. A herança colonial — sua desagregação. In: _____. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira* (Tomo II, Volume I). São Paulo: DIFEL, 1970.

_____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Mini dicionário Houaiss da língua portuguesa* (verbete Viagem). Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

KARPINSKI, Cezar. Gentes e paisagens do rio Iguaçu na viagem expedicionária dos engenheiros Keller. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, 2012.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellèctus*, São Paulo, ano 2, n. 1.

KRAUSS, Henrich. *O Paraíso: de Adão e Eva às utopias contemporâneas*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2006.

LE HUENEN, Roland. Le récit de voyage: l'Entrée en littérature. *Études littéraires*, vol. 20, n. 1, 1987, p. 45.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *Um polígrafo contumaz (O Visconde de Taunay e os fios da memória)*. Campinas Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Teoria Literária, 1996.

MELO, Mário Sérgio de; MORO, Rosemeri Segecin; GUIMARÃES, Gilson Burigo. Os Campos Gerais do Paraná. In: _____. (ed.). *Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa: Uepg, 2007.

MOSCATO, Daniela Casoni. Viajantes leitores: algumas considerações acerca da presença das obras dos naturalistas brasileiros setecentistas nos relatos de viagem dos oitocentos. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, 2010.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes In: _____. (org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1986.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do verbo, 2001.

OUELLET, Réal. *La relation de Voyage en Amérique (XVI^e-XVIII^e siècles). Au carrefour de genres*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.

Pioneering in south Brazil [first notice.]. *The Spectator*. Londres, p. 20, 11 mai, 1878.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

Relatório do presidente da província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba: Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997.

ROSSATO, Luciana. *A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Itajaí: UNIVALI, 2007.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Cisplatina e Missões do Paraguay*. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins Fontes/Edusp, 1972.

_____. *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Saint Catherine, tome second*. Paris: Arthus Bertrand, Libraire Éditeur, 1851.

_____. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Farol do Saber).

_____. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* (tomo I). Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. *Paisagem Ambiente: ensaios*, São Paulo, no. 20, 2005.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TAUNAY, Alfredo de Escagnolle, Visconde de. *Curiosidades Naturais do Paraná*. In: _____. *Paisagens brasileiras*. Brasília: Senado Federal, 2007.

_____. *Inocência*. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. *Memórias*. São Paulo: Iluminura, 2004.

_____. *Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava*. In: _____. *Visões do Sertão*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1923.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Edue, 2012.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Tradução de Antonio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987.

WHITE, Hayden. El valor de la narrativa en la representación de la realidad. In: _____. *El contenido de la forma: narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, S.A, 1992.

WILLIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In: _____. *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. “A semente de uma grande cidade”: uma leitura dos discursos construídos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa, *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol. 14, no. 2, 2009.